



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Renata Pinto Vasconcelos

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Artistas de Palmo e Meio: Artes Plásticas no Jardim de Infância

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor Carlos Alberto dos Santos Almeida

Abril de 2017

“Toda a criança é um artista de qualquer tipo cujas capacidades especiais, mesmo que insignificantes, devem ser encorajadas como contributo para a riqueza infinita da vida em comum.”

Herbert Read

AGRADECIMENTOS

Este relatório é o culminar de todo um percurso académico do qual fizeram parte várias pessoas. Como tal, não posso deixar de reconhecer e demonstrar a minha enorme gratidão àquelas que comigo viram a minha formação evoluir.

A orientação nesta etapa foi fundamental, a qual partiu do Professor Doutor Carlos Almeida, a quem agradeço pela disponibilidade e conhecimentos que comigo partilhou. E, também, a todos os Docentes do Mestrado em Educação Pré-Escolar pelos ensinamentos e experiência que me foram transmitindo ao longo deste percurso.

O meu agradecimento mais especial vai para os meus pais, pela formação, pela educação, pelos valores e princípios e, acima de tudo, pelo apoio incondicional. Especialmente à minha mãe, tendo em conta tudo aquilo que me tem permitido e proporcionado. Obrigada por sempre acreditares em mim e não me deixares nunca desistir do sonho.

À minha irmã, por todo o encorajamento nos momentos de maior desânimo e por todo o orgulho demonstrado em cada uma das etapas alcançadas.

À restante família, pelo apoio que me deram nas mais diversas formas, devo-lhes um grande agradecimento.

Ao Mário, companheiro e amigo, que me acompanhou nos momentos mais difíceis e também nos momentos mais felizes, dando-me força, apoio, carinho e amor que me confortou e ajudou a lutar todos os dias por esta conquista.

À Catarina, amiga de infância, que sempre teve uma palavra de incentivo, que se preocupou comigo e me apoiou, obrigada.

Obrigada à minha colega e par de estágio Carla, pela cooperação durante todo este processo em que pude contar com ela.

A todas as minhas colegas, companheiras de jornada, pela partilha e amizade.

Às crianças com quem desenvolvi este estudo, por se deixarem envolver e por me surpreenderem com suas fascinantes atitudes e respostas.

Obrigada, ainda, à Educadora Cooperante Cármen Guerra, por ter dado a liberdade e transmitido confiança na implementação deste projeto. Foi uma grande aprendizagem.

Por fim, deixo um agradecimento geral a todos aqueles que de uma forma direta ou indireta participaram em momentos importantes desta etapa.

RESUMO

O presente relatório enquadra-se no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Esta prática foi desenvolvida num Jardim de Infância do Agrupamento de Escolas de Abelheira, no distrito de Viana do Castelo e envolveu um grupo de 24 crianças com 4 anos de idade.

Neste estudo é explorado o subdomínio das Artes Visuais, focando-se numa perspectiva educacional para promover a experiência de aprendizagem explorando diferentes técnicas/modalidades, de forma a favorecer o desenvolvimento da criatividade e imaginação.

Tendo-se verificado a ausência de práticas de experiências diversificadas ao nível das Artes Visuais, decidiu-se implementar atividades inovadoras e que potenciam a motivação das crianças. A maior preocupação foi responder aos interesses e às necessidades das crianças, de modo a enriquecer e aumentar as possibilidades de a criança adquirir competências e saberes que a acompanharão ao longo de toda a vida.

Para tal, foram traçadas duas questões de investigação que orientaram e influenciaram todo o trabalho desenvolvido, servindo assim como um fio condutor para este estudo: “Como motivar as crianças para as atividades de Artes Visuais?” e “Como promover e incentivar à imaginação e criatividade?”.

Na realização do estudo recorreu-se a uma metodologia de natureza qualitativa, assente na Metodologia de Trabalho de Projeto, sendo que para a recolha e análise de dados foram utilizados instrumentos como a observação participante, as notas de campo, os registos fotográficos, os registos das crianças e o questionário, a fim de obter uma análise e avaliação mais pormenorizada das ações dos participantes.

Os resultados deste estudo confirmam que as atividades desenvolvidas foram significativas para o desenvolvimento das crianças e promotoras das suas aprendizagens. Ou seja, com atividades apelativas as crianças aumentaram os índices de motivação para as tarefas e a diversificação das atividades propostas permitiam às crianças aprofundarem os seus conhecimentos de uma forma consistente.

Neste estudo, podemos concluir que através de atividades apelativas, diversificadas, inovadoras, como o caso do recurso a artistas plásticos conceituados, bem como da aplicação de diferentes técnicas/modalidades inerentes às Artes Visuais, articuladas e de acordo com o nível de desenvolvimento das crianças, aumentam os índices motivacionais para as práticas Artísticas. Em consequência, favorecem a criação de condições ideais que facilitam a implementação e incentivo de atividades que promovem a imaginação e desenvolvimento da criatividade.

Abril de 2017

Palavra-chave: Pré-Escolar; Artes Visuais; criatividade; imaginação; motivação.

ABSTRACT

This report falls within the scope of the Practical Course on Supervised Teaching II of the Master's in Pre-School Education. This practice was developed in a Kindergarten of the Abelheira Schools Group, in the district of Viana do Castelo, and involved a group of 24 four-year-old children.

This study explores the subdomain of the Visual Arts, focusing on an educational perspective to promote the learning experience by exploring different techniques / modalities, in order to favor the development of creativity and imagination.

Having verified the absence of practices of diversified experiences in the Visual Arts, it was decided to implement innovative activities and that motivate the children's motivation. The main concern was responding to the interests and needs of children in order to enrich and increase the possibilities for children to acquire skills and knowledge that will accompany them throughout their lives.

To do this, two research questions were drawn that guided and influenced all the work developed, thus serving as a guiding thread for this study: "How to motivate children for Visual Arts activities?" and "How to promote and encourage the imagination and Creativity?".

The study was based on a methodology of a qualitative nature, based on the Project Work Methodology, and for the collection and analysis of data were used instruments such as participant observation, field notes, photographic records, records and the questionnaire, in order to obtain a more detailed analysis and evaluation of the participants' actions.

The results of this study confirm that the activities developed were significant for the development of the children and promoters of their learning. That is, with appealing activities the children increased the motivation indexes for the tasks and the diversification of the proposed activities allowed the children to deepen their knowledge in a consistent way.

In this study, we can conclude that through appealing, diversified and innovative activities, such as the use of renowned visual artists, as well as the application of different techniques / modalities inherent to the Visual Arts, articulated and according to the level of development of the children, increase the motivational indexes for the artistic practices. Consequently, they favor the creation of ideal conditions that facilitate the implementation and encouragement of activities that promote the imagination and development of creativity.

April 2017

Keyword: Preschool; Visual arts; Creativity; imagination; motivation.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
ABSTRACT.....	ix
ÍNDICE	xi
LISTA DE FIGURAS	xv
LISTA DE TABELAS	xvii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO	5
1 Caracterização do meio	5
2 Caraterização do agrupamento	6
3 Caracterização do Jardim de Infância e sala de atividades	7
4 Caracterização do grupo de crianças	16
CAPÍTULO II – O ESTUDO.....	27
1 Enquadramento do estudo	27
1.1. Contextualização e pertinência do estudo.....	27
1.2. Problemática do estudo	29
1.3. Questão de Investigação	30
1.4. Objetivos do estudo	30
2 Fundamentação teórica do estudo.....	31
2.1. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar	31
2.2. A importância das Artes Visuais na Educação Pré-Escolar	34
2.3. A criatividade e a imaginação	36

2.4.	O desenvolvimento da criatividade e da imaginação na Educação Pré-Escolar.....	38
2.5.	O educador enquanto agente motivacional	41
3	Metodologia adotada	43
3.1.	Opções metodológicas	43
3.2.	O papel do investigador	46
3.3.	Caracterização dos participantes do estudo	47
3.4.	Organização do estudo.....	48
3.5.	Instrumentos de recolha de dados adotados	49
3.5.1.	Observação participante	50
3.5.2.	Notas de campo.....	52
3.5.3.	Registos fotográficos	53
3.5.4.	Registos das crianças	54
3.5.5.	Questionário	55
3.6.	Processo de tratamento de dados: análise de conteúdo	56
3.7.	Tarefas propostas.....	57
4.	Apresentação e discussão dos resultados	61
4.1.	Tarefa 1 – Introdução ao Dia dos “Artistas”	61
4.1.1.	Reflexão da tarefa 1.....	69
4.2.	Tarefa 2 – Damien Hirst – Pinturas giratórias	71
4.2.1.	Reflexão da tarefa 2.....	76
4.3.	Tarefa 3 – Pablo Picasso – Construções (colagens)	79
4.3.1.	Reflexão da tarefa 3.....	86
4.4.	Tarefa 4 – Franz Marc – Pintura	88
4.4.1.	Reflexão da tarefa 4.....	97

4.5. Tarefa 5 – Alberto Giacometti – Escultura	99
4.5.1. Reflexão da tarefa 5.....	107
4.6. Tarefa 6 – Exposição – “Artistas de Palma e Meio”	108
4.6.1. Reflexão da tarefa 6.....	116
5 Conclusões	119
5.1. Conclusões do estudo	119
5.2. Limitações do estudo e recomendações para investigações futuras	126
CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
Bibliografia Infantil.....	141
ANEXOS	145
Anexo 1 – Guião de observação	145
Anexo 2 – Pedido de autorização para filmagens ou fotografia	147
Anexo 3 – Questionário aos pais	149
Anexo 4 – Planificação da tarefa 1	151
Anexo 5 – Livro “O ponto” de Peter H. Reynolds	157
Anexo 6 – Imagem da paleta de cores	163
Anexo 7 – Imagem crachás.....	163
Anexo 8 – Planificação da tarefa 2	165
Anexo 9 – Grelhas de pontos de Damien Hirst.....	169
Anexo 10 – Pinturas giratórias de Damien Hirst.....	171
Anexo 11 – Planificação da tarefa 3	173
Anexo 12 - Pintura de Pablo Picasso.....	179
Anexo 13 – Construção de Pablo Picasso	179

Anexo 14 – Planificação tarefa 4	181
Anexo 15 – Livro “O artista que pintou um cavalo azul” de Eric Carle	187
Anexo 16 – Obras de Franz Marc (cavalo azul, raposa roxa e vaca amarela)	191
Anexo 17 – Planificação tarefa 5	193
Anexo 18 – Esculturas de Alberto Giacometti (o gato e a cidade)	197
Anexo 19 – Livro “Tesouros de Arte” de Rosie Dickins (“figuras em papel de alumínio”)..	199
Anexo 20 – Planificação tarefa 6	201
Anexo 21 – Livro “O museu” de Susan Verde.....	205
Anexo 22 – Convite para a exposição: Artistas de Palmo e Meio	211
Anexo 23 – Cartazes dos artistas Damien Hirst, Pablo Picasso, Franz Marc e Alberto Giacometti.....	213

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Área das construções	11
Figura 2. Área da cozinha	12
Figura 3. Área do quarto	12
Figura 4. Área dos jogos de mesa	13
Figura 5. Área da biblioteca	14
Figura 6. Área das Artes Visuais: espaço da pintura, espaço do recorte e colagem e espaço do desenho	14
Figura 7. Área do computador	15
Figura 8. Reação do grupo à folha branca com o ponto	62
Figura 9. Exploração da capa do livro: "O ponto"	63
Figura 10. Atenção das crianças à leitura da história	64
Figura 11. Alguns trabalhos realizados pelas crianças ("O que desenhaste com o ponto?")	67
Figura 12. Crachás "Dia dos Artistas"	68
Figura 13. Paleta de cores em grande escala realizada em conjunto com as crianças	69
Figura 14. Criança CV a realizar uma pintura relacionada com a história "O ponto"	70
Figura 15. Paleta de cores "Dia dos Artista"	71
Figura 16. Exploração das grelhas de pontos	72
Figura 17. Exploração das pinturas giratórias	73
Figura 18. Algumas reações das crianças face ao material e à técnica utilizada	75
Figura 19. Pinturas giratórias expostas na sala de atividades	76
Figura 20. Desenho realizado pela criança HS sobre o tema abordado	78
Figura 21. Exploração da pintura de Pablo Picasso	80
Figura 22. Exploração das construções de Pablo Picasso	81

Figura 23. Exploração individual das obras.....	82
Figura 24. Algumas crianças a realizarem a colagem	84
Figura 25. Algumas construções realizadas pelas crianças.....	86
Figura 26. Exploração da capa do livro	89
Figura 27. Atenção das crianças durante a leitura	90
Figura 28. Exploração das obras de arte de Franz Marc.....	91
Figura 29. Exploração individual das obras de arte	91
Figura 30. Cavalete de cartão	92
Figura 31. Preparação da sala de atividades.....	94
Figura 32. Crianças a realizar a pintura.....	95
Figura 33. Alguns trabalhos realizados pelas crianças ao estilo de Franz Marc.....	97
Figura 34. Crianças VP e RF a explorarem as obras de arte comparando com o livro "O artista que pintou um cavalo azul"	99
Figura 35. Exploração das obras de Alberto Giacometti	101
Figura 36. Exploração do livro "Tesouros de Arte"	102
Figura 37. Algumas crianças a realizar as esculturas	104
Figura 38. Algumas esculturas realizadas pelas crianças.....	106
Figura 39. Exposição: "Artistas de Palmo e Meio"	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Horário de funcionamento do Jardim de Infância.....	8
Tabela 2. Mapa de atividades	10
Tabela 3. Caracterização dos participantes	48
Tabela 4. Calendarização do estudo	49
Tabela 5. Tarefas implementadas	59
Tabela 6. Observação da atividade referente à leitura do livro: "O Ponto"	65
Tabela 7. Respostas à questão: "O que desenhaste com o ponto?"	66
Tabela 8. Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto.....	74
Tabela 9. Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto.....	83
Tabela 10. Respostas à questão: "O que construístes nessa colagem?"	85
Tabela 11. Observação da atividade referente à leitura do livro: "O artista que pintou um cavalo azul"	93
Tabela 12. Respostas à questão: "O que pintaste?"	96
Tabela 13. Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto....	103
Tabela 14. Respostas à questão: "Que escultura realizaste?"	105
Tabela 15. Observação da atividade referente à leitura do livro: "O museu" e ao desafio proposto	110
Tabela 16. Respostas à questão 1 – Como teve conhecimento do projeto Artistas de Palmo e Meio?	112
Tabela 17. Respostas aos aspetos da questão 2	113
Tabela 18. Respostas à questão 3 – A criança falava em casa acerca deste projeto? Se sim que tipo de comentário fazia?	114
Tabela 19. Respostas à questão 4 – Qual a sua opinião geral sobre o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto?.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS

EE – Encarregado de Educação

JI – Jardim de Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

PNL – Plano Nacional de Leitura

INTRODUÇÃO

O presente relatório “Artistas de Palmo e Meio: Artes Plásticas no Jardim de Infância”, insere-se no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Educação Pré-Escolar. A prática desenvolvida permitiu-me observar, refletir e intervir no desenvolvimento das crianças em contexto Pré-Escolar. O contexto educativo da PES II é um Jardim de Infância pertencente ao Agrupamento de Escolas de Abelheira, no concelho e distrito de Viana do Castelo. O grupo de participantes no estudo é composto por 24 crianças com 4 anos de idade.

Através das observações realizadas no referido contexto, surgiu o problema de investigação que está na base deste estudo, a ausência de práticas de experiências diversificadas ao nível das Artes Visuais. Neste contexto e partindo dos interesses e necessidades das crianças, pretendo com este projeto dar resposta à referida necessidade encontrada, implementando atividades inovadoras e promovendo atividades que potenciam a motivação das crianças.

Com este propósito, foram delineadas duas questões de investigação que orientaram e influenciaram todo o trabalho desenvolvido, servindo assim como um fio condutor para este estudo: “Como motivar as crianças para as atividades de Artes Visuais?” e “Como promover e incentivar à imaginação e criatividade?”. De forma a dar resposta às questões de investigação deste estudo e reconsiderando a importância da motivação das crianças para a realização das atividades, foram definidos os seguintes objetivos: (i) Promover a experiência de aprendizagem recorrendo às Artes Visuais, de forma a favorecer o desenvolvimento da criatividade e imaginação; (ii) Proporcionar às crianças diferentes modalidades/técnicas de Artes visuais; (iii) Desenvolver a criatividade e imaginação através de atividades cativantes; e (iv) Promover a motivação das crianças.

Relativamente à organização, optou-se por estruturar o relatório em três capítulos fundamentais.

O primeiro corresponde à caracterização do contexto educativo da PES II. Começa-se por caracterizar o meio e o agrupamento, descrevendo em seguida as características do Jardim de Infância e da sala de atividades em que se realizou a prática, posteriormente caracteriza-se o grupo de crianças que participaram neste estudo.

O segundo capítulo do relatório refere-se ao estudo realizado, que está subdividido em cinco secções. A primeira apresenta o enquadramento do estudo desenvolvido em torno do tema das Artes Visuais, fazendo referência à contextualização e pertinência do estudo, apresentando a problemática, a questão de investigação e os objetivos. De seguida, é apresentada uma fundamentação teórica sustentada com base na literatura atual de referência. Esta encontra-se dividida em cinco subsecções, designadamente (i) As artes visuais na educação pré-escolar; (ii) A importância das artes visuais na educação pré-escolar; (iii) A criatividade e a imaginação; (iv) O desenvolvimento da criatividade e imaginação; e (v) O educador enquanto agente motivacional. Na terceira secção define-se a metodologia adotada, descrevendo as opções metodológicas assumidas, o papel do investigador, a caracterização dos participantes do estudo e a organização do estudo, sendo ainda apresentados os métodos e técnicas de recolha de dados adotados, descrevendo o modo como foram analisados, o processo de tratamento de dados e as tarefas propostas. Segue-se a quarta secção onde é apresentada a análise e interpretação dos dados, estando organizada pela ordem das seis tarefas implementadas. Por último, são apresentadas as conclusões do estudo.

No terceiro e último capítulo deste relatório apresenta-se uma reflexão final sobre o decorrer de todo o processo relacionado com a Prática de Ensino Supervisionada (PES I e PES II).

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

Neste primeiro capítulo do relatório é apresentada a caracterização do contexto educativo onde foi desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada II (PES II). Inicia-se pela caracterização do agrupamento. De seguida, apresenta-se a caracterização da instituição e da sala de atividades. Por último, é realizada a caracterização do grupo de crianças nas diferentes áreas e domínios.

1 Caracterização do meio

O Jardim de Infância (JI) onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada II, faz parte da rede pública de ensino pertencente ao concelho de Viana do Castelo, cidade situada na região Minho-Lima. O JI, situa-se numa freguesia composta por 7,47 km² de área e 9.782 habitantes, densidade: 1.162,7 hab/km², segundo os censos realizados no ano de 2011 (INE, 2011).

É de salientar que a população é formada por 1579 habitantes sem nenhum nível de instrução, existem 1860 habitantes com o 1º ciclo de escolaridade, 1230 com o 2º ciclo de escolaridade, 1723 com o 3º ciclo escolaridade, 1533 com o ensino secundário, 127 com pós-graduação e 1730 com o ensino superior (INE, 2011).

As principais atividades económicas da freguesia são a agricultura, a pecuária, o comércio e a indústria.

A nível cultural, existem várias coletividades que ajudam a promover a freguesia, como a Associação Cultural e Educação Popular (ACEP), o Grupo Folclórico das Lavradeiras e Ronda Típica desta freguesia, o Centro Social e Cultural, a Associação de Dadores de Sangue e a Associação de Columbófila e, ainda, grupos de Escuteiros e Guias de Portugal.

Esta freguesia possui várias instalações de apoio à Educação, o Centro Social e Cultural, onde está implantado o centro de dia para a terceira idade, uma creche, um atelier e um polidesportivo que apoia o JI e toda a comunidade local. Neste edifício, as crianças do JI praticam aulas de patinagem (protocolo com a Câmara Municipal de Viana do Castelo) e também efetuam sessões de educação física que são orientadas e dirigidas pelas educadoras, das respetivas salas do JI.

2 Caracterização do agrupamento

O Jardim de Infância onde decorreu a PES II, pertence ao Agrupamento de Escolas de Abelheira, no concelho e distrito de Viana do Castelo. Criado no ano letivo 1998-1999, foi gradualmente assimilando, na sua constituição, escolas e jardins de infância da cidade e periferia, com uma configuração final que inclui cinco estabelecimentos de educação/ensino.

Existem seis instituições de ensino pertencentes a este agrupamento. Constituídas por 65 turmas, sendo estas do pré-escolar, 1ºciclo, 2ºciclo e 3ºciclo, com aproximadamente 1450 alunos, dos quais 28 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Este também acolhe 120 docentes, 24 assistentes operacionais e mais 29 pessoas que ocupam cargos administrativos, entre outros (Abelheira, 2013).

Todos os estabelecimentos do agrupamento localizam-se em espaços que outrora foram zonas rurais, sendo hoje, dado o significativo aumento da população entretanto registado, zonas habitacionais de elevada densidade populacional.

Ainda que este agrupamento se localize nos limites da cidade, é com relativa facilidade que se consegue chegar ao centro histórico, onde se pode desfrutar da beleza arquitetónica disseminada pelos vários monumentos existentes na cidade, bem como usufruir dos vários equipamentos, tanto culturais como de lazer, postos à disposição de locais e visitantes.

Do Agrupamento fazem parte, desde há alguns anos, duas Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo-cegueira Congénita.

3 Caracterização do Jardim de Infância e sala de atividades

No Jardim de Infância onde foi desenvolvida a PES II, pertencente ao agrupamento de Escolas de Abelheira de Viana do Castelo, a população, compreendia cerca de 150 crianças com idades entre os 3 e 6 anos. Estas crianças foram distribuídas por seis salas de atividades. O corpo docente era constituído por sete educadoras, sendo que uma não tinha componente letiva e apoiava as salas que necessitassem e, ainda, uma professora de expressão musical ao serviço da Câmara Municipal, em regime de coadjuvância. O pessoal não docente era constituído por quatro assistentes operacionais, duas tarefeiras, uma cozinheira e uma ajudante de cozinha.

Em relação às infraestruturas, o JI apresenta um edifício único, constituído por um piso e composto no seu centro por amplos espaços que servem de recreio, que proporciona momentos educativos intencionais, uma vez que tem outras características e potencialidades, tornando-se um prolongamento do espaço interior, para as crianças.

As instalações do JI são novas, está preparado com equipamentos modernos e o espaço está pensado para a atualidade.

Devido à estrutura do edifício, beneficia de bastante luminosidade, já que as paredes que estão viradas para sul são compostas por vidros, que transmitem luz natural às salas proporcionando assim um excelente ambiente para a prática educativa. O jardim está, ainda, dotado de aquecimento central.

Este JI possui igualmente espaços comuns a todas as crianças bem como espaços reservados a cada um dos grupos.

Quanto à sua organização, é composto por seis salas de atividades, com as dimensões recomendadas, bem como um polivalente amplo com materiais de apoio à realização de várias atividades, como arcos, mecos, tuneis, cordas, colchões, entre outros. Neste espaço, também existem recursos audiovisuais, como televisão, leitor de DVD'S e CD'S, uma vez que o polivalente é utilizado como sala de acolhimento à chegada das crianças.

No mesmo edifício existem um gabinete para as educadoras, dotado de computadores, bem como uma casa de banho; uma sala para as educadoras e assistentes operacionais guardarem os seus pertences; uma cantina escolar, que contém sete conjuntos de mesas, que não são homogéneas devido às diferentes idades das crianças; uma biblioteca, onde, para além de livros infantis, tem vários materiais para as ciências experimentais,

que podem ser requisitados para utilizar na sala de atividades, como lupas de mão e lupas binoculares, ímãs, tubos de ensaio, entre outros; uma casa de banho para pessoas com deficiência; e duas casas de banho adequadas para as crianças, compostas por cinco sanitas maiores, três pequenas, oito lavatórios e um chuveiro, apenas para uso das crianças.

Os corredores são espaçosos possuindo uma ala envidraçada e uma que contém cabides correspondentes a cada sala, devidamente identificados, onde as crianças colocam casacos e mochilas. Na parte superior de cada cabide existem placares de cortiça onde podem ser expostos os trabalhos das respetivas salas. O corredor que dá acesso às salas é composto por armários em toda a sua amplitude.

Para além disso, o JI tem no seu exterior dois espaços amplos. Um deles é utilizado para andar de triciclo ou outras brincadeiras das crianças. O outro é um espaço de recreio, que contempla dois escorregas, quatro baloiços, duas casinhas de madeira, uma caixa de areia e seis molas de quatro e dois lugares. No espaço exterior existe, também, uma horta e um local para fazer compostagem, ambos utilizados pelas crianças.

O horário de funcionamento do JI (Tabela 1) está compreendido entre as 08h00 e as 15h30. Assim, das 8h00 às 9h00 da manhã as crianças são recebidas pelas assistentes operacionais no polivalente. Das 09h às 12h00 são realizadas as atividades letivas propostas pela educadora. Às 12h00 as crianças dirigem-se até à casa de banho, onde realizam a sua higiene pessoal e, de seguida, são encaminhadas para a cantina escolar. No final do almoço podem ir brincar para o recreio, onde são acompanhadas pelas assistentes operacionais, período que termina às 13h30. As atividades da parte da tarde recomeçam a essa hora e terminam às 15h30, sendo este tempo da responsabilidade da educadora.

Tabela 1. *Horário de funcionamento do Jardim de Infância*

Período de tempo	Atividade
08h00 – 09h00	Acolhimento
09h00 – 10h30	Atividade letiva
10h30 – 11h00	Recreio
11h00 – 12h00	Atividade letiva
12h00 – 13h30	Recreio
13h30 – 15h30	Atividade letiva

Para além das rotinas do JI, cada sala de atividades tem as suas rotinas, o que permite diferenciar os momentos do dia. Desta forma, na sala de atividades onde decorreu a PES II, as rotinas iniciavam quando a maioria das crianças já estavam na sala, sentadas na roda. Para começarem, cantavam a canção dos “Bons dias”, como forma de saudar todos os presentes na sala de atividades. De seguida, era realizada a eleição do “Chefe do dia” e o respetivo ajudante, recorrendo ao recurso didático “Relógio do chefe”. Este recurso didático caracteriza-se pela forma de um relógio, onde no lugar das horas estão os símbolos que identificam cada criança. Assim, para a eleição do chefe desloca-se o ponteiro dos minutos de um símbolo para o símbolo que segue e para a eleição do ajudante desloca-se o ponteiro das horas. Estas crianças eram responsáveis por fazer a contagem das crianças presentes, identificar o tempo atmosférico, o registar da data e verificar as crianças que estão a faltar e ir colocar o símbolo de “falta” no mapa de presenças, visto que as crianças quando chegam à sala de atividades marcam a sua presença no “quadro de presenças” que se encontra na porta da sala. Após as rotinas diárias, eram realizadas atividades orientadas pela educadora até às 10h30, hora em que era feita uma pausa para lanchar. Depois do lanche, as crianças iam para o recreio até às 11h00, hora em que eram retomadas as atividades até às 12h00, iniciando novamente as atividades às 13h30 terminando às 15h30.

Hohmann e Weikart (2009), acreditam que “uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à dimensão da criança no contexto dos acontecimentos que vão surgindo” (p. 224). Assim, importa que o dia no JI esteja organizado atendendo a uma rotina, de modo a que as crianças consigam prever e gerir os seus tempos de ação e interação.

Para além das atividades rotineiras anteriormente referidas, durante a semana havia algumas atividades fixas (Tabela 2), dinamizadas pela educadora e por uma docente externa.

Tabela 2. *Mapa de atividades*

Atividades	Horário
Expressão Musical	segunda-feira – 09h45 às 10h15 quarta-feira – 13h30 às 14h00
Educação física	quinta-feira – 09h30 às 10h00

No que diz respeito à sala de atividades, apesar de ser bastante ampla, dado o número de crianças que constituem o grupo, o espaço tornava-se limitado. Em relação à sala de atividades, esta era composta por nove mesas, dispostas igualmente em três grupos, e uma mesa redonda destinada à pintura e colagem. Existiam ainda: dois placards grandes, onde eram afixados os trabalhos realizados pelas crianças; um quadro preto; um pequeno placard, onde estavam afixados os mapas de comportamento e de tempo e o “relógio do chefe”; um armário de arrumação de jogos de mesa; uma pequena mesa, onde estavam as folhas para as crianças realizarem desenhos e colagens; uma bancada comprida, onde estavam colocados o lavatório e copos de plástico para as crianças beberem água; uma caixa com revistas para as crianças realizarem colagens; as tesouras e colas e as capas dos trabalhos das crianças.

Esta sala estava dividida por áreas, sendo que em cada uma delas existia material característico de modo a que “as crianças possam ter o maior número possível de oportunidades de aprendizagem pela ação e exerçam o máximo controle sobre o seu ambiente” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 163). Segundo o Modelo de High Scope, a sala de atividades deve estar disposta de forma a possibilitar às crianças uma visão adequada sobre o que cada espaço lhe poderia oferecer e facilidade de locomoção entre as diferentes áreas.

As áreas disponibilizadas na sala de atividades são sete, a fim de possibilitar as diferentes aprendizagens nas várias áreas e domínios curriculares: área das construções; área do quarto; área da cozinha; área dos jogos de mesa; área de artes visuais (desenho, recorte, colagem e pintura) área da biblioteca; e área do computador.

A área das construções (Figura 1), era a mais procurada pelas crianças da sala, maioritariamente pelos meninos. Nesta área, as crianças tinham um tapete onde se podiam sentar e no qual podiam realizar as suas brincadeiras. Estavam disponíveis vários materi-

ais, como legos de diferentes tamanhos e cores, uma variedade de carros e diferentes bonecos e animais. Estes materiais estavam guardados e divididos em caixas de madeira. Durante a exploração livre das áreas, era possível observar a preferência das crianças pelos legos, fazendo a construção de casas e pontes, e pelos carrinhos. Nesta área, as crianças podem desenvolver capacidades de seriação e classificação, combinando os objetos por cores e tamanhos e resolver problemas envolvendo o raciocínio lógico e o sentido de número.



Figura 1. Área das construções

A área da cozinha (Figura 2) era a área mais procurada, maioritariamente pelas meninas. Nesta área, existia mobiliário adequado ao tamanho das crianças, bem como, uma mesa, quatro cadeiras, cozinha com acessórios e alimentos de plástico. Tinha como objetivo promover o jogo simbólico, através da interação com os colegas que partilhavam o mesmo espaço. O faz de conta permite que a criança exercite a sua imaginação, interpretando uma personagem fictícia ou um adulto próximo. Quando a criança brinca, compreende o mundo à sua maneira, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas sim da função que a criança lhe atribui. O jogo simbólico permite à criança imagina, imitar, criar, desenvolvendo a linguagem e a expressão dramática, aspetos que esta área permitia desenvolver. Assim “ao propiciar um espaço de representação de diferentes papéis sociais, permite que as crianças desenvolvam uma imagem coerente do seu mundo mais imediato” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 188).



Figura 2. Área da cozinha

A área do quartinho (Figura 3), como a área da cozinha, era mais requisitada pelas meninas, uma vez que estavam disponíveis objetos como adereços, bonecas e os respectivos acessórios. O mobiliário desta área, também era adequado às crianças, destacando-se uma cama, uma cómoda, um roupeiro e uma mesinha de cabeceira. Tal como a área da cozinha, esta área também fomenta o jogo simbólico, permite desenvolver a linguagem e a expressão dramática. Neste espaço, as crianças, “podem ter lugar, quer brincadeiras individuais, quer brincadeiras que impliquem cooperação” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 187), sendo mais comum observar as crianças do grupo envolvidas em brincadeiras que implicavam a cooperação.



Figura 3. Área do quartinho

Na área dos jogos de mesa (Figura 4), as crianças manipulavam os materiais na mesa de atividade, individualmente ou em pares. Estes materiais lúdico-pedagógicos encontravam-se organizados num armário, contendo diferentes tipos de jogos, como os jogos de associação e encaixe, puzzles, enfiamentos, blocos lógicos, jogos de memória, jogos de

tabuleiro, jogos de alfabeto. Esta área foi sendo sempre procurada por um número reduzido de crianças do grupo, que habitualmente se mostravam mais calmas preferindo trabalhar individualmente. As atividades desenvolvidas nesta área possibilitavam o desenvolvimento de capacidades como o raciocínio lógico-matemático, a coordenação, a atenção, a concentração, a motricidade fina, a linguagem oral e as relações de cooperação quando o mesmo jogo é manipulado por mais do que uma criança.



Figura 4. Área dos jogos de mesa

A área da biblioteca (Figura 5) é importante como forma de sensibilizar para a leitura e para o desenvolvimento da linguagem. Apesar de esta área estar pouco equipada a nível de recursos, possuía o material necessário de modo a atender a alguns objetivos essenciais ao desenvolvimento da criança, tais como: proporcionar momentos de partilha, estimular o gosto pela leitura e pelas diferentes formas de comunicação e permitir o contacto com o livro e com o código escrito. As crianças gostavam de pegar nos livros para ver as ilustrações e folhear as páginas e, ao mesmo tempo, inventar histórias ou repetir o que memorizaram quando a história foi contada pelo adulto.



Figura 5. Área da biblioteca

A área das Artes Visuais (Figura 6), não tinha um espaço específico. Esta área permitia a exploração de diferentes técnicas/modalidades de Artes Visuais, tais como o desenho, a pintura, o recorte e a colagem. O material para o desenvolvimento destas atividades estava arrumado em sítios distintos. Para realizar desenhos, havia numa mesa destinada para as folhas brancas e os desenhos realizados pelas crianças; para realizar o recorte e a colagem, os materiais necessários encontravam-se na bancada da sala onde todas as crianças tinham acesso aquando da realização das atividades; havia ainda um cavalete com tintas de várias cores disponíveis para as crianças realizarem pinturas. A maioria do grupo gostava de frequentar esta área, revelando um especial interesse pelas colagens e pintura com guaches. As técnicas executadas nesta área permitiam estimular a criatividade, o sentido estético e artístico, a concentração, a autonomia, a capacidade de utilizar adequadamente os materiais, desenvolvendo a motricidade fina e global.



Figura 6. Área das Artes Visuais: espaço da pintura, espaço do recorte e colagem e espaço do desenho

Quanto à área do computador (Figura 7), os recursos tecnológicos hoje em dia fazem parte da vida de todas as crianças, tanto em momentos de lazer como no seu cotidiano, desempenhando um papel importante na vida diária das crianças.

Nesta área eram integrados os jogos que abrangiam quase todas as áreas e domínios, onde eram proporcionados o desenvolvimento de capacidades como o raciocínio lógico-matemático, a coordenação, a atenção, a concentração e a motricidade fina. Esta área era procurada por um número reduzido de crianças do grupo.



Figura 7. Área do computador

4 Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com o qual tive oportunidade de trabalhar durante o período em que foi realizado o estágio no Jardim de Infância é um grupo homogêneo, composto por 24 crianças, dos quais 9 são do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com 4 anos de idade.

Através das sessões de observação, foi possível verificar que eram crianças, na sua globalidade, bastante ativas. Porém, foram observadas crianças com algumas dificuldades em partilhar, esperar pela sua vez, escutar e manter-se atentos. Têm, também, alguma dificuldade em manter-se num mesmo espaço durante algum período de tempo, devido às suas idades, aspeto que foi levado em conta na realização das planificações.

Este mostrou ser um grupo muito sociável, tanto no relacionamento interno como na interação com outros membros de outros grupos. A relação entre as crianças variava de caso para caso, desde crianças que elegiam os seus companheiros de todos os dias, como crianças que acompanhavam hoje um e amanhã outro. Existiam, no entanto, algumas amizades já bastante sólidas, entre as crianças que conviviam desde a creche. No global, são crianças muito afetivas, demonstrando atos de carinho e de partilha com os seus pares e adultos.

Com o intuito de caracterizar o processo de desenvolvimento da criança, Piaget identificou quatro períodos de desenvolvimento cognitivo: o período sensório-motor (no qual se encontram as crianças desde que nascem até completarem dois anos); o período pré-operatório (no qual se encontram as crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6/7 anos); o período concreto (no qual se encontram as crianças com idades compreendidas entre os 6/7 anos e os 11/12 anos); e o período das operações formais (no qual se encontram as crianças desde os 11/12 anos até à idade adulta). O autor denominou o período Pré-Escolar como o estágio pré-operatório, fase na qual as crianças se tornam gradualmente mais sofisticadas no uso do pensamento simbólico. Neste estágio dão-se alguns progressos cognitivos ao nível da função simbólica, compreensão das identidades, compreensão da causa e efeito, capacidade para classificar e compreensão do número (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

Silva, Marques, Mata, & Rosa (2016), apresentam nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), as seguintes áreas de conteúdo e domínios: Área de

Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação; Área do Conhecimento do Mundo. Dentro da Área de Expressão e comunicação distinguem-se deferentes domínios: Domínio da Educação Física; Domínio da Educação Artística, dividido em subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, de Artes Visuais, de Música e de Dança; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; e Domínio da Matemática. Estas áreas e domínios devem ser articulados e integrados, procurando promover a interação entre os mesmos.

A Área de Formação Pessoal e Social é uma área transversal, integradora que enquadra e dá suporte a todas as outras, implica um processo facilitador do desenvolvimento de atitudes e de aquisição de valores e promove a capacidade de resolução de problemas do quotidiano (Silva et al., 2016). O desenvolvimento de capacidades de iniciativa e de estabelecer relações sociais começa na tenra infância (Hohmann & Weikart, 2009), sendo que nesta etapa educativa as crianças, através da convivência com os seus pares e adultos, vão adquirindo capacidades como a compreensão de regras inerentes ao meio social.

De uma forma geral, há uma relação entre as crianças, brincando e interagindo umas com as outras, formando pequenos grupos. No entanto, é notório que tanto os rapazes como as raparigas, manifestam alguma preferência em estabelecer maioritariamente relações e contactos com mesmo género.

Segundo Hohmann e Weikart (2009), a sequência de interação que as crianças vão experimentando ajuda no desenvolvimento da idade pessoal da criança. O grupo da PES II era bastante autónomo, sendo ativo na escolha dos materiais, das atividades e dos colegas de brincadeira. Cada criança do grupo é independente e demonstra autonomia na realização de certas tarefas ao longo do dia, bem como na arrumação dos materiais e na realização da higiene pessoal. A participação em grande grupo permite que haja tolerância, que cada um espere pela sua vez e que respeitem as regras. Dentro deste grupo, havia um bom relacionamento com os adultos e com os seus pares. Todas as crianças conheciam o seu nome próprio, e algumas sabiam proferir o seu nome completo, reconheciam-se numa fotografia, eram capazes de reconhecer o seu género e sabiam a sua idade. Conseguiam, ainda, reconhecer e identificar membros da sua família, fator importante uma vez que as pessoas que rodeiam as crianças influenciam a maneira como a criança se vê a si própria e, conseqüentemente, a maneira como interage com as pessoas em dife-

rentes situações (Hohmann & Weikart, 2009). A maioria era capaz de escolher os colegas com os quais queria brincar, partilhar os brinquedos, respeitar o lugar e o espaço dos colegas, dialogar e interagir nas brincadeiras e pedir ajuda quando necessitava.

A área de Expressão e Comunicação é uma área básica de conteúdos que incide sobre aspetos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem. Esta área divide-se em vários domínios, relacionados à aquisição e à aprendizagem de códigos que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e de sensibilização estética.

No Domínio da Educação Física devem ser criadas oportunidades para que as crianças realizem exercícios de motricidade global e de motricidade fina. Quando entra no Jardim de Infância a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, correr, saltar, transpor obstáculos e manipular objetos de forma mais ou menos precisa. Desta forma, para Silva et al. (2016):

o Jardim de Infância deverá proporcionar experiências e oportunidades desafiantes e diversificadas, em que a criança aprende: a conhecer e a usar melhor o seu corpo, criando uma imagem favorável de si mesma; a participar em formas de cooperação e competição saudável; a seguir regras para agir em conjunto; a organizar-se para atingir um fim comum aceitando e ultrapassando as dificuldades e insucessos. (p. 43-44)

A locomoção assume-se como crucial para a aprendizagem do movimento sendo definida como a projeção do corpo no espaço, alterando a sua localização relativamente a pontos fixos da superfície (Gallahue & Ozmun, 2001). Do mesmo modo a manipulação dos objetos assume-se como muito importante pois permite que a criança explore objetos em movimento no espaço (Gallahue & Ozmun, 2001). Na fase motora fundamental do desenvolvimento é possível distinguir três estádios: o Estádio Inicial, o Estádio Elementar e o Estádio Amadurecido, sendo que cada estádio faz referência às competências motoras fundamentais (Gallahue, 2002). A maioria das crianças do grupo onde se desenvolveu a PES II encontrava-se no Estádio Elementar, sendo envolvidas de forma ativa a explorar e a experimentar as capacidades motoras dos seus corpos. Nas OCEPE (2016), o domínio da Educação Física organiza-se em torno de três eixos com relação entre si: Ação da criança sobre si própria e sobre o seu corpo em movimento – Deslocamentos e Equilíbrios; Ação da criança sobre os objetos – Perícia e Manipulação; e o Desenvolvimento da criança nas relações sociais com os seus parceiros – Jogos.

Nos Deslocamentos e Equilíbrios, espera-se que as crianças consigam: realizar percursos a rastejar, com apoio das mãos e dos pés; rolar sobre si próprias; saltar sobre obstáculos (ME-DGIDC, 2010). Nas situações apresentadas, na sua maioria o grupo dominava algumas destrezas como rastejar, deslocar-se em cima de um objeto (corda), correr e saltar a pés juntos, revelando muitas dificuldades no salto a pé-coxinho. Na Perícia e Manipulações, espera-se que as crianças: lancem a bola com uma e duas mãos, recebam com as duas mãos; e pontapeiam a bola em direção a um alvo. Aqui, as crianças do grupo sentiam muitas dificuldades em lançar bolas a distâncias diferenciadas, sendo mais difícil para as crianças receber a bola, pontapear ao alvo e lançar a um alvo. Nos Jogos, espera-se que as crianças: cumpram as regras; que se desloquem em corrida e que combinem apoios variados. Neste ponto, o grupo teve a oportunidade de participar em diferentes jogos desenvolvidos ao longo das sessões de motricidade, sendo assim proporcionado o contacto com diferentes materiais e fomentado o respeito pelas regras e ações características desses jogos como correr, ficar parado no lugar, atirar a bola, entre outros. A maioria das crianças conseguia aumentar ou diminuir a velocidade, contornar obstáculos e desviar-se para não ser apanhado.

No que diz respeito à motricidade fina das crianças, a apreensão do lápis em que a maioria das crianças já conseguem pegar no lápis ou pincel com o dedo indicador e o dedo polegar (pinça), os outros três dedos permanecem fechados contra a palma da mão e o lápis ou pincel é apoiado na primeira articulação do dedo médio; a recortar, todas as crianças utilizam tesoura, tendo algumas crianças dificuldades no recorte; a maioria das crianças conseguem manipular pequenos objetos com precisão; já fazem enfiamentos e construções com os legos. São muito poucas as crianças que têm dificuldades em pintar os desenhos dentro dos contornos.

O subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, segundo Sousa (2003b), “é um dos mais valiosos e completos da educação” (p. 33) este subdomínio permite que as crianças vivam situações do dia a dia através do jogo do faz de conta, sendo que o jogo simbólico desempenha um papel de importância indiscutível no desenvolvimento da criança (Spodek, 2002). Ao nível da Educação Pré-Escolar, a dramatização propõe-se sobretudo a auxiliar a criança a “desenvolver a sua personalidade; autoeducar-se e; satisfazer algumas das suas necessidades presentes mais fundamentais” (Sousa, 2003b, p. 39) tais como a expressão

de sentimentos, a criatividade e o desempenho de papéis. Aos três anos, as crianças, ampliando o seu mundo de fantasia, iniciam-se nos jogos de imitação começando por imitar o meio familiar, desempenhar papéis de animais, imitar corporalmente o que veem e ouvem e, ainda que revelem dificuldades em juntar o diálogo à ação, conseguem acompanhar os gestos com sons (Sousa, 2003b). Fein (citado por Hohman & Weikart, 2009) defende que “as crianças que tendem a brincar de forma imaginativa podem ser menos agressivas nas suas interações sociais não lúdicas” (p. 495), assim, torna-se essencial que o educador apoie e valorize estas brincadeiras, fornecendo às crianças materiais de caracterização e manipulação, de modo a tornar as experiências de jogo simbólico mais ricas. O grupo de crianças da PES II, explorou essencialmente situações de jogo simbólico na área da casinha, na área do quatinho e na área das construções, recriando situações do quotidiano, expressando-se através da linguagem corporal e verbal, exteriorizando emoções através de expressões faciais e utilizando os acessórios disponíveis para recriarem situações de forma mais concreta e significativa. Nestas áreas, as crianças dramatizavam histórias já conhecidas ou até inventadas por elas próprias, transmitiam vida às construções e representavam diferentes papéis atendendo às suas vivências e descobertas.

No subdomínio das Artes Visuais, é importante que o educador proporcione momentos de exploração livre deste material, sem, numa fase inicial, interferir nesse processo, uma vez que “a criança, quando desenha ou pinta, não o faz com intenção de criar qualquer obra para ser contemplada ou avaliada por outras pessoas” (Sousa, 2003c, p. 167). Neste subdomínio, durante a Educação Pré-Escolar deverão ser exploradas várias técnicas, como desenho, pintura, modelagem, utilizando para o efeito materiais e instrumentos apropriados. As Artes Visuais têm uma forte ligação com o controlo da motricidade fina, assim, à medida que se contacta com os diferentes materiais e instrumentos, vai-se melhorando essa capacidade, e à medida que essa capacidade é aperfeiçoada, vai-se adquirindo um maior controlo na manipulação dos materiais. O desenho assume-se, por vezes, como a técnica mais explorada na Educação Pré-Escolar, passando as crianças por várias fases, nomeadamente: garatujas desordenadas (18 meses); garatujas controladas (3 anos); garatujas com nome (4 anos); e garatujas pré esquemáticas (4 aos 7 anos) (Sousa, 2003c). A maioria das crianças do grupo demonstrava interesse e gosto pelo desenho, situando-se em duas fases distintas, a garatuja controlada e a garatuja com nome. Na

garatuja controlada, a criança começa a estabelecer uma relação entre os seus movimentos e os traços que realiza no papel, passando posteriormente à fase da garatuja com nome, onde começa a dar nome às suas representações, explicando o que vai representar e passando mais tempo a desenhar. A maioria das crianças do grupo representava a figura humana no formato girino, desenhando uma linha envolvendo uma área circular e dois traços que representavam as pernas, uma pequena minoria representava-a como uma figura imaginária, desenhando-a, porém, com intencionalidade e descrevendo a representação efetuada no papel. Ainda que não fosse alvo das preferências do grupo, esta área foi sendo sempre frequentada por três ou quatro crianças que preferiam explorar técnicas de recorte e colagem. No recorte e colagem, algumas crianças do grupo, mostravam dificuldade em manusear a tesoura, utilizavam muita cola e, apesar de respeitarem os limites da folha, tinham tendência para colar o que recortavam num espaço limitado da mesma.

No Subdomínio de Música, espera-se que as crianças sejam capazes de produzir/reproduzir, explorar diferentes ritmos e sons e identificá-los, baseando-se nos vários aspetos que os caracterizam:

intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos) timbre (modo de reprodução), duração (sons longos e curtos), pulsação (batimentos, respiração, movimentos corporais), ritmo (movimento sonoro ordenado, lento, médio e rápido) e melodia (sucessão de sons que transmitem algo), chegando depois à capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros. (ME-DGIDC, 2010, p. 12-13)

Deverão, ainda, ser capazes de cantar recorrendo à memória, controlando os aspetos inerentes da estrutura rítmica, marcar a pulsação, a divisão e acentuação, recorrendo à percussão corporal e a vários instrumentos, devendo também sincronizar os movimentos do corpo com a pulsação. A exploração deste domínio com o grupo da PES II teve o suporte da intervenção de uma professora que se deslocava à Instituição uma vez por semana, com o intuito de desenvolver atividades onde o domínio da expressão musical estivesse implicado. A maioria das crianças do grupo era capaz de se integrar neste tipo de atividades, mostrando interesse e entusiasmo, sendo do seu agrado escutar músicas e canções.

Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, segundo Hohmann e Weikart (2009), o desenvolvimento da linguagem inicia-se com o nascimento, no entanto, “a crescente capacidade de uso da linguagem e da comunicação constitui uma das mais significativas diferenças das crianças em idade de Pré-Escolar relativamente às de períodos etários anteriores” (p. 523). Assim, aquando da entrada na Educação Pré-Escolar, a criança já percorreu um vasto caminho, que continuará a percorrer no sentido de desenvolver a linguagem, processo que decorre de forma holística e articulada (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008). No que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem oral, foi notório um progresso ao longo do tempo por parte do grupo abrangido pela PES II. Sendo este domínio explorado, de forma transversal, em todas as atividades propostas ao grupo, foi possível observar que a inibição apresentada por algumas crianças durante os primeiros meses, deu lugar a uma participação ativa, e, por vezes, até efusiva nos momentos de questionamento e nos diálogos entre pares e com os adultos. Para Sim-Sim et al. (2008), a linguagem oral e a linguagem escrita correspondem a duas formas de expressão de sentimentos, experiências e necessidades. Assim, ainda que as crianças sejam muito novas, importa que a linguagem escrita seja abordada desde cedo, nomeadamente na Educação Pré-Escolar, período no qual começam a conseguir distinguir o desenho do código escrito e a reconhecer que com a repetição de mesma letra não se pode formar uma palavra, surgindo também um interesse pela imitação, uma vez que o código escrito está próximo das crianças, em vários contextos (Mata, 2008). Mata (2008), acredita que “ao contactar com a escrita, as crianças vão desenvolvendo critérios que lhes permitem diferenciar o que se pode e não se pode ler” (p. 69). A maioria das crianças do contexto da PES II conseguia distinguir os números das letras e conseguiam reproduzir o seu nome sem recorrer à imitação, sendo que a maioria precisava de recorrer à imitação.

No do domínio da Matemática, o educador deverá promover aprendizagens intencionais que permitam consolidar algumas noções matemáticas, partindo de situações do quotidiano e do que a criança já sabe, usando para isso um questionamento aberto e enriquecedor, incentivando também a resolução de problemas, tendo o cuidado de proporcionar um ambiente rico e facilitador de aprendizagens (ME-DGIDC, 2010). Ao nível da Educação Pré-Escolar, este domínio, favorece a possibilidade de serem abordados temas fundamentais para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático da criança, tais

como: Números e Operações, Geometria e Medida e Organização e Tratamento de Dados. O grupo abrangido pela PES II conhecia corretamente a sequência numérica e era capaz de associar o número a uma determinada quantidade de objetos. Algumas crianças eram capazes de identificar os numerais. As crianças deste grupo já nomeavam e identificavam as formas geométricas elementares (quadrado, retângulo, círculo e triângulo) e distinguiam, no meio envolvente, objetos aos quais associavam as formas geométricas. A maioria das crianças do grupo era já capaz de agrupar objetos por cor e tamanho, no entanto, revelava dificuldades na compreensão de noções e em relação à lateralidade não eram capazes de distinguir o seu lado esquerdo do seu lado direito. Os padrões simples eram reconhecidos por quase todas as crianças que conseguiam completar uma sequência do tipo ABAB. Todas as crianças do grupo eram capazes de interpretar tabelas de dupla entrada, interpretando apenas tabelas simples e pictogramas simples.

A Área do Conhecimento do Mundo é vista como uma sensibilização às ciências e contempla diferentes domínios do conhecimento humano, como a geografia, a história, a sociologia, a física, a química e a biologia, incluindo ainda saberes considerados indispensáveis à vida social. Deste modo, atendendo a que as atividades das crianças estão, desde muito cedo, recheadas de ciência (Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro & Pereira, 2009) e à grande diversidade de conteúdos que esta área abrange, importa que o educador tenha o cuidado de planear atividades que levem a aprendizagens significativas, tendo em conta os saberes prévios e os interesses das crianças, assumindo uma metodologia adequada e procedendo a uma seleção cuidada dos materiais. Pozo e Crespo (citados por Peixoto, 2008) acreditam que a aprendizagem das ciências deverá ter como objetivo dar sentido ao mundo que rodeia as crianças, deste modo, o educador deverá considerar os contextos envolvidos, a forma como as atividades estão organizadas e como serão exploradas, tendo o cuidado de os adequar ao nível de desenvolvimento das crianças. O grupo de crianças identificava o estado do tempo, através da observação direta numa janela da sala, sendo depois discutido em grande grupo antes de ser registado no quadro de tempo, identificando a respetiva imagem que o caracterizava. As crianças conseguiam identificar o dia da semana e conhecerem a sua sequência. A maioria do grupo era capaz de identificar as diferentes partes do corpo humano e os cinco sentidos, embora nem todas conhecessem as suas funções. Este grupo reve-

lava um especial interesse pelos animais, conhecendo os seus nomes, reconhecendo os revestimentos e as suas formas de locomoção. As atividades experimentais foram sempre bem aceites pelo grupo que mostrava grande interesse e curiosidade aquando da realização das mesmas.

CAPÍTULO II – O ESTUDO

CAPÍTULO II – O ESTUDO

O presente capítulo expõe o enquadramento do estudo, fundamentação teórica, a metodologia adotada, a apresentação e discussão dos resultados e as conclusões emergentes do estudo.

1 Enquadramento do estudo

Neste ponto é apresentada a fundamentação e a pertinência do estudo, onde se evidenciam um conjunto de considerações que contextualizam e enquadram a relevância do que se pretendeu investigar. Posteriormente, são definidos o problema em estudo bem como as questões de investigação que o orientam e os seus objetivos.

1.1. Contextualização e pertinência do estudo

O presente estudo, intitulado “Artistas de Palmo e Meio” desenvolve-se no âmbito da PES II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Trata-se de um estudo realizado num contexto de Jardim de Infância segundo o qual se explora o domínio da Educação Artística, precisamente o subdomínio das Artes Visuais (Silva et al., 2016).

Sendo a Educação Pré-Escolar considerada a primeira etapa no processo de educação ao longo da vida, tendo em consideração as diferentes áreas, domínios e subdomínios a ela inerentes, o subdomínio das Artes Visuais é uma das principais formas que a criança encontra desde cedo para se exprimir e para comunicar com o mundo (Silva et al., 2016). Cada criança observa a realidade para depois, de forma pessoal, transmitir a sua interpretação. É aqui que reside a importância de se explorarem diversas técnicas/modalidades de Artes Visuais, considerando que são oportunidades que contribuem para que a criança se possa exprimir, quer através da representação gráfica, quer através da imaginação ou da experimentação sensorial.

Segundo esta perspetiva, existem vários autores como Oliveira (2007), Silva et al. (2016) e Golton e Clero (1976), que defendem as Artes Visuais estão associadas a capacidades que se podem desenvolver, como tal devem ser estimuladas desde muito cedo nas crianças.

De acordo com Oliveira (2007), a arte enquanto objeto de estudo e através de diversas observações realizadas, torna-se um meio de desenvolvimento da expressividade e até mesmo da construção artística por parte das crianças. Desta forma, e remetendo este assunto para a Educação Pré-Escolar, distinguimos a Educação Artística como a mais privilegiada para as vivências criativas das crianças, porém, o educador ou investigador deve permitir uma abertura e recetividade às criações das crianças, pois estas, de certa forma, emergem o que a própria criança é, o que ela sente, o que aprecia e sobretudo a sua perspectiva sobre diversos pontos de vista.

Silva et al. (2016), defendem que não só é importante proporcionar à criança momentos de Artes Visuais como também deve haver um incentivo gradual de conhecimento e “apropriação de instrumentos e técnicas, o que pressupõe não só a expressão espontânea, como também a intervenção do/a educador/a” (p. 47). Referindo também que

essa intervenção parte do que as crianças já sabem e são capazes de fazer, do seu prazer, em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar, para proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea das crianças e garantem o direito a todas no acesso à arte e à cultura artística. (Silva et al., 2016, p. 47)

Na perspectiva de Golton e Clero (1976), o Jardim de Infância é um espaço dinamizador de aprendizagens onde a criança gosta de inventar e criar, a sua capacidade criadora consiste numa necessidade biológica, em que a satisfação é relevante para o seu desenvolvimento.

A criatividade e imaginação são dois conceitos cada vez mais utilizados, passando a ser objetivos fundamentais na educação nos dias de hoje. Numa sociedade cada vez mais desenvolvida, os educadores têm um papel fundamental no estímulo à imaginação e à criatividade desde a idade Pré-Escolar.

No dia a dia, em casa ou no Jardim de Infância, sem nos apercebermos, muitas vezes cortamos a criatividade e a imaginação da criança, limitando-a. Desta forma, se uma criança quiser pintar um elefante cor de rosa poderá pintá-lo, sem que o adulto tenha de a corrigir, porque, na verdade, ela sabe a verdadeira cor do elefante, apenas está a criar aquilo que imagina e isso é pura arte criativa (Rodrigues, 2002; Lowenfeld, 1977; Gonçalves, 1991). Cabe ao educador, estimular a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade criativa da criança.

Em todas as atividades realizadas neste estudo, teve-se em consideração o cuidado de diversificar ao máximo as experiências, inovando e proporcionando momentos ricos e motivadores para as crianças.

Segundo Silva et al. (2016), o educador deve planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança e apoiando-a para que chegue a níveis de realização.

Assim sendo, o propósito deste estudo é traçar estratégias de ação adequadas ao contexto de Jardim de Infância recorrendo às Artes Visuais, como alicerce para favorecer o desenvolvimento, o pensamento divergente e a criatividade da criança.

1.2. Problemática do estudo

Durante a PES II, existiu uma fase de observações diretas das crianças em prática normal de atividades. Partindo dessas sessões de observação, foi detetado que, apesar das crianças explorarem as Artes Visuais, existe uma necessidade de realizar esta exploração de forma mais diversificada, ou seja, utilizar técnicas/modalidades de forma apelativa de Artes Visuais. Na maioria dos desenhos realizados pelas crianças, utilizam os lápis de cor e apesar de haver um espaço dedicado à pintura na sala de atividades, diagnosticou-se a necessidade de serem promovidas atividades orientadas neste espaço. Desta forma, deve ser promovida, nesta faixa etária, a diversidade de exploração dos materiais e técnicas/modalidades.

As Artes Visuais constituem uma das principais formas que a criança encontra desde cedo para se exprimir e para comunicar, cada criança observa a realidade para depois transmitir a sua interpretação. Por essa razão, é importante que as crianças explorem várias técnicas/modalidades das Artes Visuais, considerando que a sua exploração são oportunidades que contribuem para que a criança se possa exprimir, quer através da representação gráfica, quer através da imaginação ou da experimentação sensorial.

Nesta perspetiva, foi considerado pertinente explorar as Artes Visuais, de modo a serem utilizadas várias estratégias de motivação e ir de encontro aos interesses das crianças. Para isso, foi implementado com o grupo de crianças o “Dia dos Artistas”, onde é apresentado um artista plástico conceituado e uma das suas obras de arte, em que as

crianças terão de reproduzir partindo do exemplo do artista. Desta forma, as crianças têm a oportunidade de mostrarem a sua criatividade como pequenos artistas.

1.3. Questão de Investigação

De modo a refletir sobre a problemática do estudo, foram formuladas as seguintes questões que orientaram a investigação:

- a) Como motivar as crianças para as atividades de Artes Visuais?
- b) Como promover e incentivar à criatividade e imaginação?

1.4. Objetivos do estudo

Para dar resposta às questões de investigação formuladas em prol deste estudo e reconsiderando a importância da motivação das crianças para a realização das atividades sugeridas no decorrer deste trabalho, foram definidos os seguintes objetivos, direcionados a um grupo homogêneo de crianças com 4 anos de idade.

- a) Promover a experiência de aprendizagem recorrendo às Artes Visuais, de forma a favorecer o desenvolvimento da criatividade e imaginação
- b) Proporcionar às crianças diferentes modalidades/técnicas de Artes visuais
- c) Desenvolver a criatividade e imaginação através de atividades cativantes
- d) Promover a motivação das crianças

2 Fundamentação teórica do estudo

Neste ponto, é apresentada a fundamentação teórica que sustenta o trabalho realizado e que tem como principal finalidade enquadrar o problema e as respectivas questões de investigação através da perspectiva de vários autores.

2.1. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

Segundo Silva et al. (2016), “As Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (p. 49).

A criança desenha, pinta e cria desde muito cedo e sem que seja necessário convidá-la a fazê-lo. Este é um ato voluntário que acontece como uma necessidade e corresponde à formulação daquilo que a criança não consegue expressar de forma verbal. Através das Artes Visuais, a criança expressa os seus sentimentos referentes ao que a rodeia e motivada pelo que mais a impressiona. Segundo Spodek e Saracho (1998), a “produção de um sentido pessoal do mundo proporciona a matéria-prima a partir da qual as expressões criativas são derivadas, enquanto que o acto expressivo serve como um meio de integrar estes sentidos em estruturas mentais” (p. 354).

Desta forma, devem ser criadas as condições para que a criança quando pega nos lápis, pincéis e tintas e outros materiais, “exprima com emoção não um tema específico, mas o que mais a sensibiliza e contribui para a sua maneira de agir” (Gonçalves, 1991, p. 10).

As Artes Visuais permitem observar com detalhe o que a criança expressou, sendo essa uma das razões pela qual a psicologia recorre aos desenhos para “uma melhor compreensão da personalidade da criança e da sua atitude ou forma de comportamento” (Rodrigues, 2002, p. 42).

Sempre que uma criança toma a iniciativa de desenhar e pintar, não o faz com a intenção de criar uma obra para ser avaliada ou apreciada pelo adulto, pois o objetivo da criança é transmitir para o papel o seu inconsciente mais profundo.

Dado que o adulto, muitas vezes, avalia a “obra” que se encontra representada num determinado trabalho e não estabelece como objetivo avaliar o conteúdo emocional e sentimental que esteve presente no ato daquela criança. Assim, é importante que o adulto compreenda que quando uma criança desenha, não está em causa como ela o faz, mas sim o que a criança fez e utilizou para exprimir os seus sentimentos. Desta forma, deveria adotar o método de exploração livre, para que a criança desenvolva a sua criatividade e imaginação.

Segundo Gonçalves (1991),

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações. (p. 12)

Nas Artes Visuais é relevante permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, as suas ideias e as suas emoções. Para Read (citado por Reis, 2003), “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição” (p. 116). Read (2001), salienta que é através das cores e das formas que a criança utiliza, que as Artes Visuais não se limitam a comunicar apenas mensagens convencionais, mas também algo que pode ser muito pessoal para a criança.

Como confirma Stern (s.d.)

a arte, (...), é a segunda linguagem que, sendo a linguagem do inconsciente, vem completar a da razão. Nasce com ela a expressão total (...). Esta segunda linguagem é um meio de libertação que permite à criança escrever o jornal íntimo do seu psiquismo. (p. 60)

Referindo Lancaster (1991), existe em cada ser humano um impulso criativo, pois todos sentem o desejo natural de usar as mãos e os materiais como veículos de expressão. Desta forma, quando uma criança realiza um trabalho plástico, tem a oportunidade de expressar algumas das suas emergências psicológicas que seriam difíceis de exteriorizar. Assim sendo, quando um desenho é observado, não interessa o que a criança desenhou ou criou, nem como ela o fez, mas sim a intenção que a criança teve para fazer esse trabalho plástico (Sousa, 2003c).

Relativamente às técnicas e aos materiais, para Sousa (2003c), estes são uma das principais preocupações pedagógicas, visto que é através deles que a criança se pode expressar e criar. A técnica escolhida e o material a ser utilizado são muitas vezes associados ao desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança. Cabe ao adulto proporcionar à criança experiências enriquecedoras para que a criança tenha um maior contacto com várias técnicas e materiais diversificados.

Para Lowenfeld (citado por Sousa, 2003c),

A expressão, a necessidade e o desejo de criar e representar tudo aquilo que se quer, de uma forma artística, a revelação de experiências por meio da educação artística, deve estar a cima do desenvolvimento de quaisquer técnicas. Toda a mecânica da arte é secundária, pois uma vez despertada a curiosidade e a vontade de se expressar, a própria criança, a longo prazo, pedirá mais informações e desejará conhecer mais acerca do uso dos materiais. (p. 184)

Desta forma, na sala de atividades, a criança deve ter acesso a todos os tipos de materiais de pintura, folhas de desenho, vários tipos de lápis e marcadores para desenhar, instrumentos para cortar e colar e ainda materiais de moldar. Os materiais reciclados são, também, bastante benéficos para as criações das crianças. Como por exemplo, revistas de publicidade, pedaços de tecido, botões, embalagens de ovos, caixas de cartão vazias, rolos de papel, entre outros. Tal como Hohmann e Weikart (2004), reforçam a ideia que este tipo de material deve estar sempre à disposição da criança, para que possa explorá-los com tempo, descobrir a sua finalidade e a forma como poderão ser utilizados.

Segundo Lowenfeld (1977), quando uma criança termina os seus trabalhos plásticos, é importante que estes sejam expostos na escola ou simplesmente afixados nas paredes das salas de atividades, para que a criança centre a sua atenção no produto final e não apenas no momento da sua realização. Na perspetiva de Eisner (1972), a arte é uma forma de ampliar a nossa consciência e esta pode contribuir para redescobrir um mundo a nível visual. O autor supracitado defende, ainda, que a arte é uma oportunidade única de vivenciar experiências e diferentes culturas, proporcionando à educação o que outros âmbitos não proporcionam.

2.2. A importância das Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

Não é possível referir as Artes Visuais, sem antes referenciar a Educação Artística. Este conceito é, muitas vezes, visto apenas como uma forma de ensinar técnicas artísticas, com vista à criação de artistas. Sousa (2003a) elucida que, na educação tradicional há uma inclinação para ensinar a criança a falar antes de perceber o que ouve, ensiná-la a ler antes de saber falar, ensiná-la a escrever antes de lhe permitir experimentar os materiais de desenho, de pintar e de escrever.

A importância da Educação Artística não se resume a si própria, pois deve ser vista como um contributo às aprendizagens das outras áreas e domínios, tais como a linguagem oral e a abordagem à escrita, a matemática ou o conhecimento do mundo, ajudando a criança a aprenderem a ler, a escrever, a contar e a compreender melhor o mundo que a rodeia.

A Educação Artística é um meio indispensável para o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e criativo. Como menciona Reis (2003) “a educação pela arte deve levar a cada estudante o conhecimento da arte através das civilizações, da criatividade e do processo artístico, do vocabulário e da comunicação artística” (p. 53).

Lancaster (1990), explica a arte como sendo a área onde se desenvolvem competências e técnicas através do uso de materiais e reforça a ideia que através dela se podem comunicar emoções, ideias e sentimentos, resultando daí a interpretação visual de experiências ambientais e pessoais (do mundo interior de cada um), dependendo da habilidade e sentido artístico adquirido. Para o autor supracitado, fazer arte implica a aquisição e utilização de habilidades manuais na manipulação de materiais bidimensionais e tridimensionais, de ferramentas ou equipamentos mecânicos e refere que o talento artístico depende do uso imaginativo ou da realização da criação de formas artísticas para dar solução às necessidades humanas.

De acordo com Barbosa (2005), a arte deve proporcionar à criança alegria e prazer, permitindo que esta organize os seus pensamentos e sentimentos presentes nas suas atividades criadoras. Esta tem uma influência importante sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e por isso, a atividade artística deve ser estimulada por meio dos sentidos da imaginação e de atividades lúdicas que ampliem as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais e criadoras da criança.

Nas Artes Visuais, encontram-se os meios necessários para a criança exteriorizar o que pensa e comunicar o que pretende, recorrendo à criatividade.

Deste modo, as Artes Visuais, permitem à criança desenvolver o seu espírito crítico, ao mesmo tempo que lhe permite integrar e expressar o que sente. Como afirma Gonçalves (1991), a iniciativa para a realização destas atividades deve partir da própria criança.

O principal objetivo das Artes Visuais é a expressão das emoções e sentimentos através de materiais plásticos. Onde “não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança” (Sousa, 2003c, p. 160).

As Artes Visuais são um elemento indispensável no desenvolvimento social, pessoal e cultural da criança, visto ser uma forma de articulação entre a imaginação, a razão e a emoção. Assim, é possível afirmar que a vivência artística influencia o modo como a criança aprende, como comunica e, também, como interpreta significados do quotidiano.

Segundo Sousa (2003c), as Artes Visuais não são centradas apenas na produção de obras de arte, mas também no desenvolvimento das capacidades e na satisfação das necessidades das crianças. Esta deve ser uma atividade natural, livre e espontânea por parte das crianças.

É importante que a Educação Artística nas escolas permita à criança que se exprima livremente. O contexto da Educação Pré-Escolar deve promover o contato com a linguagem artística, bem como com a Arte Visual, e desenvolver a criatividade da criança, estimulando-a a aperfeiçoar e a construir novas competências. Desta forma, privilegia-se este domínio como uma “âncora” para construção de novos saberes.

Como refere Rodrigues (2002),

Através das cores e das formas, a expressão plástica não se limita a comunicar apenas mensagens convencionais mas também algo de muito pessoal, que pode levar a alterar códigos conhecidos. Inovar é transformar, numa constante relação entre o conhecido e o desconhecido, o consciente e o inconsciente, a razão e o instinto. (p. 14)

É também importante mencionar que uma obra de arte não é apenas um jogo de formas e de cores, tornando-se simplesmente um objeto decorativo. É, para além do mais, uma obra expressiva, porque exterioriza sentimentos e emoções ligados à natureza humana. Nesta perspetiva, o adulto deve procurar despertar a sensibilidade da criança

para este e outros aspetos do domínio da Educação Artística (educação física, jogo dramático/teatro, arte visual, dança e música), criando situações educativas que desenvolvam a criatividade e que promovam o seu sentido estético.

2.3. A criatividade e a imaginação

A criatividade e a imaginação são duas características dos seres humanos. Ao longo das gerações o Homem foi evoluindo, utilizando a sua inteligência para inovar e progredir. Neste sentido, Sousa (2003a) defende que, toda a evolução da espécie humana não aconteceu apenas pelas suas capacidades lógico-associativas, mas sim também pelas suas capacidades criativas e imaginativas.

Para Vigotsky (2003), a criatividade resulta da interação benéfica entre a pessoa e o ambiente, sendo esta uma das funções psicológicas superiores, humana, relacionada ao desenvolvimento pessoal, social, científico e cultural de uma sociedade.

Segundo Gardner (1999), os primeiros anos no Pré-Escolar são com frequência descritos como a idade dourada da criatividade, um momento em que toda a criança brilha com talento artístico. Nos dias de hoje, procura-se estimular na criança a criatividade, o prazer da descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir pelos seus próprios meios, consoante as situações que se lhe deparam (Gonçalves, 1991).

Sousa (2003a) aponta a importância da educação pela arte, como um exercício que configura uma perspectiva de educação, não com a finalidade de ensinar arte, mas com a intencionalidade de proporcionar “à criança experiências de aprendizagem sob a forma lúdica, expressiva e criativa, de modo livre, num clima que proporcione a inspiração, motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade” (p. 24).

Quando é mencionada a criatividade e a imaginação, deve-se ter em atenção que estes são dois conceitos diferentes, mas, no entanto, interligados. A criatividade é a aplicação da imaginação, ou seja, criamos aquilo que imaginamos. Assim, a criatividade é algo que criamos e é visível, enquanto que a imaginação é algo interno.

De acordo com Sousa (2003a), a criatividade é uma capacidade, pertencente à espécie humana, que se revela de uma forma inesperada, estando diretamente relacionada

com a imaginação, o que não dispensa um estímulo positivo para o seu desenvolvimento natural.

Como refere Robinson (2010), a “criatividade é um passo além da imaginação porque requer que façamos algo e que não fiquemos apenas de braços cruzados a pensar no assunto. Trata-se de um processo muito prático que consiste em produzir algo original” (p. 76).

No entanto, a criatividade não implica apenas a imaginação, pois para existir criação existem vários processos que se entrecruzam. O criador tem de encontrar um equilíbrio entre a produção de ideias e a avaliação das mesmas. De acordo com Robinson (2010), refletir sobre o que se imagina é muito importante para que exista um equilíbrio entre a criatividade e a imaginação.

Para Vigotsky (2003), a imaginação é a base de toda a atividade criadora, manifestando-se na vida de qualquer ser humano, possibilitando a criação artística, científica e técnica.

É importante referir que a imaginação é uma das ferramentas mais poderosas do ser humano, pois através desta podemos viajar pelo passado, apreciar o presente e divagar pelo futuro. Robinson (2010), afirma que “a imaginação é a base de tudo o que é única e exclusivamente humano. É a base da linguagem, da arte, da ciência, dos sistemas filosóficos e do resto de muitas outras atividades da cultura humana.” (p. 66-67).

Golton e Clero (1976) consideram, que o Jardim de Infância é um espaço facilitador de aprendizagens onde

a criança é criadora e gosta de inventar, se tudo deve ser posto em ação para favorecer as suas possibilidades de criação, é simplesmente porque a capacidade criadora constitui uma necessidade biológica, cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento ótimo do ser humano em crescimento. (p. 42)

Desta forma, as crianças devem ter oportunidades de usar livremente a sua imaginação e os produtos do pensamento criativo devem ser aceites e valorizados. Para que isso aconteça, é importante ter em conta o ambiente no qual as crianças se desenvolvem (Gardner, 1999), atendendo que este deve proporcionar o acesso a um vasto leque de experiências.

Segundo Robinson (2010), para se conseguir ser criativo, além do uso do pensamento, é necessário utilizar os sentimentos, as emoções e a intuição. É um equilíbrio entre

corpo e mente. As experiências vividas por quem cria, os seus desejos e vontades, são aspetos fundamentais para uma boa atividade criadora. No entanto, só existe lugar para a criatividade se existir espontaneidade e isso só acontece em ambientes onde existe liberdade. Na perspetiva de Sousa (2003a), a liberdade criadora, quando é estimulada e proporcionada, permite ao criador exprimir-se tal como é, de forma espontânea e natural. Tal como confirma Gonçalves (1991), a criatividade desperta-se através da experimentação persistente, pois a “atividade criativa implica o prazer de fazer, a curiosidade, o estudo e uma predisposição natural para experimentar o que ainda não sabe” (Gonçalves, 1991, p. 25).

2.4. O desenvolvimento da criatividade e da imaginação na Educação Pré-Escolar

A criança em idade de Pré-Escolar, em pleno crescimento, desenvolvimento e permanente aprendizagem, apropria-se da realidade através de todos os seus sentidos.

A Educação Pré-Escolar é uma etapa importante de exploração livre e criativa, ambas intermediárias no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança e que contribuem para o desenvolvimento de competências necessárias para a formação de um ser autónomo e capaz de viver em sociedade. É indispensável, para a criança, a vivência de experiências que lhe permitam “aprender a aprender”, através de múltiplas situações de aprendizagem, em contexto educativo. Ou seja, situações que provoquem o questionamento, a inquietude, a curiosidade, a descoberta e a criação, socorrendo-se de todos os seus sentidos que se entrecruzam na procura do conhecimento de si própria e do mundo.

Para melhor compreendermos o processo de desenvolvimento da criança e o modo como desabrocham as bases da criatividade, é importante considerar os contributos de alguns autores a este respeito.

É possível destacar, a este nível, Piaget que, através da definição de estádios de desenvolvimento cognitivo, enquadra a criança em idade de Pré-Escolar no estádio pré-operatório, que se caracteriza pela capacidade de representação mental e de simbolização, pelo egocentrismo, pelo pensamento mágico e por uma inteligência intuitiva. Na

perspetiva de Piaget, é através das diferentes formas de expressão simbólica que a criança constrói individualmente o seu conhecimento, recorrendo a símbolos e a imagens mentais para a satisfação dos seus desejos e assimilação do real ao eu. De facto, a criança em idade de Pré-Escolar aprende usufruindo de todos os seus sentidos, contudo, destaca-se a sua “capacidade de representar, formar imagens mentais” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 475).

A criatividade e a imaginação são duas valências do pensamento, que se manifestam na maior parte das pessoas desde muito cedo, de várias formas e em diversos contextos.

Para Sousa (2003c), qualquer criança aprecia, necessita e exige movimento, dinâmica e ação, pois, através da experimentação, da observação, da movimentação e da exploração a criança constrói as suas próprias aprendizagens, precisando apenas de ser orientada e estimulada pelo adulto, de forma a que essas novas aquisições sejam bem-sucedidas.

Todas as crianças apresentam capacidades imaginativas, no entanto, para serem criativas, essas capacidades têm de ser desenvolvidas e estimuladas. Assim, para que exista um ambiente promovedor do estímulo da criatividade e da imaginação, é indispensável que o adulto deixe de valorizar apenas o conhecimento, a compreensão, a crítica, a inteligência e a aptidão e dê, também, importância à imaginação e à criatividade.

A imaginação, na criança, começa a aparecer nas primeiras brincadeiras “faz de conta”. Sendo, inicialmente, mera reprodução de experiências vividas, a imaginação vai, aos poucos, se sofisticando, introduzindo novos elementos ao que era apenas reprodução (Pacífico & Araújo, 2013).

Portanto, quantas mais experiências se proporcionar à criança mais hipóteses esta tem de ser ainda mais criativa, pois “experimentar o mundo no seu estado real é uma parte importante no processo criativo” (Spodek & Saracho, 1998, p. 354). Assim, torna-se importante oferecer à criança liberdade para que esta crie, sem que o adulto interfira diretamente nos trabalhos plásticos que ela própria realiza. É fundamental que adulto dê espaço à criança para criar, ou seja, para uma criança um sol pode ser quadrado, não ter raios e ser azul e essa escolha tem de ser respeitada. O papel do educador é o de colocar questões no sentido de fazer a criança refletir sobre o seu trabalho.

Sobre o mesmo assunto, Lowenfeld (1977) defende que

o próprio ato de criar pode fornecer-lhes novos vislumbres, novas perspectivas e nova compreensão para a ação futura (...). Proporcionar-lhes a oportunidade de criar, constantemente, com os conhecimentos que possui nesse período é a melhor preparação para o futuro ato criador. (p. 16)

A liberdade criativa é referida como um elemento fundamental para a atividade criadora, se a criança estiver envolvida num ambiente que valorize a liberdade e a espontaneidade, terá mais facilidade em desenvolver a sua imaginação e criatividade. Desta forma, na perspectiva de Sousa (2003c), uma criança deve ter direito a liberdade de iniciativa, liberdade na opção das atividades e do uso de material e liberdade na expressão e criação. Ao proporcionar momentos de liberdade à criança, esta pode se expressar de forma espontânea, assumindo-se tal como é.

Como menciona, ainda, Sousa (2003c), o educador deve utilizar uma metodologia educacional dirigida para a espontaneidade, liberdade e para o lúdico. Assim, toda a aprendizagem será facilitada e isto acontece no desenvolvimento da imaginação e da criatividade da criança. Segundo Lowenfeld (1977), a educação pela Arte é promover a Arte em diferentes contextos e ambientes educativos, sejam formais ou informais, assim como ter um papel contributivo na sociedade, tornando a criança criativa e consciente da sua identidade cultural.

O contacto com diferentes obras de arte desenvolve a sensibilidade estética na criança e contribui para desbloquear o processo criativo, proporcionando a descoberta das mais variadas técnicas e formas de expressão. Para além disso, na perspectiva de Pillotto e Mognol (2007), a arte possibilita às crianças “um mundo de símbolos, que é significado e re-significado em cada ação. Nesse sentido, as instituições de educação infantil podem contribuir efetivamente, construindo atitudes em que o desenvolvimento cognitivo e sensível da criança seja preservado” (p. 226).

É relevante inferir que, de acordo com Rodrigues (2002), “o conhecimento da arte, numa correta perspectiva histórica e pedagógica, contribui para o entendimento da expressão livre da criança” (p. 210). Ao exprimir-se livremente, a criança adquire autoconfiança e torna-se mais responsável e cooperante no relacionamento com os outros, respeitando, assim, a expressão pessoal de cada um. É possível realizar interessantes trabalhos

através de técnicas que estimulam a criatividade, como a pintura, a montagem, a modelagem, entre outros.

Desta forma, o papel do educador consiste em proporcionar momentos facilitadores e estimulantes à imaginação e à criatividade, assumindo ele próprio uma postura criativa.

2.5. O educador enquanto agente motivacional

A motivação é um tema atual nos dias de hoje, sendo muito debatido por psicólogos e pedagogos, no sentido de estudar e compreender as atitudes do ser humano.

O papel do educador é atuar para que as crianças se sintam motivadas e incentivadas superando, assim, todos os obstáculos e sintam autoras da sua arte com autonomia e espontaneidade. O educador não se pode desligar da motivação, ou seja, não pode deixar de ter em atenção o facto de as crianças se mostrarem ou não motivadas.

Para Balancho e Coelho (1994), a motivação é vista como um processo, é aquilo que provoca ou estimula um comportamento, que suporta uma atividade e que conduz essa atividade para um dado sentido. Os autores supracitados, referem ainda que a motivação é tudo o que desperta, dirige e condiciona a um procedimento. Na perspetiva de Sprinthall e Sprinthall (1993), a motivação é “um termo psicológico geral usado para explicar comportamentos iniciados por necessidades e dirigidos para um objectivo” (p. 616).

O educador observa a motivação nas crianças através das atividades que estas realizam. Desta forma, é importante que o educador proporcione às crianças acesso a todos os tipos de materiais, um ambiente encorajador, boas aprendizagens que desenvolvam capacidades diversificadas, para as conseguir cativar e despertar nelas emoções, sentimentos e gostos. Como refere Lowenfeld (1977),

o melhor incentivo que a criança possa ter em seu lar é a existência de uma atmosfera, onde as relações sensitivas com os objetos e com o meio são estimuladas a todo o momento e não somente quando se destinam à expressão artística. A vida e a arte são inseparáveis. A criança que se desenvolver em tal ambiente, sentir-se-á sempre estimulada por tudo que a cerca. (p. 42)

Nesse sentido, o educador deve tomar uma posição estratégica, na medida em que deve ter como função reconhecer e despertar, por meio de processos didáticos e peda-

gógicos adequados às crianças, as necessidades, os interesses e, conseqüentemente, as suas motivações (Balancho & Coelho, 1994).

É possível mencionar que em todas as crianças a motivação está implícita, ou seja, todas as crianças mostram gosto em aprender. O comportamento e o interesse que as crianças demonstram ao realizar as atividades, depende da sua motivação. É esta que as direciona e inclui nas suas ações e no desejo de alcançar algo. Isso vai ao encontro das vivências pessoais, das suas curiosidades, de tudo aquilo que lhes dá prazer fazer. Todos os tipos de comportamentos envolvem a motivação, seja ao nível de aprendizagens, sentimentos, atenção, desempenho, percepção, pensamento, criatividade e imaginação.

3 Metodologia adotada

Nesta parte do relatório são apresentadas e devidamente fundamentadas as opções que foram tomadas no que diz respeito à metodologia utilizada neste estudo. De seguida, são caracterizados os participantes no estudo, apresentados os instrumentos utilizados na recolha de dados, um enquadramento referente ao planeamento das tarefas e a calendarização do estudo.

3.1. Opções metodológicas

Este estudo, teve como principal objetivo promover a experiência de aprendizagem recorrendo às Artes Visuais, de forma a favorecer o desenvolvimento da criatividade. Neste sentido, considerando o problema e as questões a ele associadas, foi selecionada uma metodologia de investigação de natureza qualitativa. Esta é caracterizada pela aproximação ao mundo de um modo interpretativo e naturalista, ou seja, tem como objetivo interpretar e estudar determinada questão no seu contexto natural, analisando os fenómenos com vista a perceber o contributo das pessoas nessa mesma interpretação (Mertens, 2010).

Segundo Fernandes (1991), a investigação qualitativa não tem como preocupação quantificar os dados nem generalizá-los, sendo o seu foco compreendê-los, tentando compreender comportamentos, atitudes ou convicções. O investigador que opta por uma investigação qualitativa desenvolve várias práticas interpretativas, esperando sempre obter uma melhor compreensão de processos e de significados. (Denzin & Lincoln, 2000).

Numa investigação desta natureza existe a necessidade de se recorrer a observações dos participantes no estudo e de registar o que eles dizem acerca das suas formas de pensar (Fernandes, 1991). Deste modo, para Bogdan e Biklen (1994), é importante que o investigador tente interagir com os participantes de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora, aumentando o nível de à vontade dos mesmos, encorajando-os a falar, e deve registar o que vai acontecendo, recolhendo, em simultâneo, outros dados que lhe pareçam significativos.

Bogdan e Biklen (1994), indicam cinco características fundamentais que a investigação qualitativa possui: a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o investiga-

dor o instrumento principal na recolha dos dados; os dados que o investigador recolhe são de carácter descritivo, apresentando-se sob a forma de palavras ou imagens; o investigador interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos; o investigador tem de analisar os dados de forma indutiva; e o investigador interessa-se por compreender qual o significado das experiências na vivência dos participantes.

Autores como Mertens (2010) e Bogdan e Biklen (1994), referem que os investigadores que optem por esta metodologia devem seguir técnicas e utilizar instrumentos de recolha de dados diferenciados, como entrevistas, questionários, fotografias, registos audiovisuais, notas de campo, e outras técnicas que se mostrem importantes para uma melhor análise dos dados recolhidos, tornando assim os dados mais consistentes. Na elaboração de estudos de caso e investigação-ação é fundamental que a recolha de dados seja obtida de múltiplas fontes de evidência (Yin, 2010).

Tendo em conta as perspetivas apresentadas pelos diferentes autores, optou-se por realizar uma metodologia de natureza qualitativa, assente na Metodologia de Trabalho de Projeto, vista como potenciadora de aprendizagens interdisciplinares tendo em conta que a atividade exercida se enquadra na atividade pedagógica. Desta forma, a Metodologia de Trabalho de Projeto é uma mais-valia, uma vez que “poderá criar ambientes propícios à iniciação do pensamento científico e à linguagem específica das diferentes áreas do conhecimento, mas também contribuir para o desenvolvimento da linguagem, numa perspectiva de literacia linguística” (Ramos & Valente, 2011, p. 17).

Foi selecionada a Metodologia de Trabalho de Projeto, porque apesar de ser um conceito muito vasto, pode traduzir-se num plano de ação para a realização de um ato, ou seja, é todo o percurso realizado para atingir um determinado fim. Segundo Vasconcelos (1998), um projeto pode ser entendido como uma prática de valor educativo que contenha um ou mais objetivos, o “projeto é a imagem de uma situação ou estádio que se pretende atingir” (p. 132).

Como referem Katz e Chard (2009), “Um projecto pode começar de diversas formas. Alguns começam quando uma ou mais crianças de um grupo mostram interesse por alguma coisa que lhes despertou a curiosidade” (p. 102). Por esse motivo, durante a ação foram tidos em conta quais os interesses do grupo e o interesse de apenas uma criança em particular, se considerado importante, deve ser também tomado em consideração.

Nesse sentido, as atividades foram planejadas e orientadas em comum acordo entre o grupo de crianças e os educadores/orientadores, devendo ser realizadas num contexto concreto e real.

De acordo com Vasconcelos (1998),

Em pedagogia de projeto, o currículo está centrado na criança, no adulto e no contexto. Integra a criança, na sua rede de interações, as quais incluem a família, mas também o educador e o seu contexto, numa perspectiva integradora. Inclui também a multiplicidade dos níveis a que se processa o desenvolvimento da criança. (p. 134)

A Metodologia de Trabalho de Projeto está definida por diferentes fases no processo de aprendizagem através de projetos. Segundo Vasconcelos (2011) podemos encontrar quatro fases distintas nesta abordagem: definição do problema, planificação e desenvolvimento do trabalho, execução e avaliação e divulgação.

Na primeira fase, definição do problema, de acordo com Katz e Chard (2009), foi criada uma base de trabalho comum a todas as crianças envolvidas a partir de informações, ideias e experiências que elas já possuem sobre o tema. O tema do projeto surgiu do interesse das crianças e em concordância com a educadora cooperante, assumi como um projeto a ser desenvolvido ao longo da PES II.

Na segunda fase, planificação e desenvolvimento do trabalho, foram formuladas questões às quais se pretende dar resposta ao longo da execução do projeto. Nesta fase, inicialmente, deve ser criada uma previsão do que será feito e calendarizado para tornar mais claro para as crianças o caminho do projeto e ajudar o educador a orientar-se acerca das atividades. Na planificação do projeto, de acordo com Formosinho e Costa (2011) é importante ser prevista, tendo sempre em consideração que esta pode ser flexível.

Na terceira fase, execução, em concordância com Katz e Chard (2009) foi promovida a aquisição de novas informações e conhecimentos, tentando dar resposta às questões e dúvidas levantadas sobre o tema do projeto na fase inicial, sendo este o principal objetivo.

Na quarta e última fase, avaliação e divulgação de projeto, foi realizada a avaliação do projeto e a divulgação. Esta fase permitiu a avaliação do projeto e a divulgação para diferentes pessoas, como pais, encarregados de educação, outras salas do JI e outras pessoas que se mostrem curiosas. Indo de encontro ao que referem Katz e Chard (2009), co-

mo forma de divulgar o projeto, “podem convidar os pais e os colegas para virem ver o seu trabalho e contarem como o fizeram, explicarem o que aprenderam e como aprenderam, e os procedimentos que utilizaram para levarem a investigação a bom termo” (p. 106).

A avaliação é um ponto crucial no fecho do projeto e que não deverá ser realizada somente nesta fase, mas sim ao longo de todo o projeto o que permitirá espelhar o trabalho desenvolvido. Nesta fase, é importante que o educador reúna todos os processos individuais e que reflita sobre o “desempenho e evolução da criança ou o seu contributo específico para o projecto” (Vasconcelos, 2011, p. 17).

Tendo por base tudo isto, a Metodologia de Trabalho de Projeto foi considerada a que se enquadra melhor no desenvolvimento do estudo, visto que este método de investigação possui de características flexíveis cujo principal objetivo é realizar uma reflexão acerca da ação efetuada.

3.2. O papel do investigador

De acordo com Vale (2004), o investigador é o elemento fundamental numa investigação qualitativa, apresentando-se como o instrumento de recolha de dados por excelência. Desta forma, é importante que este estabeleça uma relação de proximidade e confiança com os participantes do estudo. Segundo Ponte (2002), a investigação não é algo que se possa realizar “sem paixão, sem um verdadeiro investimento intelectual e afetivo” (p. 11), sendo necessário que desde logo o investigador assuma uma posição de compromisso e empenhamento.

O investigador qualitativo recolhe os dados através da observação no local, entrando num processo onde a profunda atenção, a compreensão e a suspensão de preconceções sobre os tópicos em estudo são fundamentais, sendo a sua principal tarefa explicar o modo como as pessoas, no seu ambiente natural, compreendem, explicam e agem nas situações do dia a dia (Vale, 2004).

Na realização deste estudo a investigadora (estagiária) esteve consciente das dificuldades inerentes à recolha de dados de um investigador participante e teve o cuidado de assumir um papel de neutralidade para ser capaz de observar os sujeitos de um ponto

de vista exterior, sem influenciar a realidade. No entanto, segundo Santos (2002), poderá não existir a possibilidade de se estabelecer uma completa separação entre o investigador e o que o mesmo vai estudar, sendo que, impreterivelmente, qualquer investigação possui marcas de quem a realizou.

Para este estudo, foi necessário desempenhar o papel de investigadora e educadora estagiária em simultâneo. Antes de se ter concretizado este estudo, as crianças do grupo já estavam familiarizadas com a presença e a intervenção direta da estagiária. Desta forma, foi possível estabelecer uma maior relação de proximidade e confiança com as crianças, fator preponderante para o sucesso de uma investigação e, ainda, conhecer não só os interesses do grupo, como também as características individuais de cada criança.

No papel de investigadora e pelo facto de conhecer as crianças, permite a proximidade com o grupo, para compreender e aprofundar problemas relacionados com a prática profissional, através de um envolvimento ativo do investigador no contexto (Bogdan & Biklen, 1994).

3.3. Caracterização dos participantes do estudo

O presente estudo realizou-se durante o ano letivo 2016/2017, num Jardim de Infância da rede pública, pertencente a um Agrupamento de Escolas de Abelheira, localizado no distrito de Viana do Castelo.

O grupo, com o qual foi desenvolvido este estudo, era constituído por 24 crianças, 9 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com 4 anos de idade.

Na tabela 3, está evidenciada a caracterização do grupo de crianças, de acordo com a idade e sexo, e a codificação adotada.

De modo a garantir o anonimato e confidencialidade das crianças envolvidas no estudo, optou-se por codificar os seus nomes, sendo atribuído a cada criança um código diferente. Os nomes das mesmas foram substituídos pela inicial do nome próprio e a inicial do apelido, à exceção de uma criança que é apresentada pelas iniciais do nome próprio, do segundo nome e do apelido.

Tabela 3. *Caraterização dos participantes*

Idade	Sexo	Codificação das crianças	Número de crianças	Total de crianças
4 anos	Masculino	AE; DT; JC; JM; JP; RA; RF; TF; VP.	9	25
	Feminino	CV; DR; FG; GP; HS; IM; IG; LPR; LR; LB; LC; MV; MS; PM; SB.	15	

O grupo que participou neste estudo é considerado homogéneo em relação à faixa etária, sendo verificada a mesma homogeneidade no que se refere aos interesses, pois trata-se de um grupo bastante interessado e motivado nas atividades propostas. Pode destacar-se a curiosidade como característica de todas as crianças do grupo, que demonstravam sempre vontade de participar em novos desafios.

É importante referir que, para além da investigadora e do grupo de crianças, estavam presentes na sala de atividades a educadora cooperante, o meu par pedagógico e a assistente operacional.

3.4. Organização do estudo

Este estudo, desenvolvido entre os meses de outubro de 2016 e abril de 2017, foi dividido em três etapas.

A primeira etapa, dedicada à preparação do estudo, decorreu durante o mês de outubro de 2016. Durante este primeiro período de tempo, começou-se por definir os objetivos do estudo, formulando o problema e as respetivas questões de investigação. Posteriormente, procedeu-se à recolha de bibliografia, de modo a enquadrar teoricamente o problema em estudo e que serviria também para apoiar a formulação e seleção das tarefas. Por fim, foram formuladas as tarefas, sendo decidida a ordem pela qual seriam implementadas, bem como os materiais mais adequados para as mesmas, procedendo-se à sua construção.

Na segunda etapa, que decorreu entre o final do mês de outubro a dezembro de 2016, realizou-se o trabalho de campo, que correspondeu à implementação das tarefas definidas. Neste período, foram recolhidos dados através da observação participante, de

registos fotográficos, da escrita de notas de campo e registos realizados pelas crianças. Iniciou-se a análise de dados em paralelo com a sua recolha.

A terceira etapa do estudo, que decorreu entre os meses de janeiro a abril de 2017, foi dedicada à redação do Relatório, sendo este período utilizado para concluir a análise de dados e para a escrita de outras partes do relatório ainda não redigidas. Durante esta etapa, foi também aprofundado o enquadramento teórico de modo a melhor sustentar alguns aspetos do estudo.

Na tabela 4 é apresentada a calendarização do estudo, estando definidas as três etapas e os respetivos procedimentos.

Tabela 4. *Calendarização do estudo*

Datas	Etapas do estudo	Procedimentos
Outubro	Preparação do estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Definição dos objetivos do estudo; - Definição do problema e das questões de investigação; - Recolha bibliográfica; - Seleção das técnicas/modalidades de Artes Visuais; - Seleção dos artistas; - Elaboração das tarefas e decisão sobre a ordem de implementação; - Construção dos materiais para cada tarefa.
Outubro a dezembro	Estudo em ação	<ul style="list-style-type: none"> - Implementação das tarefas; - Fotografias das sessões de implementação das tarefas; - Visualização das fotografias; - Análise de documentos; - Início da análise de dados.
Janeiro a abril	Redação do relatório	<ul style="list-style-type: none"> - Continuação e conclusão da análise de dados; - Revisão final da literatura; - Redação do relatório escrito com base no trabalho efetuado.

3.5. Instrumentos de recolha de dados adotados

Segundo Morgado (2012), as técnicas e os instrumentos de recolha de dados utilizados “são elementos essenciais uma vez que deles dependem, em grande parte, a qualidade e o êxito da investigação” (p. 71).

A recolha de dados é considerada um processo organizado colocado em prática para obter informações através de múltiplas fontes (Ketele & Roegiers, 1993) e tem como objetivo a compreensão de um determinado tema/problema. Deste modo, considerando

que existem vários métodos e técnicas de recolha de dados que o investigador pode utilizar, um dos passos indispensáveis numa investigação é a seleção dos procedimentos necessários para recolher a informação necessária.

Yin (2010), identifica vantagens na utilização de mais do que um método ou técnica para a recolha de dados, afirmando que ao aceder a informações através de várias fontes, o investigador tem a possibilidade de abordar uma maior variedade de aspetos relativos ao fenómeno em estudo. Contudo, é necessário considerar que todos os instrumentos têm vantagens e desvantagens e o investigador deve estar consciente de ambas, para não enviesar os dados, pois se não houver esta consciência e sem cruzar os diferentes instrumentos de recolhas de dados, estes podem ficar tendenciosos.

Para a realização deste estudo foram utilizados diferentes instrumentos de recolha de dados, frequentemente associados a estudos qualitativos, que permitiram assegurar a sua qualidade, nomeadamente a observação participante, as notas de campo, os registos fotográficos, os registos realizados pelas crianças e questionários.

3.5.1. Observação participante

Bogdan e Biklen (1994), referem a observação como uma das técnicas mais antigas na recolha de dados, sendo que esta constitui a melhor forma de se obter descrições pormenorizadas de situações, acontecimentos, pessoas, interações e comportamentos. Esta técnica possibilita que o investigador verifique se o procedimento ou decisão adotada por um indivíduo está de acordo ou não com o que o mesmo executa.

Segundo Coutinho (2014), para a obtenção e análise dos dados numa investigação qualitativa podem ser utilizadas técnicas de observação, que têm como objetivo a recolha de dados no meio natural na qual ocorrem.

Tal como referem Bogdan e Biklen (1994), “a melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular (escola, centro de reabilitação) ou nalgum aspecto particular dessa organização” (p. 90).

Flick (2009), sustentado numa perspectiva de Jorgensen, argumenta que uma observação participante rege um processo e lógica de investigação aberta, flexível, que nos debruça numa constante redefinição do que é o problema.

O ato de observar permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto, facilitando a compreensão dos contextos, das crianças que nele se movimentam e as suas interações. Desta forma, a observação permite estudar as dificuldades de socialização de algumas crianças, a sua evolução, a diferenciação pedagógica que parte do que cada uma sabe ou é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades.

O recurso à observação participante surgiu naturalmente, o que facilitou a ocorrência de interações genuinamente significativas e espontâneas. Ao longo do estudo, foi possível acompanhar as crianças na realização das tarefas, fator imprescindível para a recolha de dados, pois, nesta fase, houve sempre a preocupação de se questionar as crianças acerca dos procedimentos utilizados e dos seus modos de pensar.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994),

A sua participação exacta varia ao longo do estudo. Nos primeiros dias de observação participante, por exemplo, o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. À medida que as relações se desenvolvem, vai participando mais. Nas fases posteriores da investigação, poderá ser importante ficar novamente de fora, em termos de participação. (...) É necessário calcular a quantidade correcta de participação e o modo como se deve participar, tendo em mente o estudo que se propôs. (p. 125)

Neste estudo, tendo em conta as desvantagens da observação participante, mostrou-se muito importante proporcionar ambientes naturais em que a criança não se sentisse avaliada, destruindo a espontaneidade da mesma e produzindo resultados pouco confiáveis, por poder provocar alterações no comportamento, embora houvesse uma constante observação do seu comportamento a cada tarefa realizada; no registo, a investigadora não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos apreendidos “ao vivo”, dado que a memória é seletiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos cuja importância não fosse imediatamente aparente; uma outra desvantagem deste método é a interpretação das observações, a utilização de grelhas de observação muito formalizadas facilita a interpretação, mas, em contrapartida, arrisca-se a ser

relativamente superficial e mecânica perante a riqueza e a complexidade dos processos estudados; quanto aos registos, este se não forem bem organizados podem depender apenas da memória do observador para serem resgatados, vindo a gerar grande interpretação subjetiva ou parcial do estudo o grande envolvimento da investigadora pode levar a uma visão distorcida do estudo ou a uma representação da realidade.

A observação das tarefas foi complementada com o preenchimento de um Guião de Observação (anexo 1), de forma a registar tudo o que foi sucedendo na sala de atividades, à medida que se iam realizando as tarefas, e, em simultâneo, ter um olhar atento sobre todas as crianças do grupo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), é costume recorrer-se a este tipo de guião aquando da realização de um estudo com múltiplos participantes, sendo que são utilizados para recolher dados suscetíveis de serem comparados. O guião foi construído pela investigadora com o objetivo de conseguir obter uma melhor compreensão das ideias e ações das crianças e foi utilizado essencialmente durante a concretização das tarefas, permitindo registar vários comentários e reações das crianças, as suas principais dificuldades e os episódios marcantes.

3.5.2. Notas de campo

As notas de campo são um instrumento de recolha de dados que permitem flexibilidade para estudar uma prática no seu contexto sociocultural, estas são muito utilizadas na metodologia qualitativa. As notas de campo podem ser a nível da descrição, onde podem assumir as formas de transcrições e observações detalhadas, também podem ser descrições de acontecimentos, comportamentos e atividades ou ainda descrições da atividade e comportamento do investigador.

Na perspetiva dos autores Coutinho (2014) e Bogdan e Biklen (1994), as notas de campo representam um conjunto de registos escritos e caracterizam-se por serem breves descrições acerca das pessoas, objetos, contextos e acontecimentos, de forma a que o investigador possa mais tarde rever e analisar os dados as notas de campo.

Neste estudo, foram produzidas algumas notas de campo que, ao longo da recolha de dados, serviu para registar informações relativas às reações e comentários das crianças, aquando da realização das tarefas, as estratégias utilizadas, as suas principais dificul-

dades e os episódios mais marcantes. Estas mesmas notas devem ser, como defendem Cohen e Manion (1990), registadas tão rapidamente quanto possível para que seja o mais fiel ao que foi observado, por isso houve a preocupação de o fazer, sempre que possível, de imediato ou em momentos de pausa ao longo do dia.

Apesar de se ter procedido a alguns dos registos durante a realização das tarefas, foi sempre considerada a noção que poderia ser perdido o foco e deixar passar aspetos importantes para o estudo, a maioria das notas de campo foram redigidas após a realização de cada uma das tarefas, uma vez que, na maior parte dos casos, não foi possível registar, nesta fase, notas muito estruturadas, dada a atenção exigida pelas crianças.

3.5.3. Registos fotográficos

Bogdan e Biklen (1994), referem que a “fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa (...) dá (...) fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (p. 183).

Através dos registos fotográficos foi possível obter “informação sobre o comportamento dos sujeitos, a sua interacção e sua forma de apresentação em determinadas situações” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 141).

Os registos fotográficos serão usados para captar momentos relevantes das sessões e para ilustrar determinadas interpretações, aquando da análise de dados. Para Bogdan e Biklen (1994), os artefactos tecnológicos, como câmaras de filmar e fotográficas, podem influenciar as ações do sujeito. No entanto, considera-se que a reação a estes meios será encarada espontaneamente pelo grupo de participantes deste estudo, pois já estão familiarizados com este tipo de recursos no seu dia a dia.

Neste estudo, foram ponderadas as desvantagens dos registos fotográficos, pois estes podem não ser captados no momento exato das reações das crianças às atividades e as fotografias podem ficar desfocadas, não sendo possíveis utilizar para retratar uma determinada situação.

Todas as fotografias captadas, retratam as atividades e os resultados das sessões de investigação propostas. De acordo com Máximo-Esteves (2008), estas imagens não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual

disponível para serem analisadas e reanalisadas. As fotografias foram datadas e referenciadas espacialmente, como acontece com todos os outros registos. Os registos fotográficos podem também ter como finalidade ilustrar, demonstrar e exhibir, como acontece habitualmente nas exposições retrospectivas de qualquer projeto ou período escolar. Desta forma, este instrumento de recolha de dados é importante porque constitui uma possibilidade de refletir e observar os momentos do trabalho direto com crianças.

Para utilizar este instrumento de recolha de dados, foi enviado um pedido de autorização aos Encarregados de Educação (anexo 2) para as crianças serem fotografadas, para serem usadas apenas para fins académicos facilitando a análise, discussão e reflexão do processo ensino e aprendizagem. De referir que, todas as fotografias presentes neste estudo garantem o anonimado das crianças.

3.5.4. Registos das crianças

Em muitas investigações, os sujeitos são solicitados a realizarem determinados textos, materiais, atividades, sendo estes dados destinados apenas para a observação participante ou entrevista, mas, muitas das vezes podem ser utilizados em exclusivo, isto é, para uma investigação mais aprofundada, sendo requeridos pelo investigador (Bogdan & Biklen, 1994).

Segundo Máximo-Esteves (2008), os registos das crianças revelam uma grande importância na compreensão de como é que as crianças “processam a informação, resolvem os seus problemas e lidam com tópicos e questões complexas” (p. 92). Estes registos servem também para o adulto conhecer sobre o modo de como ensina e como pode orientar as necessidades das crianças.

No decorrer de algumas tarefas realizadas, as crianças elaboraram vários registos, utilizando diferentes técnicas/modalidades de Artes Visuais. Os registos serviram como instrumento de recolha de dados, para interpretar as representações das crianças, no âmbito da sua imaginação e criatividade.

3.5.5. Questionário

Segundo Coutinho (2014), o inquérito pode “incidir sobre atitudes, sentimentos, valores, opiniões ou informação factual, dependendo do seu objetivo, mas todos os inquéritos envolvem sempre a administração de perguntas a indivíduos” (p. 139). Existem dois tipos de inquéritos, os inquéritos por entrevista e inquérito por questionário.

Neste estudo, realizou-se um inquérito por questionário aos pais (anexo 3), no final de todas as atividades propostas, com o objetivo de averiguar se o projeto implementado teve impacto nas crianças e se é considerado importante ao nível do seu desenvolvimento.

Para a realização deste questionário, foram consideradas as questões efetuadas, atendendo que estas devem ser simples, claras e curtas, não devem incluir mais do que uma ideia ou conceito, devem ser adequadas à linguagem e terminologia do universo de inquiridos, ao nível etário, ao tempo de resposta que exige e a natureza do conteúdo.

Tal como referem McMillan e Schumacher (2001), as questões devem ser formuladas de modo a serem atuais e compreensíveis para os inquiridos. De acordo com autores como Tuckman (2005) e Morgado (2012), as questões devem ser redigidas com clareza e de forma simples, de modo a não influenciar os inquiridos a darem uma boa impressão de si próprios e levar a respostas que não correspondem à veracidade da informação prestada.

Neste estudo, assim como foram consideradas as vantagens, foram também tidas em atenção as desvantagens deste método de recolha de dados. Como já referido anteriormente, é difícil saber se os inquiridos estão a responder o que sentem ou se respondem de acordo com o que pensam que são as nossas expectativas; nem sempre é fácil a interpretação das respostas; se existir alguma dúvida no preenchimento do questionário, não haverá hipótese de esclarecimento; e poderá ser difícil motivar os inquiridos a responder ao questionário, o que normalmente origina muitas faltas de resposta, o que será particularmente verdade quando o tipo de questões não tem utilidade ou algum tipo de relação com o inquirido.

Contudo, McMillan e Schumacher (2001), Ghiglione e Matalon (1993) e Hill e Hill (2002) referem que, o inquérito por questionário é a técnica mais adequada quando está em causa uma grande dimensão e a dispersão geográfica da amostra.

Assim, questionário constitui um meio eficiente e rápido de obtenção dados para o estudo.

3.6. Processo de tratamento de dados: análise de conteúdo

Para Bogdan e Bikilen (1994), a análise de dados é entendida como o “processo de busca e organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais” (p. 205).

Numa investigação de natureza qualitativa, a análise e interpretação dos dados recolhidos exige que o investigador tenha uma atitude imparcial, mantendo alguma distância de forma a assegurar que as percepções dos sujeitos, as observações, os relatos e leituras das situações que observou, se enquadrem dentro de alguns limites de correspondência (Denzin & Lincoln, 2000). Do mesmo modo, este é um processo que obriga a que o investigador se mantenha dedicado, pois, segundo Wolcott (citado por Vale, 2004), o processo de análise de dados acontece em três fases fundamentais: a descrição, que deve manter-se o mais fiel possível ao que aconteceu ao longo do estudo; a análise, que diz respeito ao processo de organizar e relatar os dados; e a interpretação, que pode partir da descrição ou da análise, tendo como objetivo questionar e refletir acerca dos significados e o que fazer com a informação recolhida.

Ao longo deste estudo, foram utilizados diferentes métodos e técnicas de recolha de dados, que possibilitaram obter uma grande variedade de dados relacionados com o problema em estudo. Para a analisar os dados obtidos, serviu de orientação o modelo de Huberman e Miles (citados por Vale, 2004), que referem que a análise de dados deve ser realizada em três momentos: redução dos dados, que corresponde “ao processo de selecionar, focar, simplificar, abstrair, transformar e organizar os dados” (Vale, 2004, p. 185) para que se possam tirar conclusões; apresentação dos dados, que, segundo Vale (2004), “é a segunda maior atividade da análise” (p. 185), diz respeito ao momento em que se procede à reunião da informação organizada e condensada, que pode ser feita através de gráficos ou tabelas, com o objetivo a tornar o processo de interpretação dos dados mais acessível; e conclusões e verificação, onde o investigador procura identificar padrões,

possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito (Vale, 2004), procedendo à sua verificação, retornando a evidências como as notas de campo e à literatura.

Na apresentação e discussão dos dados, a informação foi organizada por tarefas, sendo utilizado o mesmo método em todas elas: primeiramente foi feita uma curta introdução à tarefa, apresentando-se um artista conceituado do qual se partiu para o seu desenvolvimento e a razão pelo qual foi escolhido, salientando-se ainda os objetivos da tarefa, bem como a data em que a mesma foi concretizada; de seguida, apresentou-se uma descrição detalhada, incluindo transcrições e imagens que evidenciam a exploração da tarefa, sendo também referidas as estratégias utilizadas pela estagiária e pelas crianças, as dificuldades sentidas, as reações aos materiais e as atitudes face às tarefas; por fim, foi realizada uma reflexão que destaca os principais resultados.

Este processo será efetuado por triangulação dos dados de modo a possibilitar o aprofundamento de informação recolhida. Assim, toda a informação resultante da recolha de dados, realizada ao longo das diferentes fases do processo, irá permitir a sua triangulação, no momento da apresentação, análise e interpretação dos dados, permitindo a sua comparação, de forma a assegurar a redução da subjetividade e melhorar a compreensão dos dados do estudo.

Para Yin (2010), a triangulação dos dados é uma mais-valia, pois, as múltiplas fontes de evidência proporcionam, essencialmente, várias avaliações do mesmo fenómeno. Com a triangulação, pretende-se aumentar o rigor do estudo, reduzindo o risco de distorções inerentes à utilização de uma só fonte de informação.

Desta forma, a triangulação dos dados é um dos processos que permite aumentar a credibilidade e a validade do estudo.

3.7. Tarefas propostas

De forma a dar resposta à questão de investigação deste estudo, foram propostas atividades que proporcionassem às crianças ultrapassar a carência verificada.

Seguidamente, são apresentadas as tarefas desenvolvidas, sendo que cada uma delas inclui a realização de atividades que envolvem diferentes técnicas/modalidades de Artes Visuais, os seus objetivos, bem como os recursos e materiais utilizados.

Na estruturação das tarefas, para além de ser considerado o problema a investigar e as respetivas questões, foram também tidos em conta documentos curriculares, tais como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar (MEDGIDC, 2010) e a brochura das Artes no Jardim de Infância (Godinho & Brito, 2010).

A sequência de implementação das tarefas foi determinada pelo grau de complexidade das mesmas, bem como pela alternância das técnicas/modalidades de Artes Visuais.

Todas as tarefas foram construídas com o intuito de criar novas perspetivas e novos encontros com as várias técnicas/modalidades, criando as condições necessárias para que as crianças se envolvam pessoalmente e se consigam expressar livremente. Deste modo, foi proporcionada às crianças a oportunidade de explorarem diferentes técnicas/modalidades e de serem criativas e imaginativas. Numa atividade em particular, foi dado um tema, para as que crianças não divagassem e se focassem no tema que pedido, dando sempre a hipótese de as crianças mostrarem a sua criatividade.

As tarefas foram desenvolvidas durante as semanas de implementação em contexto da PES II, ao longo de, aproximadamente, um mês e meio. Para a implementação das tarefas estarão previstos seis momentos destinados à realização de diferentes atividades, de forma a dar resposta às questões de investigação e aos objetivos propostos.

Na tabela 5, é apresentada uma visão global das tarefas implementadas, identificando a data da sua implementação, os objetivos de cada uma das tarefas, os recursos materiais necessários, o tempo previsto para a implementação e a organização do grupo.

Tabela 5. *Tarefas implementadas*

Tarefas	Datas	Objetivos da tarefa	Recursos materiais	Tempo previsto	Organização da tarefa
Introdução ao “Dia dos Artistas”	2 de novembro 2016	Realçar que todos os trabalhos de artes visuais são valorizados; Estimular a criatividade e imaginação; Desenvolver o sentido estético; Identificar instrumentos usados nas Artes Visuais.	Livro “o ponto” de Peter H. Reynolds; Folha branca com um ponto preto no centro; Imagem de uma paleta de cores; Paleta de cores em grande escala; Tintas de várias cores.	3 horas (1h+1h+1h)	Grande grupo e individual
Damien Hirst – Pinturas giratórias	3 de novembro 2016	Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas; Explorar elementos expressivos de comunicação visual; Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê; Desenvolver a criatividade e o sentido estético; Mostrar interesse e curiosidade pela técnica; Dar um novo uso aos materiais de uso diário.	Imagem de Damien Hirst; Imagens de Grelhas de pontos Imagens de Pinturas giratórias; Pratos de papel; Escorredor de salada; Tintas de várias cores.	2 horas (30m+1h30)	Grande grupo e individual
Pablo Picasso – Construções (colagens)	17 de novembro de 2016	Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas; Explorar elementos expressivos de comunicação visual; Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê; Desenvolver a criatividade e o sentido estético; Mostrar interesse e curiosidade pela técnica; Dar um novo uso aos materiais reciclados e elementos da natureza.	Imagem de Pablo Picasso; Imagens de quadros do artista; Imagens de colagens do artista; Materiais reciclados e elementos da natureza.	2 horas (30m+1h30)	Grande grupo e individual

(Continuação da Tabela 5. Tarefas implementadas)

Tarefas	Datas	Objetivos da tarefa	Recursos materiais	Tempo previsto	Organização da tarefa
Franz Marc – Pintura	28 de novembro de 2016	Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas; Explorar elementos expressivos de comunicação visual; Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê; Desenvolver a criatividade e o sentido estético; Mostrar interesse e curiosidade pela técnica.	Livro: “O artista que pintou um cavalo azul”, de Eric Carle; Imagem da fotografia de Franz Marc; Imagem das obras: cavalo azul, raposa roxa e vaca amarela; Cavalete de cartão; Folhas A3.	2 horas (30m+1h30)	Grande grupo e individual
Alberto Giacometti – Escultura	13 de dezembro de 2016	Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas; Explorar elementos expressivos de comunicação visual Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê; Desenvolver a criatividade e o sentido estético; Mostrar interesse e curiosidade pela técnica.	Imagem da fotografia de Alberto Giacometti; Imagem das obras do artista; Livro “Tesouros de arte”; “Limpa-Cachimbo”; Folhas de alumínio,	2 horas (30m+1h30)	Grande grupo e individual
Exposição – “Artistas de Palma e Meio”	14 de dezembro 2016	Expor os trabalhos das crianças; Mostrar aos pais e comunidade envolvente as atividades pelas crianças no âmbito do relatório final.	Trabalhos realizados pelas crianças como artistas Cartazes com a apresentação dos artistas conceituados.	1 hora	Grande grupo

4. Apresentação e discussão dos resultados

Neste ponto são apresentados o desenvolvimento e a reflexão das tarefas desenvolvidas no contexto de Pré-Escolar. Com o intuito de expor a análise e interpretação dos dados obtidos nas tarefas realizadas no âmbito do projeto “Artistas de Palmo e Meio”.

4.1. Tarefa 1 – Introdução ao Dia dos “Artistas”

A tarefa 1 “Introdução ao Dia dos Artistas” (anexo 4) foi implementada no dia 2 de novembro de 2016. As atividades deste dia serviram de introdução ao assunto integrador de todo este trabalho, as Artes Visuais.

Durante a realização da tarefa pretendeu-se realçar que todos os trabalhos de Artes Visuais são valorizados, estimular a criatividade e imaginação, desenvolver o sentido estético e, ainda, que a criança se apropriasse de forma gradual de instrumentos de Artes Visuais.

Esta tarefa foi subdividida em três momentos, sendo eles: a exploração da história “O ponto”, onde se explorou os elementos paratextuais do livro e se procedeu à leitura da história e posterior análise; o registo no ponto – “O que desenhaste com o ponto?”, um momento em que o grupo teve a oportunidade de realizar um desenho partindo de um ponto e recorrendo à imaginação; e a preparação de recursos materiais para o “Dia dos Artistas”, que consistiu na realização de um crachá e numa paleta de cores em grande escala para assinalar o “Dia dos artistas”.

Antes da entrada do grupo na sala de atividades foram preparados os materiais necessários para a implementação da mesma, ou seja, o livro “O ponto” e uma caixa, que continha os crachás ainda por colorir, estavam colocados na mesa do computador, local onde a estagiária se sentava.

Aquando da entrada das crianças na sala de atividades, estas mostraram-se muito entusiasmadas e curiosas com os materiais e as atividades que iriam ser realizadas. Neste momento foram possíveis escutar alguns comentários das crianças LR, FG, DT e DR, resultantes das anotações nas grelhas de observação:

- Uma história nova! (LR)

- De que é essa história? (FG)
- É da laranja. (dizendo-o para outro colega) (DT)
- Olha uma caixinha nova das surpresas. (DR)

Depois de todas as crianças se sentarem na roda, a estagiária mostrou às crianças uma folha em branco com um ponto preto no centro, estas mostraram-se muito espantadas pelo facto da estagiária mostrar uma folha em branco (Figura 8).



Figura 8. Reação do grupo à folha branca com o ponto

De forma a compreender qual as suas opiniões face ao que mostrava, a estagiária questionou as crianças com as seguintes questões: o que vemos nesta folha? Qual o lugar do ponto na folha? Estará em cima ou em baixo da folha? Qual é a cor do ponto? As crianças, conseguiram rapidamente perceber que era um ponto preto no centro de uma folha branca. No diálogo promovido surgiram alguns comentários que confirmam o entendimento das crianças:

- O que vemos nesta folha? (Estagiária)
 - Não tem nada! (LPR)
- Vamos observar melhor. (Estagiária)
 - Tem uma bolinha. (MS)
 - É um ponto. (Estagiária)
 - E é preto. (DT)
- Qual o lugar do ponto na folha? Estará em cima ou em baixo da folha? (Estagiária)
 - Está no meio! (DT)
- Muito bem! E sabem porque que esta folha tem um ponto no centro? (Estagiária)
 - Não. (Grupo)
 - E a história? Não vais contar? (LPR)
- Sim, eu vou contar a história para descobrimos porque estará o ponto preto no centro da folha. (Estagiária)

De seguida, mostrou o livro “O ponto” de Peter H. Reynolds (anexo 5) e explorou a capa, o título, contracapa e algumas ilustrações do interior, de forma a que as crianças a formulassem hipóteses sobre o conteúdo do livro (Figura 9).



Figura 9. Exploração da capa do livro: "O ponto"

Nesta exploração a estagiária colocou algumas questões: O que observamos na capa? O que está a menina a fazer? O que está a menina a pintar? O grupo, muito prontamente respondeu com muita criatividade e imaginação, as respostas podem ser observadas nas transcrições abaixo apresentadas (resultantes das anotações nas grelhas de observação).

- O que observamos na capa? (Estagiária)
 - Uma laranja! (DT)
 - Não é uma laranja. (Estagiária)
 - Eu sei! É uma bola grande. (JV)
- E um ponto. O que está a menina a fazer? (Estagiária)
 - A pintar com uma vassoura. (JV)
- Porque estará ela a pintar com uma vassoura? (Estagiária)
 - Porque é um ponto muito grande! (MS)

Posto o momento de exploração, iniciou-se a leitura do mesmo. Este livro, está contemplado no Plano Nacional de Leitura (PNL), recomendado para a Educação Pré-Escolar. Foi selecionado, ainda, porque procura sensibilizar as crianças, para a importância do estímulo à criação artística, o poder criativo, o espírito crítico e a sensibilidade estética. Para além da qualidade literária nele presente, as ilustrações são feitas em aguarela, emitindo frescura e um tom quase infantil, que oferece um equilíbrio entre subtilidade e hipérbole.

Este é um álbum de pequeno formato dá aos jovens artistas mais reticentes o estímulo e o encorajamento necessários à espontaneidade na sua expressão artística.

No decorrer da leitura as crianças mantiveram-se sempre atentas e interessadas com o que estavam a ouvir e foram notadas algumas expressões de espanto com as imagens quando eram viradas as páginas (Figura 10). A leitura expressiva e o suspense criado em torno da história, através da interrupção da leitura de algumas frases a meio, cativou o grupo que a cada página ansiava saber o que aconteceu.



Figura 10. Atenção das crianças à leitura da história

Depois de concluída a leitura da história, foi revista, tendo por base cada página, de modo a perceber se as crianças tinham ou não interiorizado o enredo. De um modo geral, o grupo não apresentou grandes dificuldades no reconto da história, respondendo corretamente às questões colocadas pela estagiária.

Partindo da informação presente na próxima tabela (tabela 6), é possível evidenciar que a escolha da introdução ao assunto integrador deste estudo foi a adequada, uma vez que, de uma forma geral, todas as crianças revelaram vontade em explorar livro e de recontar a história. É de salientar que o conto explorado não era do conhecimento das crianças e, sendo o seu conteúdo uma novidade para o grupo, este demonstrou interesse e atenção no decorrer da leitura.

Na tabela 6, podemos constatar que em 20 crianças que estavam presentes neste dia, 16 evidenciaram uma reação muito satisfatória face ao material didático e as restantes quatro crianças mostraram uma reação positiva. Relativamente ao interesse e atenção demonstrada pelo grupo perante a atividade temos um total de 18 crianças com bastante interesse revelado e duas crianças com algum interesse e atenção sob a tarefa em ques-

tão. Quanto à reação do grupo face ao desafio colocado, 18 evidenciaram uma reação muito satisfatória e as restantes duas crianças mostraram uma reação positiva.

Tabela 6. *Observação da atividade referente à leitura do livro: "O Ponto"*

crianças	"O ponto"			
	Reação do grupo face ao material didático	Conhecimento do grupo sobre a história	Interesse/atenção na atividade	Reação do grupo face ao desafio colocado
AE	2	Não	3	2
CV	3	Não	3	3
DT	3	Não	3	3
DR	3	Não	3	3
FG	3	Não	3	3
GA	2	Não	2	3
HS	3	Não	3	3
IG	3	Não	3	3
JC	2	Não	3	2
JV	3	Não	3	3
LPR	3	Não	3	3
LR	3	Não	3	3
LB	3	Não	3	3
LC	3	Não	3	3
MS	3	Não	3	3
PM	3	Não	3	3
RA	3	Não	3	3
RF	3	Não	3	3
TF	2	Não	2	3
VP	3	Não	3	3

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Para iniciar a seguinte atividade, a estagiária explica que as crianças vão realizar uma atividade, elaborada de forma individual, onde cada criança terá a oportunidade de pintar algo a partir de um ponto preto no centro de uma folha branca.

Esta característica vai ao encontro da história, pois a Vera, na sua primeira obra, apenas fez um ponto preto no centro de uma folha branca e depois criou obras com variadíssimos tipos de pontos.

O objetivo da atividade é que cada criança crie algo a partir do seu ponto preto, em desenho livre, no qual as crianças apresentassem criatividade e imaginação no seu desenho, conseguindo criar algo através do material fornecido e explicar o que desenhou, de

forma a que sentissem que todos os trabalhos são valorizados. Embora não tenham sido fornecidas muitas indicações, houve sempre cuidado de ir comunicando com cada uma das crianças para tentar perceber todo o processo criativo.

Através da tabela 7, são apresentadas as respostas das crianças face à seguinte questão – “O que desenhaste com o ponto?”

Tabela 7. Respostas à questão: “O que desenhaste com o ponto?”

“O que desenhaste com o ponto?”	
crianças	Respostas obtidas
AE	“Uma joaninha. O ponto é uma bolinha da joaninha”
CV	“São setas. O ponto é onde segura as setas”
DT	“Desenhei muitas flores”
DR	“Uma flor muito grande e uma menina e corações”
FG	“Uma cara de uma menina. O ponto é o olho”
GA	“O ponto é uma careta com uma língua”
HS	“Uma senhora que pinta. O ponto é o olho”
IG	“O olho da menina e uma menina”
JC	“Tenda grande”
JV	“É um menino. O ponto é o olho do menino”
LPR	“É um campo de flores de todas as cores”
LR	“Uma menina. O ponto e uma borbulha”
LB	“Uma menina a brincar com a bola na rua”
LC	“São flores e tem um bicho na flor e está a chover”
MS	“Desenhei no ponto uma flor”
PM	“Muitas flores”
RA	“Monte com flores”
RF	“Uma cara feliz e flores. O ponto é o olho”
TF	“São coisas”
VP	“É um menino a comer chocolate”

É possível observar na tabela 7, das 20 crianças que estiveram presentes nesse dia, que seis crianças utilizaram o ponto para desenhar flores, dez utilizaram o ponto na representação de uma figura humana, muito explorada no Pré-Escolar, e as restantes quatro crianças desenharam coisas variadas. No final, foi notório que crianças as criaram desenhos bastante criativos e imaginativos (Figura 11), pois muitas das crianças já mostraram conseguir desenhar corretamente, tendo a noção do espaço na folha, das cores e formas.

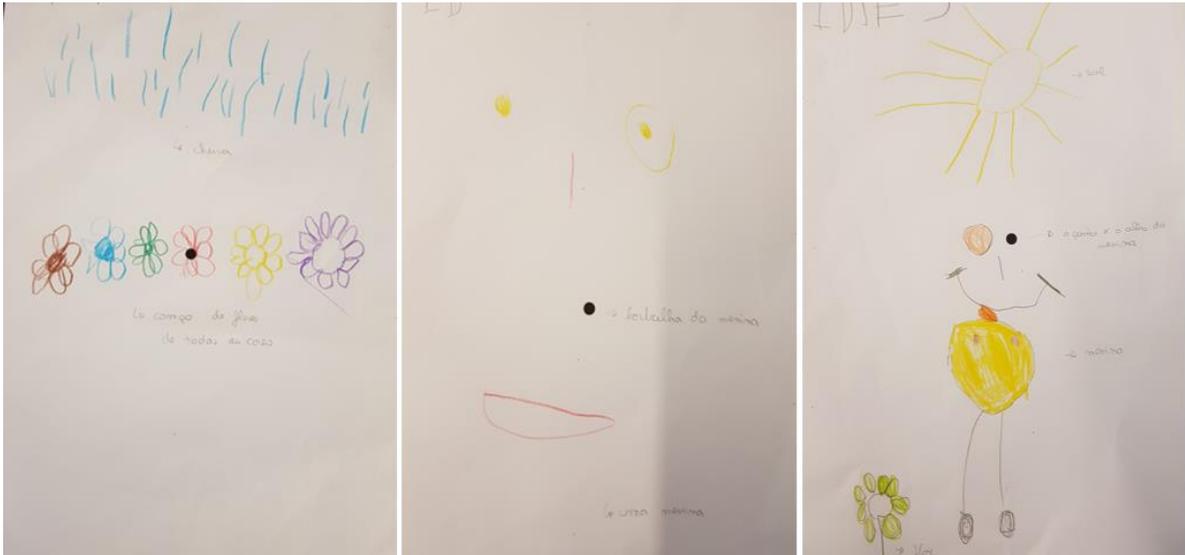


Figura 11. Alguns trabalhos realizados pelas crianças ("O que desenhaste com o ponto?")

Para a próxima atividade, a estagiária esclareceu que, como a Vera, todas as crianças podem ser artistas e realizar obras de arte. Durante esta conversa, ouviu-se o seguinte comentário por parte da criança JV:

- Nós somos artistas na música. (JV)
- Existem artistas muitos tipos de artistas, na música, na dança e agora, nós, também vamos ser artistas nas artes, vamos pintar, desenharmos, recortar e colar, entre outras coisas. (Estagiária)

Acrescentando que a partir desse dia haverá um dia especial, dedicado a um artista plástico, onde será dado a conhecer um artista conceituado e as suas obras para depois as crianças reproduzirem uma das suas obras de arte. Refere, ainda, que terminarão com uma exposição onde os trabalhos das crianças como "pequenos artistas" serão expostos na escola, como foi o caso de Vera a personagem da história. De uma forma geral, todas as crianças mostraram bastante entusiasmo com este desafio, visível em alguns comentários realizados pelas crianças DT e CV, resultantes das anotações da estagiária nas grelhas de observação:

- UAU! (DT)
- Quando é que vamos fazer isso? (CV)
- Quando for o "Dia dos Artistas". (Estagiária)
- E quando é? (CV)
- Vamos fazer um trabalho para todos juntos e sempre que esse trabalho estiver exposto no placar é o dia que vamos ser artistas. (Estagiária)

- Que fixe! (CV e DT)

De seguida, mostra às crianças a imagem de uma paleta de cores (anexo 6) e para compreender se conhecem alguns objetos inerentes às Artes Visuais, a estagiária questionou as crianças com as seguintes questões: Sabem que objeto é este? Quem usa este objeto? As crianças, na sua maioria, conseguiram identificar os objetos apresentados, destacando-se as crianças MS e JV, mostraram ter bastante conhecimento dos objetos apresentados e prontamente indicaram por quem estes são mais utilizados, como podemos observar nas seguintes transcrições, resultantes das anotações na grelha de observação.

- Sabem qual é este objeto? (Estagiária)

- Eu tenho isso na minha casa. E para pintar! (MS)

- Esta é uma paleta de cores. Sabem quem a usa? (Estagiária)

- Os pintores. (JV)

A estagiária, retirou de dentro da caixa crachás, com a ilustração de uma paleta de cores por colorir (anexo 7), onde as crianças identificaram de imediato que se tratava de uma paleta de cores. De seguida, esclareceu que as crianças irão colorir o crachá a seu gosto, que será utilizado sempre que for o “Dia dos Artistas” (Figura 12), de forma a que as crianças sempre que os colocarem se sintam como “pequenos artistas”, para além de ser um dos objetos que marca este dia especial. Referindo, ainda, que em conjunto vão colorir uma paleta de cores em grande escala, para que depois seja exposta no “Dia dos Artistas” (Figura 13), de forma a que, ao entrar na sala de atividades, as crianças identifiquem que é o dia especial de dedicado às Artes Visuais.



Figura 12. Crachás "Dia dos Artistas"



Figura 13. Paleta de cores em grande escala realizada em conjunto com as crianças

4.1.1. Reflexão da tarefa 1

Realizando uma análise global de todo o decorrer desta tarefa, foi possível verificar que existiu desde o início interesse por parte das crianças. As atividades que despertaram nelas mais entusiasmo foram conto da história e a preparação dos materiais para o “Dia dos Artistas”. Assim se percebe que os materiais “oferecem à criança a entrada e a abertura através das quais ela pode entrar no mundo do conhecimento ordenado dos adultos” (Lino, 1998, p.47).

Devido ao facto de este ser um grupo que mostra muito gosto na audição de histórias, no momento de exploração do livro, ainda antes da leitura da história, captou a atenção do grupo que, desde logo, se mostrou curioso para a conhecer e para saber o conteúdo da história. Durante a história, o suspense criado, dada a interrupção de frases que só terminavam nas páginas seguintes, foi sem dúvida uma mais-valia para que o grupo se mantivesse envolvido nesta atividade.

A opção de utilizar estas estratégias, deve-se ao envolvimento que se pretende na criança e tem por base a identificação que o educador fez das suas competências, interesses e necessidades, tendo patente que o envolvimento da criança e o empenho por parte do adulto são duas dimensões da qualidade que não se podem dissociar porque se influenciam mutuamente (Pascal & Bertram, 1999). Ou seja, a vantagem da utilização de estratégias ajustadas ao nível de desenvolvimento das crianças tem a ver com o facto de estes conseguirem captar até mesmo a atenção dos mais distraídos.

Posteriormente, as crianças que mostraram ter respondido ao desafio colocado, desenharam algo partindo de um ponto. Nos trabalhos desenvolvidos foi notório que as crianças fizeram desenhos bastante criativos e imaginativos, pois muitas das crianças já mostraram conseguir desenhar corretamente, tendo a noção do espaço na folha, das cores e formas.

Na atividade da preparação dos materiais para o “Dia dos Artistas”, crachás e paleta de cores em grande escala, as crianças mostraram bastante entusiasmo a pintar em conjunto a paleta gigante e colorir o crachá a seu gosto, denotando-se um sentido de pertença.

Foi possível observar ao longo do dia, nos momentos de exploração das diferentes áreas as crianças realizavam atividades dentro do tema abordado. A criança CV, na área da pintura, desenhou uma menina e vários pontos coloridos, relacionado com a história “O ponto” (Figura 14), o que demonstrou que esteve atenta e o tema despertou interesse nela.



Figura 14. Criança CV a realizar uma pintura relacionada com a história "O ponto"

Fiquei satisfeita com as atividades realizadas neste dia, as crianças mostraram-se constantemente interessadas e participativas, respondendo às questões colocadas e querendo participar em todos os desafios colocados. E foram estes comportamentos que se evidenciaram ao longo da implementação e que ajudaram a que todos os objetivos fossem alcançados.

4.2. Tarefa 2 – Damien Hirst – Pinturas giratórias

A tarefa 2 “Damien Hirst – Pinturas giratórias” (anexo 8) foi implementada no dia 3 de novembro de 2016.

Esta tarefa, tinha como finalidade desenvolver na criança a descrição, análise e reflexão sobre o que a olha e vê, promover o desenvolvimento a criatividade e o sentido estético, o interesse e curiosidade pela técnica e uma nova perspectiva sobre a utilização dos materiais de uso diário.

A tarefa foi subdividida em dois momentos: a apresentação do artista e de algumas das suas obras; e a realização de uma obra ao estilo do artista conceituado.

Antes da entrada do grupo na sala de atividades foram preparados os materiais necessários para a implementação da mesma, ou seja, foi exposta a paleta de cores em grande escala que as crianças coloriram em conjunto e colocados os recursos materiais para a implementação, as imagens de Damien Hirts e de algumas das suas obras, os pratos de papel e o escorredor de salada, na mesa do computador, local onde se localizava a estagiária.

Aquando da entrada das crianças na sala de atividades, algumas repararam na paleta do “Dia dos Artistas” (Figura 15) e mostraram bastante excitação em ver o seu trabalho exposto e saber que esse dia preparava surpresas.



Figura 15. Paleta de cores "Dia dos Artista"

No momento em que as crianças estavam sentadas na roda, a estagiária chamou a atenção de todas as crianças para o que estava exposto na sala de atividades (a paleta de

cores em grande escala que as crianças coloriram em conjunto), e provou nas crianças a reflexão do porquê a paleta estar exposta. Nesta exploração a estagiária colocou as seguintes questões: Alguém sabe porque está exposta a paleta de cores? Alguém sabe o que podemos fazer enquanto artistas plásticos? O que temos de colocar para ser artistas?

No diálogo promovido surgiram alguns comentários que confirmam o entendimento das crianças, relativamente à paleta do “Dia dos Artistas” (resultantes das anotações nas grelhas de observação):

- Alguém sabe porque está exposta a paleta de cores? (Estagiária)
- Porque vamos ser artistas. (JV)
- Muito bem! Vamos ser artistas plásticos. Alguém sabe o que podemos fazer como artistas plásticos? (Estagiária)
- Pintar e colar. (FG)
- Boa! Podemos fazer todo o tipo de trabalhos, pintar, recortar e colar e modelar. E o que temos de colocar para ser artistas? (Estagiária)
- Os crachás que fizemos ontem. (LC)

Depois das crianças colocarem os seus crachás, em forma de narrativa, a estagiária mostrou a fotografia de um artista, explicando que, o artista que está a apresentar se chama Damien Hirst e é um artista de outro país. Referindo que este artista faz obras muito interessantes. As obras mais populares, deste artista, são as grelhas com pontos coloridos e as pinturas giratórias.

De seguida, apresentou as várias imagens das grelhas de pontos (anexo 9), com tamanhos, disposições e quantidades de pontos distintas, e questionou as crianças sobre o que observaram, de forma a que as crianças referissem as cores presentes, as formas e as tonalidades (Figura 16).



Figura 16. Exploração das grelhas de pontos

Seguidamente, são apresentados alguns comentários realizados pelas crianças SB, DT, MS, CV e IG relativamente à exploração das grelhas de pontos, resultantes das anotações da estagiária nas grelhas de observação.

- Tantos pontos! (SB)
- São pontos como os da Vera. (DT)
- E de muitas cores. (MS)
- São muitos pontos pequeninos que fazem um ponto mais grande. (CV)
- Tem pequeninos e grandes. (IG)

Foi possível constatar que as crianças, prontamente, relacionaram os pontos de Damien Hirst aos pontos da Vera, personagem da história “O Ponto” da sessão anterior. Este comportamento demonstrou que as crianças, na sessão anterior, permaneceram atentas e interessadas na temática abordada.

Depois de exploradas as grelhas de pontos, a estagiária mostrou as pinturas giratórias (anexo 10) e questionou as crianças sobre o que observaram, de forma a que, mais uma vez, as crianças referissem as cores presentes, as formas, as tonalidades, entre outros aspetos (Figura 17).



Figura 17. Exploração das pinturas giratórias

As crianças reagiram com mais entusiasmo e curiosidade perante esta obra e a técnica utilizada por este artista. De seguida, são apresentados os comentários das crianças TF, CV, LC, DT e FG que comprovam o seu entusiasmo e curiosidade (resultantes das anotações nas grelhas de observação).

- UAU! (TF)
- Essa é mais gira! (CV)
- Eu também gosto mais das pinturas giratórias. (LC)

- Como ele fez isso? (DT)
- Nós também vamos fazer uma pintura assim? (FG)

Durante a exploração das diferentes obras as crianças mantiveram-se sempre muito interessadas e participativas na atividade, aproveitando a motivação das crianças, a estagiária explicou que, como artistas, as crianças irão criar uma a pintura giratória ao estilo de Damien Hirst. Para isso, apresentou os materiais necessários para realizar a pintura giratória, sendo eles: pratos de papel, escorredor de saladas e tintas de várias cores; e explicou a técnica de pintura que iria ser utilizada.

Na tabela 8, é apresentada a observação das crianças face ao material didático e o desafio proposto.

Tabela 8. *Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto*

Damien Hirts – Pinturas giratórias			
crianças	Reação do grupo face ao material didático	Interesse em explorar o material didático e a técnica	Reação do grupo face ao desafio colocado
AE	3	3	3
CV	3	3	3
DT	3	3	3
FG	3	3	3
GA	3	3	3
HS	3	3	3
IM	3	3	3
IG	3	3	3
JC	3	3	3
JM	3	3	3
JV	3	3	3
LPR	3	3	3
LR	3	3	3
LB	3	3	3
LC	3	3	3
MV	3	3	3
MS	3	3	3
PM	3	3	3
RA	3	3	3
RF	3	3	3
SB	3	3	3
TF	3	3	3
VP	3	3	3

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Analisando a informação presente na tabela 8, é possível verificar que quanto à reação do grupo face ao material didático é evidente que todas as crianças reagiram muito bem. No que diz respeito ao interesse e vontade estes materiais, os dados comprovam que as 23 crianças presentes neste dia demonstraram bastante interesse em explorar o material, bem com a reação do grupo face ao desafio colocado, e também muita motivação.

Para a realização desta tarefa, as crianças contaram como apoio da estagiária, para que colocarem o prato de papel dentro do escorredor de salada corretamente, colocarem os pingos de tinta no prato de papel e depois, autonomamente, as crianças giraram o escorredor para a tinta espalhar. No final, obtiveram uma pintura giratória ao estilo de Damien Hirst.

Durante esta atividade, as crianças mostraram-se muito motivadas em manusear o material e foram registadas expressões espanto e surpresa e quase de encantamento com o resultado final do seu trabalho (Figura 18).



Figura 18. Algumas reações das crianças face ao material e à técnica utilizada

Foram registados, nas grelhas de observação, os seguintes comentários das crianças PM, JV, CV, DT ao longo da tarefa:

- Que bonita ficou a minha pintura. (PM)
- Agora também já sou um artista de pinturas que giram. (JV)
- A tinta espalhou-se. (expressão de espanto) (CV)
- Isso foi porque andou muito rápido CV. (DT)

No final desta tarefa, os trabalhos das crianças foram colocados no placard da sala de atividades (Figura 19), para que as crianças centrassem, também, a sua atenção no produto final e não apenas no momento prazeroso da sua realização.



Figura 19. Pinturas giratórias expostas na sala de atividades

4.2.1. Reflexão da tarefa 2

No desenvolver desta tarefa, foi possível verificar que existiu desde o início motivação por parte das crianças. A atividade onde as crianças recriaram uma pintura de Damien Hirst foi a que despertou nelas mais entusiasmo. Pois, os materiais do dia a dia utilizados foram sem duvida uma mais-valia para que as crianças se sentissem motivadas para a atividade. Segundo Sousa (2003c), a técnica escolhida e o material a ser utilizado são mui-

tas vezes associados ao desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança. Desta forma, cabe ao adulto proporcionar à criança experiências enriquecedoras para que a criança tenha um maior contacto com várias técnicas e materiais diversificados.

Num primeiro momento, foi apresentado às crianças o artista conceituado e algumas das suas obras (grelhas de pontos e pinturas giratórias), dada a importância que as crianças tenham contacto com a arte, pois esta desenvolve a sensibilidade estética na criança e contribui para desbloquear o processo criativo, proporcionando a descoberta das mais variadas técnicas e formas de expressão.

Na exploração das grelhas de pontos que crianças associaram os pontos de Damien Hirst aos Pontos da Vera, personagem da história “O Ponto”, fazendo aqui a ligação ao que foi abordado no dia anterior e, desta forma, demonstrando o interesse e a relevância que teve a sessão anterior.

Após observar algumas imagens das obras de arte do artista conceituado, as crianças tiveram oportunidade de recriar as pinturas giratórias.

As crianças mostraram-se bastante motivadas para a realização desta tarefa, visto ser um grupo que gosta de desafios e novidades, a exploração deste material e desta técnica era algo novo na turma. Para Balancho e Coelho (1994), o educador deve tomar uma posição estratégica, na medida em que deve ter como função reconhecer e despertar, por meio de processos didáticos e pedagógicos adequados às crianças, as necessidades, os interesses e, conseqüentemente, as suas motivações.

Num segundo momento fase da tarefa, onde as crianças produziram uma obra ao estilo de Damien Hirst, todo o grupo mostrou vontade de experimentar recriar uma pintura giratória, tendo a mesma suscitado interesse e admiração pelo resultado “causa/efeito”: ao girarem a manivela do escorredor de salada as cores misturam-se, produzindo efeitos sempre distintos. As crianças sorriam, admiravam a pintura obtida e queriam repetir a ação. A arte é uma oportunidade única de vivenciar experiências e diferentes culturas, proporcionando à educação o que outros âmbitos não proporcionam.

É importante referir que esta atividade conseguiu captar a atenção de todas as crianças, tendo em várias situações demonstrando evidências de atenção e empenho pela atividade em curso.

Durante esta atividade, as reações das crianças, relativamente ao trabalho que estavam a realizar, mostraram ser muito positivas, sendo notório que as crianças estavam a realizar a tarefa com muita motivação. Foram possíveis registar as intervenções das crianças GA e IG, resultantes das anotações da estagiária nas grelhas de observação:

- Amanhã é outra vez o dia de artistas? (GA)
- Quando vamos fazer outra vez pinturas de artistas? (IG)

Mais uma vez, foi possível observar ao longo do dia, nos momentos de exploração das diferentes áreas as crianças realizavam atividades dentro do tema abordado. A criança HS, na área do desenho, desenhou uma paleta de cores e uma pintura giratória, demonstrando, assim, que este tema é do interesse das crianças (Figura 20).



Figura 20. Desenho realizado pela criança HS sobre o tema abordado

Foi uma enorme satisfação observar que as crianças mostraram bastante entusiasmo em todas as atividades que foram propostas e todas revelaram empenho, interesse e participação, respondendo às questões colocadas e querendo manusear os materiais que apresentamos. Foram estes comportamentos demonstrados pelas crianças, que mostram que os objetivos da tarefa fossem alcançados.

4.3. Tarefa 3 – Pablo Picasso – Construções (colagens)

A tarefa 3 “Pablo Picasso – Construções (colagens)” (anexo 11) foi implementada no dia 17 de novembro de 2016.

Os principais objetivos desta tarefa centravam-se em estimular o acesso à arte e à cultura artística, explorar elementos expressivos de comunicação visual, descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê, desenvolver a criatividade e o sentido estético, mostrar interesse e curiosidade pela técnica e dar um novo uso aos materiais reciclados e elementos da natureza.

Esta tarefa foi subdividida em três momentos: a apresentação do artista e de algumas das suas obras; a recolha de materiais reciclados e elementos da natureza; e a realização de uma obra ao estilo do artista conceituado.

Antes da entrada das crianças na sala de atividades foram organizados os materiais indispensáveis para a implementação da mesma, foi exposta a paleta de cores em grande escala, que as crianças coloriram em conjunto, e colocados os recursos materiais para a implementação, as imagens de Pablo Picasso e de algumas das suas obras, na mesa do computador, onde se sentava a estagiária.

As crianças, na entrada para a sala de atividades, observaram de imediato na paleta de cores em grande escala e identificaram que se tratava do “Dia dos Artistas”, muito empolgadas e sem ser necessário lembrá-las colocaram os seus crachás para serem artistas neste dia especial.

Depois das crianças se preparem para serem “pequenos artistas”, colocando os seus crachás, a estagiária provocou a reflexão nas crianças sobre o que iria ser realizado nesse “Dia dos Artistas”, colocando várias questões. No diálogo promovido surgiram alguns comentários, resultantes das anotações nas grelhas de observação, que confirmam o entendimento das crianças, relativamente ao “Dia dos Artistas”.

- O que será que eu preparei hoje para o “Dia dos Artistas”? (Estagiária)
 - Tens mais surpresas para nós? (JV)
 - Hoje vamos fazer uma atividade diferente! (Estagiária)
 - Não vai ser uma pintura giratória? (CV)
 - Então o que vamos fazer hoje? (LC)
- Hoje vamos conhecer um artista que faz construções. (Estagiária)
 - Construções de legos? (JC)

- Não, as construções deste artista são colagens com muitos materiais. (Estagiária)

Depois de ouvir as opiniões das crianças, a estagiária mostrou a fotografia de um artista e, em forma de narrativa, esclareceu que o artista que estava a apresentar era Pablo Picasso, um artista de outro país, que, desde cedo, produziu obras muito criativas. Esclarece, ainda, que este realizou uma série de “construções” (colagens), utilizando vários materiais. Estes materiais podiam ser papel, areia, cordas, cartão, madeira, metal, entre outros. Picasso foi um criativo não só nos materiais como nas técnicas, chegou a usar penas de pombas em vez de pincel.

Posto o momento de apresentação do artista conceituado, a estagiária mostrou às crianças várias imagens das suas obras.

Primeiramente, apresentou a imagem de uma pintura de Picasso (anexo 12), e forma a compreender o que as crianças observavam face à obra que mostrava, a estagiária questionou as crianças: Que objetos conseguimos observar na obra? As crianças, responderam corretamente, referindo as cores presentes, as formas e as tonalidades, os objetos nela presentes, entre outros aspetos (Figura 21).



Figura 21. Exploração da pintura de Pablo Picasso

No diálogo promovido surgiram os seguintes comentários que confirmam o entusiasmo e curiosidade das crianças:

- Que objetos conseguimos observar na obra? (Estagiária)

- Muitas cores. (DR)

- Tem um piano. (MS)
- E também tem uma viola. (LR)
- Eu consigo ver um trompete. (LPR)
- E uma pintura dos instrumentos de música. (JV)

Nesta exploração foi possível verificar que as crianças já possuíam bastante conhecimento sobre os instrumentos musicais, mostrando estar bastante desenvolvidas neste tema.

Depois de explorar a pintura, a estagiária mostrou duas imagens das construções de Picasso (anexo 13), e questionou, novamente, as crianças sobre o que observaram, de forma a que, mais uma vez, as crianças referissem as cores presentes, as formas, as tonalidades, objetos, entre outros aspetos (Figura 22). As crianças reagiram com muita curiosidade aos materiais que eram utilizados nas construções deste artista.



Figura 22. Exploração das construções de Pablo Picasso

Foi dada a cada criança a oportunidade de observar a imagem da obra individualmente e comentar o que nela observava. Todas as crianças conseguiram visualizar, com pormenor, os elementos que compunham esta obra (Figura 23).



Figura 23. Exploração individual das obras

Nas transcrições, de seguida, apresentadas, são apresentados alguns comentários realizados pelas crianças durante a observação, individual, da obra de arte (resultantes das anotações das grelhas de observação).

- É muito castanho. (IG)
- Tem letras. (DR)
- Tem letras porque é uma revista. (CV)
- Tem um bicho. (RF)
- Tem 9 pregos. (JV)
- Eu vejo muitas folhas das árvores. (RA)
- Eu estou a ver uma espada. (DT)
- Também tem cartão. (LC)
- Este quadro também tem letras. (LR)

Durante a exploração das diferentes obras as crianças mantiveram-se sempre muito interessadas e participativas na atividade, identificando nas obras os materiais que conhecem do seu dia a dia e compreendendo que artistas conceituados também utilizam materiais reciclados. Aproveitando a motivação das crianças, a estagiária, explicou que como artistas irão criar uma construção ao estilo de Pablo Picasso, reutilizando diferentes materiais.

Para realizar esta colagem, inicialmente estava previsto as crianças irem ao exterior (acompanhadas pelas estagiárias) para observarem a natureza e ver o que poderia ser recolhido para fazer “construções” com diversos materiais, como por exemplo folhas,

areia e “pauzinhos”. Mas, devido ao tempo atmosférico, não foi possível realizar este momento. As crianças realizaram a sua colagem com os materiais que estavam disponíveis na sala de atividades, utilizaram tampas de garrafas, palhetas do leite, vários tipos de papel e revistas, capsulas de café, rolhas de cortiça, lã, entre outros materiais. Todos os materiais foram todos disponibilizados numa mesa da sala de atividade, para que as crianças selecionassem os materiais que pretendiam para realizar nas suas colagens.

Na tabela 9, é apresentada a observação das crianças face ao material didático, ao interesse na atividade e a reação do grupo ao desafio proposto.

Tabela 9. *Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto*

Pablo Picasso – Construções (colagens)			
crianças	Reação do grupo face ao material didático	Interesse/atenção na atividade	Reação do grupo face ao desafio colocado
CV	3	3	3
DT	3	3	3
DR	3	3	3
FG	3	3	3
GA	3	3	3
HS	3	3	3
IM	3	2	2
IG	3	3	2
JC	3	3	3
JM	2	2	2
JV	3	3	3
LPR	3	3	3
LR	3	3	3
LB	3	3	2
LC	3	3	3
MV	3	3	2
MS	3	3	3
PM	3	3	3
RA	3	3	3
RF	3	3	3
SB	3	3	3
VP	3	3	2

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Partindo da informação presente na tabela acima, é possível evidenciar que 22 crianças, que estavam presentes, todas as crianças, exceto uma, evidenciaram uma reação muito satisfatória face ao material didático. Relativamente ao interesse e atenção de-

monstrada pelo grupo perante a esta atividade temos um total de 20 crianças com bastante interesse revelado e duas crianças com algum interesse e atenção sob a tarefa em questão. Quanto à reação do grupo face ao desafio colocado, 14 evidenciaram uma reação muito satisfatória e as restantes duas crianças mostraram uma reação positiva.

Foi notório que algumas crianças realizaram esta atividade com muito entusiasmo e dedicação, as crianças que apresentavam mais dificuldades a nível da motricidade fina foram as que mostraram menos entusiasmo nesta tarefa (Figura 24).



Figura 24. Algumas crianças a realizarem a colagem

No decorrer desta tarefa, as crianças contaram com o apoio das estagiárias para colarem os materiais na folha de desenho, pois algumas crianças colocavam demasiada cola para um objeto muito pequeno. E, ainda, o cuidado de ir comunicando com cada uma das crianças para tentar perceber todo o processo criativo. A tabela 10, apresenta algumas das respostas das crianças face à seguinte questão – “O que construístes nessa colagem?”

Tabela 10. Respostas à questão: “O que construístes nessa colagem?”

“O que construístes nessa colagem?”	
crianças	Respostas obtidas
CV	“É uma colagem com muitas coisas”
DT	“É um Cowboy com uma pistola”
DR	“São umas coisas de natal”
FG	“Colei rolhas e estrelas”
GA	“Muitas estrelinhas e bolas de natal e uma flor”
HS	“São muitas coisas”
IM	“É só uma colagem com coisas”
IG	“São compras”
JC	“Cidade de blocos”
JM	“Não sei”
JV	“É uma loja, decorada com coisas de natal”
LPR	“São joias e uma máquina de fazer joias”
LR	“Fiz uma festa, com muitas coisas”
LB	“Uma cara de uma menina”
LC	“É a minha mamã”
MV	“Colei papelinhos, uma cara, fio, estrelinhas e uma tampa”
MS	“É o sitio do pai natal”
PM	“São estrelinhas, papelinhos, muitas rolhas e uma tampa”
RA	“Fiz a minha mãe”
RF	“Colei muitas coisas”
SB	“A minha colagem é num campo de flores, tem muitas coisas no campo”
VP	“Colei rolhas e papelinhos e isto do café, está tudo junto”

É possível observar na tabela 10, das 22 crianças que estiveram presentes nesse dia, que nove crianças realizaram apenas a colagem de objetos na folha, sem qualquer intenção, quatro realizaram uma colagem com a representação de uma figura humana, uma criança realizou uma colagem com elementos da natureza, quatro realizaram uma colagem com o tema natalício, visto estar próxima a data festiva e as restante quatro crianças

criaram várias situações, lojas, uma festa e uma cidade de blocos, relacionadas com o quotidiano.

No final desta atividade, os trabalhos das crianças ficaram muito ricos e criativos, demonstrando um grande desenvolvimento da sua imaginação. É, também visível que a maioria das crianças já mostraram adquirir percepção do espaço na folha.

Seguidamente, na figura 25, são apresentados alguns trabalhos criados pelas crianças.



“São joias e uma máquina de fazer joias”



“É um cowboy com uma pistola”



“A minha colagem é num campo de flores,
tem muitas coisas no campo”



“Fiz a minha mãe”

Figura 25. Algumas construções realizadas pelas crianças

4.3.1. Reflexão da tarefa 3

No desenvolver da tarefa, é possível salientar que existiu desde o início motivação por parte de algumas crianças.

Num primeiro momento, foi apresentado às crianças o artista conceituado e algumas das suas obras (pinturas e construções), para que a criança contactasse com mais que uma obra deste artista. Desta forma, com o contacto com a arte, a criança abre novos horizontes, alarga o seu conhecimento, tornando-se mais crítica, mais sensível e tolerante em relação aos outros.

As crianças, na exploração das obras de Picasso mantiveram sempre a atenção. Depois de explorar algumas imagens das obras de arte do artista Pablo Picasso, as crianças tiveram oportunidade de recriar construções ao estilo deste artista conceituado.

A maioria das crianças mostraram-se bastante motivadas para a realização desta tarefa. Sendo visível que durante esta atividade, as reações da maioria das crianças, relativamente ao trabalho que estavam a realizar, mostraram ser muito positivas e motivadas.

Com esta atividade, todas as crianças compreenderam que com diferentes materiais é possível exprimirem-se e embelezarem os seus trabalhos com material de desperdício e elementos da natureza, originando criações encantadoras.

Nesta atividade, as crianças tiveram a oportunidade de explorar diferentes materiais e várias texturas. Foi importante que as crianças tivessem vários materiais à sua escolha. Hohmann e Weikart (2004), reforçam a ideia que, este tipo de material deve estar sempre à disposição da criança, para que possa explorá-los com tempo, descobrir a sua finalidade e a forma como poderão ser utilizados.

No decorrer da atividade, foi possível constatar que algumas crianças ainda têm dificuldades ao nível da motricidade fina, como o recortar e colar.

As crianças mantiveram-se sempre interessadas, apesar das crianças com mais dificuldade na motricidade fina não revelaram muita motivação nesta atividade, devido ao facto de as colagens serem muito minuciosas.

Durante a atividade foi visível que as crianças colocaram várias hipóteses, trocando de ideias entre si. Tendo por base uma partilha de objetivos comuns, que segundo Vigotsky (2003), é um ponto de partida importante, esta troca de ideias e sugestões, para a resolução de um problema poderá ter significado um estímulo cognitivo, através da interação do adulto e da criança com os seus pares.

Depois da exploração desta técnica, foi visível que, durante a exploração livre das áreas, as crianças frequentaram mais vezes a área do recorte e da colagem.

No decorrer desta tarefa as crianças mostraram bastante entusiasmo em todas as atividades que foram propostas e, também pelos resultados das crianças, que se mostraram muito criativos.

4.4. Tarefa 4 – Franz Marc – Pintura

A tarefa 4 “Franz Marc – Pintura” (anexo 14) foi implementada no dia 28 de novembro de 2016.

Durante a realização da tarefa pretendeu-se realçar estimular o acesso à arte e à cultura artísticas, explorar elementos expressivos de comunicação visual, descrever, analisar e refletir sobre o que a criança olha e vê, desenvolver a criatividade e o seu sentido estético e que as crianças mostrassem interesse e curiosidade pela técnica.

Esta tarefa foi subdividida em três momentos, sendo eles: a exploração da história “O artista que pintou um cavalo azul”, onde se explorou os elementos paratextuais do livro e se procedeu à leitura da história e posterior análise; a apresentação do artista e de algumas das suas obras; e a realização de uma obra ao estilo do artista conceituado.

Antes da entrada das crianças na sala de atividades foram organizados os materiais necessários para a implementação da mesma, foi exposta a paleta de cores em grande escala, que assinala o “Dia dos Artistas”, e colocada dos os recursos materiais para a implementação, as imagens de Franz Marc e de algumas das suas obras, na mesa do computador, local onde se encontrava a estagiária.

As crianças, na entrada para a sala de atividades, identificaram que se tratava do “Dia dos Artistas”, satisfeitas ao ver a paleta de cores em grande escala exposta, colocaram imediatamente os seus crachás para serem artistas neste dia especial.

Depois das crianças assumirem o seu papel de “pequenos artistas”, colocando os seus crachás, a estagiária provocou a reflexão nas crianças sobre o que iria ser realizado nesse “Dia dos Artistas”. Neste diálogo, a estagiária colocou algumas questões, que podem ser observadas nas transcrições abaixo apresentadas (resultantes das anotações nas grelhas de observação).

- O que será que eu preparei hoje para o “Dia do Artista”? (Estagiária)
- Já sei que não vamos fazer colagem. (RA)

- Porque RA? (Estagiária)
- Porque tu trazes sempre coisas novas para nós. (RA)
- Eu vi que trouxeste muitos cartões. É para o “Dia dos Artistas”? (LPR)

Após um pequeno diálogo, a estagiária apresentou às crianças o livro “O artista que pintou um cavalo azul” de Eric Carl (anexo 15) e explorou a capa, o título, contracapa e algumas ilustrações do interior, de forma a que as crianças a formassem hipóteses sobre o conteúdo do livro (Figura 26).



Figura 26. Exploração da capa do livro

Nesta exploração a estagiária colocou questões como: O que observamos na capa do livro? de que cor é o cavalo? Existem cavalos azuis? Porque será este cavalo azul?

No diálogo desenvolvido surgiram os comentários que demonstram os saberes e a curiosidade das crianças.

- O que observamos na capa do livro? (Estagiária)
- Um cavalo. (IM)
- De que cor é o cavalo? (Estagiária)
- Azul. (Grupo)
- Existem cavalos azuis? (Estagiária)
- Nunca vi nenhum cavalo azul, só brancos e castanhos e pretos. (JV)
- Então porque será que este cavalo é azul? (Estagiária)
- Vamos ver a história para saber. (LPR)

Posto o momento de exploração, iniciou-se a leitura do mesmo. Este livro, foi escolhido porque procura despertar nas crianças o gosto pela cor em todos os seus cambiantes, tonalidades e texturas advém precisamente desta influente revelação. A partir de um

texto muito simples, as crianças vão se familiarizando com toda a gama cromática apresentada. Contemplando, além disso, uma ampla panóplia de animais domésticos e selvagens, pintados com formas, traços e cores pouco convencionais, este álbum contribui não só para reforçar a imaginação, como também para transmitir a importância da liberdade criativa. Outro fator que levou à eleição da história esteve relacionado com o facto de esta obra fazer parte do PNL para a Educação Pré-Escolar.

No decorrer da leitura as crianças mantiveram-se sempre atentas e interessadas com o que estavam a ouvir e foram notadas algumas expressões de espanto com as imagens quando eram viradas as páginas (Figura 27).



Figura 27. Atenção das crianças durante a leitura

Depois de concluída a leitura da história, foi explorada, tendo por base cada página, de modo a perceber se as crianças tinham compreendido o enredo. De um modo geral, o grupo não apresentou grandes dificuldades no reconto da história, respondendo acertadamente às questões colocadas.

Posto o momento de exploração, a estagiária dramatizou que foi procurar e descobriu o artista que pintou o cavalo azul do conto. De seguida, apresentou o artista, explicando em forma de narrativa que, se chama Franz Marc e era um pintor de outro país e muito conhecido pelas suas pinturas de animais com cores brilhantes, fora do vulgar e irrealistas. Como as suas pinturas de cavalos azuis que são especialmente famosas.

Após este diálogo, a estagiária mostra às crianças três imagens das suas obras, o cavalo azul, a raposa roxa e a vaca amarela (anexo 16), questionando as crianças sobre o

que observaram, de forma a que, estas referissem as cores presentes, as formas, as tonalidades, as posições dos animais e o se conseguiam ver todos os membros e porquê, entre outros aspetos (Figura 28).



Figura 28. Exploração das obras de arte de Franz Marc

Todas as crianças do grupo, tiveram a oportunidade de observar a imagem da obra individualmente e comentar o que nela observava (Figura 29). Sem dificuldades, as crianças conseguiram visualizar, com minúcia, todos os elementos presentes nas obras de arte.



Figura 29. Exploração individual das obras de arte

Durante a exploração das diferentes obras as crianças mantiveram-se sempre muito interessadas e participativas na atividade. Aproveitando a motivação, a estagiária propôs às crianças criar uma pintura ao estilo de Franz Marc, realizando uma pintura criativa de um animal colorido, sem quais quer outras indicações. Para isso, a estagiária esclarece que iriam precisar de um cavalete. Nesse momento, mostra às crianças um cavalete elaborado em cartão (com tamanho suficiente para colocar uma folha A3), para que desta forma a criança tenha a oportunidade de se imaginar como um pintor e criar a sua obra de arte (Figura 30).



Figura 30. Cavalete de cartão

Na que se segue, tabela 11, é apresentada a observação das crianças quanto ao material didático, à história apresentada, ao interesse na atividade e a reação do grupo ao desafio proposto.

Partindo da informação presente na tabela, é possível evidenciar que todas as crianças revelaram vontade em explorar livro e de recontar a história. É de salientar que o conto explorado não era do conhecimento das crianças e, sendo o seu conteúdo uma novidade para o grupo, este demonstrou interesse e atenção no decorrer da leitura.

Na tabela 11, podemos constatar que as 24 crianças evidenciaram uma reação muito satisfatória perante o material didático. Relativamente ao interesse e atenção demonstrada pelo grupo face a esta atividade todas as crianças mostraram bastante interesse revelado e atenção sob a tarefa em questão. Quanto à reação do grupo face ao desafio colocado, também todas evidenciaram uma reação muito satisfatória.

Tabela 11. *Observação da atividade referente à leitura do livro: "O artista que pintou um cavalo azul"*

"O artista que pintou um cavalo azul"				
crianças	Reação do grupo face ao material didático	Conhecimento do grupo sobre a história	Interesse/atenção na atividade	Reação do grupo face ao desafio colocado
AE	3	Não	3	3
CV	3	Não	3	3
DT	3	Não	3	3
DR	3	Não	3	3
FG	3	Não	3	3
GA	3	Não	3	3
HS	3	Não	3	3
IM	3	Não	3	3
IG	3	Não	3	3
JC	3	Não	3	3
JM	3	Não	3	3
JV	3	Não	3	3
LPR	3	Não	3	3
LR	3	Não	3	3
LB	3	Não	3	3
LC	3	Não	3	3
MV	3	Não	3	3
MS	3	Não	3	3
PM	3	Não	3	3
RA	3	Não	3	3
RF	3	Não	3	3
SB	3	Não	3	3
TF	3	Não	3	3
VP	3	Não	3	3

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Durante o intervalo, as estagiárias prepararam o espaço para as crianças realizarem a pintura no seu próprio cavalete (Figura 31). Para isso, foram afastadas todas as cadeiras da sala de atividades, de forma a que as crianças se movimentassem com liberdade, os cavaletes de cartão foram distribuídos pelas mesas de atividades, as mesas estavam dispostas em 4 grupos e em cada grupo de foram disponibilizadas tintas de várias cores, que as crianças partilharam entre si.



Figura 31. Preparação da sala de atividades

Aquando a entrada das crianças para a sala, estas mostraram-se muito entusiasmadas no momento que viram os materiais didáticos preparados para a sessão. Foram possíveis ouvir os seguintes comentários das crianças DT, CV, DR e TF, resultantes das anotações das grelhas de observação:

- UAU! (DT)
- Isto vai ser maravilhoso. (CV)
- Tantos cavaletes. (DR)
- Vamos mesmo ser artistas. (TF)

Depois de a estagiária reunir as crianças na roda para relembrar o que iriam fazer e explicar que teriam de partilhar os boiões de tinta e pinceis. E, desta forma, também acalmar o entusiasmo e das mesmas em relação ao material a ser utilizado para a atividade, distribuiu as crianças pelos cavaletes de cartão de forma organizada.

Durante a realização da tarefa, foi possível observar que todas as crianças realizaram as suas pinturas com muito entusiasmo, cuidado e dedicação (Figura 32).



Figura 32. Crianças a realizar a pintura

No decorrer desta atividade, a estagiária foi comunicando com cada uma das crianças para tentar perceber todo o processo criativo, registando os comentários e o conteúdo das pinturas das crianças na grelha de observação.

Na tabela que se segue, tabela 12, são apresentadas as respostas das crianças face à seguinte questão – “O que pintaste?”

É possível observar na tabela 12, que das 24 crianças, 15 crianças realizaram uma pintura com os animais presentes na história, a maioria deles cavalos, sete crianças pintaram animais que não estavam presentes no livro e imaginaram-nos de cores diferentes e apenas duas crianças realizaram uma pintura que não envolviam animais, o tema proposto.

Tabela 12. Respostas à questão: "O que pintaste?"

"O que pintaste?"	
crianças	Respostas obtidas
AE	"Cavalo vermelho"
CV	"Animal do arco-íris de muitas cores"
DT	"Porco amarelo"
DR	"Cavalo a comer erva"
FG	"A minha família, não sei desenhar animais"
GA	"Cavalo de cores"
HS	"Pato amarelo, raposa roxa, elefante amarelo, e crocodilo vermelho"
IM	"É relva verde e comboio vermelho"
IG	"Cavalo azul e coelhinho vermelho"
JC	"Cavalo destruído vermelho e roxo"
JM	"Canguru vermelho e amarelo"
JV	"É uma joaninha"
LPR	"Girafa roxa"
LR	"Fiz crocodilo de muitas cores"
LB	"Raposa roxa e verde e fruta para comer"
LC	"Cavalo laranja e leão verde"
MV	"Leão verde"
MS	"Joaninha amarela e vermelha"
PM	"Cavalos: azul, verde, amarelo, vermelho e roxo"
RA	"Cavalo azul e leão verde"
RF	"Joaninha amarela"
SB	"Cavalo azul, roxo e vermelho"
TF	"Pintura do cavalo"
VP	"Raposa verde"

No final desta tarefa, surgiram animais muito originais e criativos, tal como podemos verificar nos registos da tabela 12, referidos pelas crianças.

Seguidamente, na figura 33, são exibidos alguns trabalhos criados pelas crianças ao estilo do artista Franz Marc, que demonstram a originalidade e criatividade das crianças, na realização de animais que não estavam presentes na história com cores do seu imaginário, os que estavam com cores selecionadas pelas crianças e, também, a representação dos animais como se encontravam na história.



“Raposa verde”



“Porco amarelo”



“Girafa roxa”



“Cavalo azul e leão verde”

Figura 33. Alguns trabalhos realizados pelas crianças ao estilo de Franz Marc

4.4.1. Reflexão da tarefa 4

Realizando uma análise global de todo o decorrer desta tarefa, foi possível verificar que existiu desde o início interesse por parte das crianças. A atividade que despertou nelas mais entusiasmo foi a realização de uma pintura num cavalete de cartão ao estilo de Franz Marc, pois os materiais didáticos são uma mais-valia para provocar nas crianças a motivação para a realização das atividades.

Este é um grupo que mostra muito gosto na audição de histórias, no momento de exploração do livro, ainda antes da leitura da história, captou a atenção do grupo que, desde logo, se mostrou curioso para a conhecer e para saber o conteúdo da história. Durante a leitura da mesma, as crianças mantiveram-se sempre atentas e interessadas.

É essencial que a Educação Artística não se resuma a si própria, pois deve ser vista como um contributo às aprendizagens das outras áreas e domínios, tais como a linguagem oral e a abordagem à escrita.

As opções das estratégias utilizadas foram sempre adequadas ao nível de desenvolvimento das crianças.

Posteriormente, foi apresentado às crianças o artista conceituado e algumas das suas obras (pinturas de animais coloridos). É importante que a criança tenha contacto com a arte, pois, desta forma, abre novos horizontes, alarga o seu conhecimento, tornando-se mais crítica, mais sensível e tolerante em relação aos outros.

As crianças, na exploração das obras de Franz Marc mantiveram sempre a atenção. Depois de explorar algumas imagens das obras de arte, foi proposto que as crianças pintassem um animal, ao estilo deste artista conceituado.

Durante a tarefa, todas as crianças mostraram-se bastante motivadas na realização desta tarefa. Também, devido à disposição da sala de atividades e o método de trabalho saírem um pouco da rotina das crianças, ou seja, foram afastadas todas as cadeiras, de forma a que as crianças se movimentassem com liberdade, os cavaletes de cartão foram distribuídos pelas mesas de atividades, as mesas estavam dispostas em 4 grupos e em cada grupo de foram disponibilizadas tintas de várias cores, que as crianças partilharam entre si.

No final desta atividade, foi possível verificar que a maioria das crianças tiveram uma preferência pela produção de animais presentes na história. Mas, ao mesmo tempo, as crianças desenvolveram a criatividade, no sentido em que não lhes foi dito como e qual o animal que tinham de fazer.

É importante mencionar que, embora as crianças se encontrem no mesmo estágio de representação gráfica apresentam níveis de desenvolvimento diferenciado, facto que ficou claramente expresso nas produções decorrentes desta atividade. Nos trabalhos desenvolvidos foi possível observar que algumas crianças conseguem realizar desenhos bastante criativos e imaginativos, conseguindo desenhar de forma perceptível, tendo a noção do espaço na folha, das cores e formas.

No decorrer de toda esta atividade as crianças mostraram bastante entusiasmo e motivação.

Foi possível observar ao longo do dia, nos momentos de exploração das diferentes áreas, que as crianças realizavam atividades dentro do tema abordado, onde foi possível verificar as crianças VP e RF, por vontade própria, a esfolhearem o livro "O artista que pintou um cavalo azul", recontando a história e comparando as ilustrações do livro com as obras pintadas pelo artista Franz Marc (Figura 34). Este tipo de comportamento mostra que as atividades realizadas tiveram um impacto muito positivo nas crianças.



Figura 34. Crianças VP e RF a explorarem as obras de arte comparando com o livro "O artista que pintou um cavalo azul"

4.5. Tarefa 5 – Alberto Giacometti – Escultura

A tarefa 5 "Alberto Giacometti – Escultura" (anexo 17) foi implementada no dia 13 de dezembro de 2016.

Esta tarefa, tinha como principais objetivos estimular o acesso à arte e à cultura artísticas, explorar elementos expressivos de comunicação visual, que a criança conseguisse descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê, desenvolver a criatividade e o sentido estético e mostrar interesse e curiosidade pela técnica.

Esta tarefa foi subdividida em dois momentos, sendo eles: a apresentação do artista e das suas obras de arte; e a realização de uma escultura ao estilo de Alberto Giacometti.

Antes da entrada do grupo na sala de atividades foram preparados os materiais necessários para a implementação da mesma, foi exposta a paleta de cores em grande esca-

la, que as crianças coloriram em conjunto, e colocados os recursos materiais para a implementação, as imagens de Alberto Giacometti e de algumas das suas obras, os “limpa-cachimbos” para moldar a escultura e papel de alumino para cobrir, de forma a que a escultura se parece com a do artista conceituado, na mesa do computador, local onde se sentava a estagiária.

Aquando da entrada das crianças na sala de atividades, estas mostraram-se muito entusiasmadas e curiosas com os materiais e as atividades que iriam ser realizadas. Neste momento foram possíveis escutar os comentários das crianças GA, LC e SB, resultantes das anotações nas grelhas de observação:

- É o “Dia dos Artistas”! (GA)

- O que é que tens aí escondido? Estou a ver alguma coisa. (LC)

- Eu já vi isso um dia. O que vamos fazer hoje? (SB)

Depois das crianças se prepararem para serem pequenos artistas, colocando os seus crachás, a estagiária provocou a reflexão nas crianças sobre o que iria ser realizado nesse “Dia dos Artistas”. Colocando a questão: Já fizemos pinturas giratórias, colagem e, também, pintamos num cavalete. Hoje de certeza que não vamos repetir essas modalidades de Artes Visuais. O que acham que vamos fazer hoje como “pequenos artistas”?

No diálogo promovido surgiram alguns comentários que confirmam o entendimento das crianças, destacando-se a criança JV. Estes podem ser observadas nas transcrições abaixo apresentadas (resultantes das anotações nas grelhas de observação).

- Já fizemos pinturas giratórias, colagem e, também, pintamos num cavalete. Hoje de certeza que não vamos repetir essas modalidades de Artes Visuais. O que acham que vamos fazer hoje como “pequenos artistas”? (Estagiária)

- Não sei, mas vai ser uma coisa muito fixe. (JV)

- Porquê? (Estagiária)

- Porque estou a ver que trouxeste mais coisas novas. (JV)

Após ouvir as opiniões das crianças, a estagiária, em forma de narrativa, esclareceu que o artista que estava a apresentar era Alberto Giacometti, que para além de ser conhecido pelas suas pinturas era conhecido, principalmente, pelas suas esculturas finíssimas.

Seguida a apresentação do artista, a estagiária mostrou às crianças várias imagens das suas obras de esculturas (figura 35), que apreciaram atentamente cada uma delas. Apresentou as imagens das esculturas “The cat” e “The city” (anexo 18).



Figura 35. Exploração das obras de Alberto Giacometti

De seguida, a estagiária questionou as crianças sobre o que observaram nas esculturas apresentada. No diálogo promovido, é possível observar que as crianças analisaram com pormenor as obras, referindo as cores presentes, as formas, a espessura, entre outros aspetos. Foi, também, notório que as crianças reagiram com muita curiosidade aos materiais que eram utilizados nas construções deste artista.

- É um gato. (FG)
- Sabem como se chamam estas figurinhas? São esculturas. (Estagiária)
- As esculturas podem ser de muitas coisas, plasticina e pau e plástico e ferro. (JV)
- Muito bem! Qual é a cor destas esculturas? (Estagiária)
- São cinzentas! (Grupo)
- Eu acho que é porque são de ferro, parecem. (JV)
- Boa! Qual é a espessura das figuras? São grossas ou finas? (Estagiária)
- São todas muito fininhas. (VP)

Como habitual, cada criança teve a oportunidade de observar a imagem da obra individualmente e comentar o que nela observava. Durante a exploração das diferentes obras as crianças mantiveram-se sempre muito interessadas e participativas na atividade, aproveitando a motivação das crianças, a estagiária, explicou que como artistas irão criar uma escultura, segundo o seu imaginário, ao estilo de Alberto Giacometti.

Para realizarem esta escultura, a estagiária apresenta o material necessário e esclarece que, primeiramente, iriam realizar uma figura com os “limpa-cachimbos” e de seguida tinham de a cobrir com o papel de alumínio. Para exemplificar, a estagiária mostrou ao grupo o livro “Tesouros de Arte” (anexo 19), que lançou a proposta de construção de figuras, onde estavam apresentadas imagens de figuras humana e um gato, presentes nas obras do artista conceituado (Figura 36). Este livro faz parte do PNL, recomendado para apoio a projetos relacionados com as artes na Educação Pré-Escolar.



Figura 36. Exploração do livro "Tesouros de Arte"

Na próxima tabela, tabela 13, é apresentada a observação das crianças perante o material didático, o interesse na atividade e a reação do grupo ao desafio proposto.

Partindo da informação presente na tabela 13, é possível evidenciar que das 20 crianças presentes nesse dia, todas as crianças, exceto uma, evidenciaram uma reação muito satisfatória face ao material didático. Relativamente ao interesse e atenção demonstrada pelo grupo perante a esta atividade temos um total de 17 crianças com bastante interesse revelado e três crianças com algum interesse e atenção sob a tarefa em questão. Quanto à reação do grupo face ao desafio colocado, também, 17 evidenciaram uma reação muito satisfatória e as restantes três crianças mostraram uma reação positiva.

Tabela 13. *Observação do grupo face ao interesse, ao material didático e ao desafio proposto*

Alberto Giacometti – Esculturas			
crianças	Reação do grupo face ao material didático	Interesse/atenção na atividade	Reação do grupo face ao desafio colocado
AE	3	2	2
CV	3	3	3
DT	3	3	3
DR	3	3	3
FG	3	3	3
GA	3	3	3
HS	3	3	3
IG	3	3	3
JC	3	3	3
JM	2	2	2
JV	3	3	3
LPR	3	3	3
LR	3	3	3
LB	3	2	2
LC	3	3	3
MS	3	3	3
RF	3	3	3
SB	3	3	3
TF	3	3	3
VP	3	3	3

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Para a realização da escultura, foram distribuídos a cada criança vários “limpa cachimbos” (para criar a forma) e folhas de alumínio (para cobrir os “limpa-cachimbos”), para que, desta forma, a criança explorasse os materiais e moldasse e criasse a sua própria escultura.

Foi notório que algumas crianças realizaram esta atividade com muito entusiasmo e dedicação, as crianças com mais dificuldades a nível da motricidade fina foram as que mostraram menos entusiasmo nesta tarefa (Figura 37).



Figura 37. Algumas crianças a realizar as esculturas

No decorrer desta tarefa, as crianças contaram sempre com o apoio das estagiárias para ajudar a criar a forma e a cobrir a figura criada com o papel de alumínio, pois a maioria das crianças apresentavam um pouco de dificuldade. E, ainda, o cuidado de ir comunicando com cada uma das crianças para tentar perceber todo o processo criativo. Na tabela 14, é possível observar as respostas das crianças face à seguinte questão – “Que escultura realizaste?”

Tabela 14. Respostas à questão: "Que escultura realizaste?"

"Que escultura realizaste?"	
crianças	Respostas obtidas
AE	"Gato"
CV	"Boneco"
DT	"Gato"
DR	"Menina"
FG	"Bailarina"
GA	"Cão"
HS	"Boneco"
IG	"Número 8"
JC	"Boneco"
JM	"Gato"
JV	"Boneco a dançar"
LPR	"Escorrega"
LR	"Coração e boneco"
LB	"Gato"
LC	"Gato"
MS	"Coração"
RF	"Gato"
SB	"Gato"
TF	"Peixe"
VP	"Árvore com folhas"

É possível observar na tabela 14, das 20 crianças que estiveram presentes, sete crianças realizaram um gato e sete realizaram a representação da figura humana, seguindo desta forma as sugestões dadas pelo livro "Tesouros de arte", as restantes seis crianças construíram esculturas do seu imaginário, uma realizou um cão, uma um peixe, outra uma árvore com folhas e uma criança realizou um numeral.

Seguidamente, na figura 38, são apresentadas algumas esculturas criadas pelas crianças, que demonstram criatividade e imaginação.



“Bailarina”



“Árvore com folhas”



“Número 8”



“Peixe”



“Gato”



“Corações”

Figura 38. Algumas esculturas realizadas pelas crianças

4.5.1. Reflexão da tarefa 5

No desenvolver da tarefa, é possível salientar que existiu desde logo motivação por parte de algumas crianças.

Num primeiro momento, foi apresentado às crianças o artista conceituado e algumas das suas obras (esculturas), pois é importante que as crianças contactem com obras de arte. De acordo com Barbosa (2005), a arte deve proporcionar à criança alegria e prazer, permitindo que esta organize seus pensamentos e sentimentos presentes nas suas atividades criadoras. Esta tem uma influência importante sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e por isso a atividade artística deve ser estimulada por meio dos sentidos da imaginação e de atividades lúdicas que ampliem as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais e criadoras da criança.

Desta forma, foram sempre apresentadas às crianças tarefas que despertassem o gosto e a curiosidade nas crianças em conhecer obras de arte.

As crianças, na exploração das esculturas de Alberto Giacometti, mantiveram sempre a atenção. Depois de explorar algumas imagens das obras de arte do artista conceituado, as crianças tiveram oportunidade de recriar esculturas ao estilo deste artista conceituado.

Foi visível, durante esta atividade, que a maioria das crianças se mostraram bastante motivadas e empenhadas na realização desta tarefa. O material utilizado, também contribuiu para que as crianças permanecessem interessadas na atividade. É importante referir, que o material foi selecionado certificando que era seguro e fácil de manusear e moldar.

Contudo, as crianças contaram sempre com o apoio das estagiárias para ajudar a criar a forma e a cobrir a figura criada com o papel de alumínio, pois a maioria das crianças apresentavam um pouco de dificuldade em conseguir moldar os “limpa-cachimbo” para obter a forma que desejavam e, também, em cobrir a escultura com pequenos pedaços de papel de alumínio.

As crianças mantiveram-se sempre interessadas, apesar das crianças com mais dificuldade na motricidade fina perderem um pouco a motivação nesta atividade. Para que isso não acontecesse, a estagiária teve o cuidado de dialogar com a criança e apoiá-la na realização da tarefa. Esta foi uma estratégia que resultou com este grupo de crianças.

4.6. Tarefa 6 – Exposição – “Artistas de Palmo e Meio”

A tarefa 6 “Exposição – “Artistas de Palmo e Meio” (anexo 20) teve início no dia 14 de dezembro de 2016.

A tarefa, tinha finalidade expor os trabalhos das crianças; e mostrar aos pais e comunidade envolvente as atividades pelas crianças no âmbito do relatório final.

Esta tarefa foi subdividida em dois momentos, sendo eles: leitura do livro “O museu”, onde se explorou os elementos paratextuais do livro e se procedeu à leitura da história e posterior análise; e, posteriormente, a realização de uma exposição os trabalhos das crianças realizados no âmbito do estudo referente às Artes Visuais.

Quando o grupo estava todo reunido, a estagiária provocou a reflexão nas crianças sobre todo o trabalho que foi desenvolvido no “Dia do Artista”. Nesse diálogo, as crianças com entusiasmo lembraram todos os artistas conceituados e as obras de arte que reproduziram de cada um deles.

De seguida, mostrou o livro “O museu” de Susan Verde (anexo 21) e explorou a capa, o título, contracapa e algumas ilustrações do interior, de forma a que as crianças a formulassem hipóteses sobre o conteúdo do livro. Nesta exploração a estagiária colocou as seguintes questões: O que observamos na capa? O que está a menina a fazer? Está feliz? O que vêm atrás da menina?

As crianças, conseguiram rapidamente identificar o que observavam na capa do livro e responder corretamente às questões colocadas. No diálogo promovido surgiram alguns comentários que confirmam o entendimento das crianças:

- O que observamos na capa? (Estagiária)
 - É um quadro. (MS)
- Eu estou a ver uma menina no quadro. (JV)
 - O que está a menina a fazer? (Estagiária)
 - Está a dançar. (LC)
 - Está a correr. (MS)
 - Parece-vos feliz? (Estagiária)
 - Sim. Ela está a rir-se. (DR)
- Onde estará a menina? (Estagiária)
 - Acho que está muna loja. (LR)
- O que vêm atrás da menina? (Estagiária)
 - Quadros. É uma exposição. (JV)

Posto o momento de exploração, iniciou-se a leitura do mesmo. Este livro, faz parte do PNL, recomendado para apoio a projetos relacionados com as artes na Educação Pré-Escolar. Este álbum fala sobre uma menina que dança e rodopia pelas salas de um museu. Cada obra de arte provoca algo de novo dentro de si: divertimento, curiosidade, alegria, inspiração. Este, pretende, assim, realçar a forma como uma obra de arte pode influenciar as emoções de quem a observa. Sendo este um livro sobre arte e as emoções que esta desperta, é inevitável que o aspeto visual seja de especial importância. E, tendo isto em conta, importa, desde logo, realçar a forma como as ilustrações de Peter H. Reynolds se adaptam e complementam o texto simples, tornando mais completa uma história em que as imagens são tão ou mais importantes que as palavras. Além disso, há uma particularidade interessante, na forma como o ilustrador cria a sua própria versão de algumas obras de arte sobejamente conhecidas, acrescentando quadros concretos à viagem da protagonista através da arte.

No decorrer da leitura as crianças mantiveram-se sempre atentas e interessadas com o que estavam a ouvir e foram notadas algumas expressões de espanto com as imagens quando eram viradas as páginas. A leitura expressiva e o suspense criado em torno da história, através da interrupção da leitura de algumas frases a meio, cativou o grupo que a cada página ansiava saber o que aconteceu.

Depois de concluída a leitura da história, foi revista, tendo por base cada página, de modo a perceber se as crianças tinham ou não compreendido o seu conteúdo. De um modo geral o grupo não apresentou grandes dificuldades no reconto da história, respondendo corretamente às questões colocadas.

Esta exploração serviu, de mote para a para terminar as atividades no âmbito do projeto “Artistas de Palmo e Meio”, onde foi lembrado às crianças que iria ser realizada uma exposição (“museu”) com todos os trabalhos realizados pelas crianças durante as sessões de implementação como “pequenos artistas”.

Na tabela 15, é apresentada a observação das crianças quanto ao material didático, ao conhecimento da história apresentada, ao interesse na atividade e à reação do grupo ao desafio proposto.

Tabela 15. *Observação da atividade referente à leitura do livro: "O museu" e ao desafio proposto*

"O museu"				
crianças	Reação do grupo face ao material didático	Conhecimento do grupo sobre a história	Interesse/atenção na atividade	Reação do grupo face ao desafio colocado (exposição)
AE	3	Não	3	3
CV	3	Não	3	3
DT	3	Não	3	3
DR	3	Não	3	3
FG	3	Não	3	3
GA	3	Não	3	3
HS	3	Não	3	3
IM	3	Não	3	3
IG	3	Não	3	3
JC	3	Não	3	3
JM	3	Não	3	3
JV	3	Não	3	3
LPR	3	Não	3	3
LR	3	Não	3	3
LB	3	Não	3	3
LC	3	Não	3	3
MV	3	Não	3	3
MS	3	Não	3	3
PM	3	Não	3	3
RA	3	Não	3	3
RF	3	Não	3	3
SB	3	Não	3	3
TF	3	Não	3	3
VP	3	Não	3	3

1- Pouco; 2- Bom; 3- Muito Bom

Partindo da informação presente na tabela acima, é possível evidenciar que a escolha para a finalização ao assunto integrador deste estudo foi a adequada, uma vez que, de uma forma geral, todas as crianças revelaram vontade em explorar livro e de recontar a história. É de salientar que o conto explorado não era do conhecimento das crianças e, sendo o seu conteúdo uma novidade para o grupo, este demonstrou interesse e atenção no decorrer da leitura.

Na tabela 15, podemos constatar que todas as evidenciaram uma reação muito satisfatória perante o material didático. Relativamente ao interesse e atenção demonstrada pelo grupo face a esta atividade temos um total de 24 crianças com bastante interesse

revelado e atenção sob a tarefa em questão. Quanto à reação do grupo face ao desafio colocado, a exposição, todas evidenciaram uma reação muito satisfatória.

A exposição decorreu na semana de 16 a 20 de janeiro. Para isso, foi enviado um convite aos pais e encarregados de educação (anexo 22) para poderem observar a “arte” feita pelas crianças.

Nesta exposição além de ser possível encontrar os trabalhos das crianças, devidamente identificados, foram também apresentados, em cartazes, os artistas conceituados e algumas das suas obras (anexo 23), que serviram de ponto de partida para as crianças criarem suas pinturas, esculturas e construções (Figura 39).



Pinturas



Pinturas Giratórias



Esculturas



Colagens

Figura 39. Exposição: "Artistas de Palmo e Meio"

Após a exposição, foi enviado a cada Encarregado de Educação (EE) um Álbum Digital, em CD, com as fotografias da realização e o resultado final de todos trabalhos realizados pelas crianças no âmbito do “Dia dos Artistas”. Como já foi referido, no final do estu-

do foi necessário compreender se o trabalho realizado foi considerado importante ao nível do desenvolvimento da criança, pelo que foi necessário realizar um questionário individual aos Encarregados de Educação. De forma a garantir o anonimato e confidencialidade dos EE, optou-se por codificar os seus nomes, sendo atribuído a cada diferentes códigos. Os nomes destes foram substituídos pela sigla EE e pela inicial do nome próprio e a inicial do apelido de cada um dos seus educandos.

É importante referir que, dos 24 Encarregados de Educação, apenas 22 responderam ao questionário.

A primeira questão colocada no questionário enviado aos encarregados de Educação foi “Como teve conhecimento do projeto “Artistas de Palmo e Meio?”. Os resultados encontram-se na tabela 16.

Tabela 16. *Respostas à questão 1 – Como teve conhecimento do projeto Artistas de Palmo e Meio?*

Questão 1 – Como teve conhecimento do projeto <i>Artistas de Palmo e Meio?</i>		
Respostas	Nº de respostas	Código dos Encarregados de Educação das crianças
Através da educadora	4	EECV; EELPR; EEAE; EEGA
Através do educando	7	EEMV; EECV; EELPR; EEMS; EERA; EEVP; EEFR
Através do CD com os trabalhos das crianças	12	EEJC; EEIM; EESB; EEIG; EEDR; EELR; EERA; EETF; EEVP; EERF; EEJV; EEFG
Através da exposição do Jardim de Infância	13	EEHS; EESB; EEIG; EEDR; EELR; EERF; EELC; EELB; EERF; EEJV; EEFG; EEDT

Analisando a tabela 16, pode-se constatar que todos os 22 EE tiveram conhecimento do projeto realizado no âmbito das Artes Visuais. Quatro EE tiveram conhecimento através do diálogo com a educadora; sete tiveram conhecimento através da criança, 12 através do CD enviado com os trabalhos realizados pelas crianças ao estilo dos artistas conceituados; e treze EE, tiveram conhecimento através do convite para a exposição e na exposição realizada no JI.

Passando para a segunda questão “Qual a sua opinião sobre os seguintes aspetos: gostei do trabalho realizado no âmbito do projeto Artistas de Palmo e Meio; Este tipo de trabalho é importante para o desenvolvimento das crianças; Importância da apresentação pública dos trabalhos realizados pelas crianças (exposição)”, os EE responderam utilizan-

do uma a escala de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a um nível baixo e 5 a um nível elevado (tabela 17).

Tabela 17. *Respostas aos aspetos da questão 2*

Questão 2 – Qual a sua opinião sobre os seguintes aspetos (utiliza a escala de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a um nível baixo e 5 a um nível elevado)			
Questão	Nível	Nº de respostas	Código dos Encarregados de Educação
Gostei do trabalho realizado no âmbito do projeto “Artistas de Palmo e Meio”	1	0	
	2	0	
	3	1	EELB
	4	4	EELPR; EEGA; EESB; EELC
	5	17	EEMV; EEHS; EECV; EEJC; EEAE; EEMS; EEIM; EEIG; EEDR; EELR; EERA; EETF; EEVP; EERF; EEJV; EEFG; EEDT
Este tipo de trabalho é importante para o desenvolvimento das crianças	1	0	
	2	0	
	3	0	
	4	4	EEMV; EEGA; EESB; EEVP
	5	18	EEHS; EECV; EELPR; EEJC; EEAE; EEMS; EEIM; EEIG; EELC; EEDR; EELR; EERA; EELB; EETF; EERF; EEJV; EEFG; EEDT
Importância da apresentação pública dos trabalhos realizados pelas crianças (exposição)	1	0	
	2	0	
	3	0	
	4	4	EEMV; EEGA; EESB; EELC
	5	18	EEHS; EECV; EELPR; EEJC; EEAE; EEMS; EEIM; EEIG; EEDR; EELR; EERA; EELB; EETF; EEVP; EERF; EEJV; EEFG; EEDT

Observando a tabela acima, constata-se que, de um total de 22 EE, ao aspeto “gostei do trabalho realizado no âmbito do projeto Artistas de Palmo e Meio, um classificou com nível 3, quatro com o nível 4 e 17 com o nível 5; ao aspeto “este tipo de trabalho é importante para o desenvolvimento das crianças”, quatro EE classificaram com o nível 4 e 18 com o nível 5; no último aspeto “importância da apresentação pública dos trabalhos realizados pelas crianças (exposição)”, apenas quatro EE classificaram com o nível 4 e 18 com o nível 5.

A terceira questão colocada foi “A criança falava em casa acerca deste projeto? Se sim que tipo de comentário fazia?”, as respostas encontram-se assinaladas na tabela 18.

Tabela 18. *Respostas à questão 3 – A criança falava em casa acerca deste projeto? Se sim que tipo de comentário fazia?*

Questão 3 – A criança falava em casa acerca deste projeto? Se sim que tipo de comentário fazia?			
Evidências	Nº de respostas	Comentários das crianças	Código dos Encarregados de Educação das crianças
Sim	12	“Todos somos artistas”	EEMV
		“Que era uma artista pequena”	EEHS
		“Que estava a fazer atividades de artistas e a fazer um boneco para expor”	EECV
		“Apenas falou que pintava e que tinha feito um gato”	EEAE
		“Mostrava-se bastante excitada por expor os trabalhos publicamente”	EEMS
		“Falou quando faz a experiencia com a tinta giratória, que meteu a tinta e rodou e fez muitas cores e estava desejoso de mostrar a exposição e explicou o que era e como fez”	EERA
		“Comentava o que tinha desenhado na escola e como o fez”	EETF
		“Falava em diferentes materiais que utilizava e da forma de trabalhar”	EEVP
		“Relatava atividades que fazia, apesar de não referir o nome do projeto”	EEFR
		“Descrevia os trabalhos realizados com entusiasmo”	EEFG
		“Dizia em casa que era um artista”	EEDT
		“Que na sala havia o “Dia dos Artistas”	EELC
“Que agora era artista da pintura”	EEJV		
Não	9		EELPR; EEJC; EEGA; EEIM; EESB; EEIG; EELR; EEDR; EELB

Partindo da análise à tabela 18, é possível constatar que 12 crianças falaram em casa sobre o projeto e 9 não o fizeram. No decorrer da análise dos questionários foi notório que as nove crianças que, no seu dia a dia, não contavam na totalidade as atividades realizadas no jardim-de-infância, por sua vez, manifestavam atitudes que evidenciavam os conhecimentos adquiridos.

Passando para a última questão “Qual a sua opinião geral sobre o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto?”, foram obtidas as seguintes respostas. (tabela 19)

Tabela 19. Respostas à questão 4 – Qual a sua opinião geral sobre o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto?

Questão 4 – Qual a sua opinião geral sobre o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto?			
Evidências	Nº de opiniões	Opinião geral dos Encarregados de Educação	Código dos Encarregados de Educação das crianças
Deu opinião	19	É importante para desenvolvimento e aprendizagens das crianças, para o desenvolvimento da criatividade e do gosto pela arte	EEMV; EEHS; EEIG; EEFG; EEDT; EEIM; EERF; EEJC; EEJV
		“Projeto extremamente enriquecedor para o conhecimento de técnicas e criatividade das crianças. foi também muito interessante e agradável receber o CD com os momentos de realização e os trabalhos realizados.”	EECV
		“Um bom trabalho e bons conhecimentos para as crianças e a exposição ainda lhe dá mais valor”	EELPR
		“Achei bastante originam e muito giro. Acho que é uma boa técnica para dar asas à imaginação e à criatividade dos mais novos, proporcionar experiencias com técnicas e materiais que em casa não utilizam”	EEAE
		“Acho extremamente interessante que se apela à imaginação das crianças e que se lhes mostrem técnicas/materiais alternativos para a expressão plástica. Tenho pena que a MS não tenha mostrado muito interesse nos artistas, sendo este direcionado para a elaboração de outros trabalhos semelhantes”	EEMS
		“Este tipo de trabalho desenvolve a criatividade das crianças, permitindo-lhes a liberdade de expressão e o contacto com as artes visuais”	RRLC
		“Contribuem para o desenvolvimento da criança. Este tipo de projetos estimulam o desenvolvimento, a criatividade e a curiosidade.”	EELR; EEDR
		“Penso que tudo que desenvolva as capacidades e criatividade deles é muito importante e penso que eles ficaram muito motivados com o mesmo”	EERA
		“Muito importante, no caso do TF, permitiu que ultrapassasse as suas condições visuais e, agora, noto gosto pelo desenho”	EETF
		“Foi um trabalho fantástico, desde pequenos é importante eles terem contacto com a arte e as diferentes formas dela se apresentar perante nós”	EEVP
Não deu opinião	3		EELB; EESB; EEGA

As respostas dos EE, que responderam a esta questão, foram bastante positivas, referindo situações de grande evolução nas crianças. Ao analisar as respostas, foi notório que algumas crianças tentavam explicar a técnica e os materiais utilizados nas atividades de Artes Visuais. Os EE referiram, ainda, que os seus educandos demonstraram ter desenvolvido novas atitudes e comportamentos relativamente as atividades de Artes Visuais.

No geral, todos os EE inquiridos apreciaram esta iniciativa, reconheceram a importância em abordar esta temática. A sua participação foi bastante necessária para a conclusão dos resultados deste estudo.

4.6.1. Reflexão da tarefa 6

Realizando uma análise geral de todo o decorrer desta tarefa, foi possível verificar que existiu desde o início interesse por parte das crianças.

Este é um grupo que mostra muito gosto na audição de histórias, no momento de exploração do livro, ainda antes da leitura, captou a atenção do grupo que se mostrou curioso para a conhecer e para saber o conteúdo da história. Durante a história, o suspense criado pela história, dada a interrupção de frases, foi uma ótima estratégia para que o grupo permanecesse envolvido nesta atividade.

Quanto à exposição realizada, as crianças mostraram muito entusiasmo e orgulhosas por ver os seus trabalhos expostos. A exposição ocupa um lugar muito importante na educação, desta forma o trabalho artístico é automaticamente visto pelas crianças da escola, pelos professores, pelos encarregados de educação e pela comunidade educativa. Segundo Lancaster (1991), através da educação artística é possível cultivar nas crianças um amor pelo artístico e um sentimento da beleza por parte do trabalho prático, mas também de uma apresentação eficaz. É importante expor os trabalhos nos corredores da escola, pois ao apresentar os trabalhos e a informação de uma forma didática e apropriada, independente do público, esta deve satisfazer o público cultural e emocionalmente, despertando o seu interesse.

Na preparação da exposição, foi considerado o local, de forma a oferecer condições adequadas para que os trabalhos das crianças fossem expostos com segurança; o espaço e a organização espacial dos trabalhos expostos, colocando-os grupados pelas diferentes

técnicas utilizadas, para que visivelmente não fosse informação em demasia e não confundir o público; e a altura dos trabalhos expostos, de forma a garantir a visualização de toda a comunidade educativa, reforçando o gosto pela partilha e valorização da produção plástica das crianças.

Os trabalhos bidimensionais (pinturas e colagens) foram colocados em placares e os trabalhos tridimensionais (esculturas) foram colocados numa mesa. Num dos trabalhos bidimensionais realizados pelas crianças (pinturas giratórias), houve a necessidade de colocar uma moldura de papel liso preto, de forma a contrastar com o trabalho e o fundo do placar e assim valorizar o trabalho.

É importante referir que em todos os trabalhos foram colocadas etiquetas, que continham o autor (a criança), o título da obra dado pela criança e a técnica utilizada.

Nos questionários realizados aos Encarregados de Educação, foram obtidos resultados muito positivos e, de uma forma geral, todos eles referiram que este tipo de trabalho com as crianças é muito importante para desenvolvimento e aprendizagens das crianças, para o desenvolvimento da criatividade e do gosto pela arte.

5 Conclusões

Neste ponto são apresentadas as conclusões do estudo, de forma a responder às questões de investigação formuladas inicialmente. E, ainda, uma reflexão sobre as limitações do estudo e sobre recomendações a considerar em investigações futuras.

5.1. Conclusões do estudo

O conteúdo deste estudo surgiu de uma observação participante segundo a qual se considerou pertinente promover atividades motivadoras e integradoras que fizeram com que os participantes desenvolvessem a sua criatividade e imaginação.

Neste contexto educativo foi evidente que, apesar das crianças explorarem as Artes Visuais, existia a necessidade de realizar esta exploração de forma mais diversificada, ou seja, utilizar as técnicas/modalidades de Artes Visuais de forma apelativa, inovando e oferecendo momentos ricos e motivadores para as crianças.

As conclusões deste estudo, são apresentadas com base os resultados expostos, analisados e interpretados no ponto anterior, tendo sempre como foco as questões de investigação formuladas inicialmente: “Como motivar as crianças para as atividades de Artes Visuais?” e “Como promover e incentivar à criatividade e imaginação?”.

O desenvolvimento de atividades apelativas e cativantes possibilitou às crianças expressarem os seus sentimentos através dos trabalhos realizados, onde demonstravam maior motivação e interesse na elaboração dos mesmos.

Quando as atividades são implementadas de forma ordenada, ponderada e articuladas com as necessidades das crianças promovem novas perspetivas. Assim, estas permitiram às crianças explorar as Artes Visuais sob diferentes técnicas/modalidades, o que motivou e captou o interesse do grupo, que revelou por várias vezes sentido de criatividade e imaginação, reagindo sempre de forma interessada e cooperante aos desafios colocados.

Com a implementação das tarefas propostas, o grupo de crianças teve oportunidade de experienciar situações de diálogo sobre uma obra de arte, onde foi notório o interesse manifestado. As tarefas revelaram-se sempre motivantes para as crianças, aumentando os índices de interesse e participação nas mesmas, pois quando estas são apelati-

vas e trazem algo de novidade, as crianças mostram-se mais predispostas para as atividades. Esta afirmação baseia-se na observação das expressões faciais, da postura corporal, bem como nas intervenções realizadas. Muito para além do conteúdo dos diálogos e observações, realça-se o interesse e a motivação. Estes dois aspetos, foram igualmente notórios aquando da fase de produção das obras ao estilo dos artistas conceituados, onde se observaram comportamentos que sugeriam o envolvimento das crianças. De uma forma geral e tendo por base as produções, diálogos e trabalhos espontâneos das crianças, é possível afirmar que este estudo teve um impacto muito positivo no desenvolvimento das mesmas.

Ao facultar diferentes formas de artes e diversas técnicas, proporcionou-se às crianças obter um manancial de vivências, desenvolvendo a sensibilidade estética e contribuindo para desbloquear o processo criativo. Assim, as crianças ao criarem as suas produções quanto mais influências tiverem e quanto mais conhecerem das técnicas e do mundo, melhor conseguem organizar as ideias e criar algo de novo, desenvolvendo a imaginação e criatividade. Como Pillotto e Mognol (2007) afirmam, a arte possibilita às crianças “um mundo de símbolos, que é significado e re-significado em cada ação. Nesse sentido, as instituições de educação infantil podem contribuir efetivamente, construindo atitudes em que o desenvolvimento cognitivo e sensível da criança seja preservado” (p. 226).

O tempo dedicado ao diálogo, possibilitou a interação de crianças com diferentes níveis de desenvolvimento, as quais partilharam conceitos, ideias e opiniões. De um modo geral, este momento proporcionou o desenvolvimento de capacidades ao nível da apreciação estética, na medida em que foi estimulada a observação atenta de uma obra, sendo valorizadas as observações e opiniões de cada criança, proporcionando a compreensão do sentido da obra, pela leitura das relações estabelecidas entre os vários significantes nela contidos. Dessa forma, foi conseguida uma estimulação da aquisição de competências e conhecimentos ao nível da gramática visual, onde foi possível observar que as crianças conseguem identificar corretamente, aspetos relacionados com os materiais e a cor, como a tonalidade, a mistura de cores, as texturas e a composição do espaço. Esta questão foi, também, observada através dos registos realizados pelas crianças, durante e após as sessões de atividades.

O conhecimento dos vários artistas plásticos e de diferentes técnicas proporcionaram às crianças diferentes vivências, dessa forma, as crianças aumentaram o seu léxico nas Artes Visuais, abriram novos horizontes e conhecerem diferentes perspectivas, pois quanto mais alargado foi o seu conhecimento, mais crítica, sensível e tolerante será em relação aos outros.

As crianças, ao estarem motivadas para as atividades são mais participativas e dão um maior aso à imaginação e criatividade, para isso é necessário promover atividades apelativas e possibilitar o acesso a diferentes técnicas e materiais, para que a criança desenvolva a sua criatividade e a imaginação.

Aquando a produção das obras de arte ao estilo dos artistas conceituados, foram observados comportamentos de grande envolvimento e motivação por parte das crianças. O caráter lúdico de exploração das técnicas e de exploração sensorial dos materiais, ainda antes da produção por partes das crianças, contribuiu para a motivação e empenho do grupo às atividades propostas. Essa exploração, foi, posteriormente, livremente realizada pelas crianças que, de forma autónoma, as integraram noutras produções plásticas.

É ao exprimir-se livremente que a criança adquire autoconfiança e torna-se mais responsável e cooperante no relacionamento com os outros. Respeitando, assim, a expressão pessoal de cada um, é possível realizar interessantes trabalhos através de técnicas/modalidades que estimulam a criatividade, como a pintura, a colagem, a modelagem, entre outros. Durante as tarefas, as crianças tiveram acesso a todos os tipos de materiais necessários à produção artística, incluindo materiais reciclados, pois, tal como Hohmann e Weikart (2004) referenciam, este tipo de material deve estar sempre à disposição da criança, para que possa explorá-los com tempo, descobrir a sua finalidade e a forma como poderão ser utilizados.

É através de materiais apelativos que podem ser criadas condições favoráveis o desenvolvimento da prática das Artes Visuais. Assim, o papel do educador consiste em proporcionar momentos facilitadores e estimulantes à imaginação e à criatividade, assumindo ele próprio uma postura criativa. Tal como afirma Robinson (2010), todos nascemos com grandes capacidades de imaginação, inteligência, intuição e sensibilidade, mas, na verdade, não fazemos ideia de como as havemos de utilizar. Ou seja, o educador assume um papel importante onde deve ajudar a criança a descobrir, controlar e utilizar as suas

próprias capacidades e promover ferramentas para partilhar o conteúdo da sua imaginação. Foi também observado que as crianças se estimulam mutuamente, ajudando-se umas às outras, partilhando e aceitando novas ideias e opiniões. Visto que a troca de ideias, opiniões e vivências enriquece o poder criativo de todas as crianças.

Observando as produções das crianças elaboradas individualmente é possível concluir que, realmente, a cooperação influencia a produção criativa. Tal como refere Vigotsky (2003), a imaginação e a criatividade dependem das experiências que as crianças vão vivenciando. A partilha faz parte destas vivências, enriquecendo-as e estimulando o ser poder criativo.

O contacto com as obras de arte, bem como os desafios colocados, no sentido de produzirem as suas próprias obras, terão constituído um estímulo à criatividade das crianças. Revelou-se, assim, uma mais-valia associar o aspeto cognitivo da arte, ao aspeto produtivo, ambos importantes para o processo criativo. Foram disponibilizados os materiais, adotando o adulto uma postura de apoio e agente facilitador da aquisição de competências. Através dessa postura, as crianças exploraram os materiais e as técnicas/modalidades e receberam reforço positivo, aumentando assim a sua confiança na capacidade de criar e explorar o potencial dos materiais e técnicas. Verificou-se que, de uma forma geral, o grupo integrou as novas competências e conhecimentos, aplicando-as em situações diversas, após a realização das sessões e respetivas atividades.

As crianças não se desenvolvem todas da mesma forma e através dos produtos realizados é possível analisar os ganhos das crianças, as alterações no desenho, as cores, os contornos, entre outros, e só assim é que o educador reflexivo consegue adequar a sua prática às crianças, pensar no que pode ser feito de diferente, ajustar as estratégias para implementações futuras.

Neste estudo, foram sempre considerados os interesses e motivações das crianças, utilizando estratégias novas e cativantes, o processo ensino/aprendizagem será facilitado. A criança foi sempre valorizada, de forma a que se sentisse motivada e estimulada, para que fosse possível conseguir responder a todos as questões de pesquisa e cumprir todos os objetivos propostos no início da investigação. Ao longo do estudo foi possível verificar uma evolução na interação das crianças e até mesmo na atitude de todas elas aquando a realização das tarefas propostas.

Como as atividades implementadas foram apelativas e diversificadas, promoveram a motivação, o entusiasmo, o querer experienciar, o querer saber e a interação dos Encarregados de Educação (EE) com as crianças, querendo estes conhecer o que se faz no JI.

O envolvimento dos EE é um fator muito importante neste contexto educativo, que embora não tenham estado incididos diretamente neste estudo, foi notável a preocupação destes em acompanhar, de forma indireta, o trabalho realizado em torno deste estudo, apoiando quase incondicionalmente os filhos para que se sentissem realizados, mas também para a sua própria realização. Este é um aspeto bastante importante e significativo para as crianças, onde sentem o seu trabalho valorizado aos olhos dos seus familiares e de toda a comunidade educativa fazendo com que as aprendizagens não estejam limitadas ao espaço de sala de atividades.

No final das tarefas propostas no âmbito do projeto “Artistas de Palmo e Meio”, foi realizada uma exposição com todos os trabalhos realizados pelas crianças ao estilo dos artistas plásticos conceituados, que serviu para um culminar de todo este estudo. Este produto final serviu para dar a conhecer todo o trabalho realizado pelas crianças, fator que satisfiz todas elas pois sentiam-se orgulhosas de si próprias e viam o seu trabalho ser reconhecido, uma vez que a participação em todas as fases do processo promove situações de aprendizagem significativas. Como refere Lowenfeld (1977), é importante que os trabalhos das crianças sejam expostos na escola para que a criança centre a sua atenção no produto final e não apenas no momento da sua realização.

Foi notório que as crianças ficaram muito motivadas com a apresentação pública dos seus trabalhos, o que contribuiu também para que a predisposição das crianças para a realização das produções plásticas fosse muito mais empenhada.

A motivação das crianças contamina de uma forma positiva os EE, pois a motivação das crianças é também importante para que os EE sejam cúmplices do processo educativo, onde as crianças vão realizar algo que estes valorizarão.

Os trabalhos realizados pelas crianças como “pequenos artistas”, foram reconhecidos pelos EE que ao visualizarem a exposição abordavam algum desconhecimento de potencialidades que os seus educandos adquiriram. Através destes trabalhos é possível desmontar determinados preconceitos e fazer com que os EE participem e ao participarem estão a dar um contributo para a educação dos seus educandos.

Ao proporcionar este género de vivências às crianças e valores para serem cidadão responsáveis, de certa forma é possível contribuir para que os seus EE também cumpram regas, pois os ganhos das crianças são consequentemente os ganhos dos EE. Desta forma, trabalhando determinadas vivências, essa experiência não vai valer só por si para esse momento, mas para a vida ativa da criança enquanto ser e enquanto “contaminador” positivo do seu núcleo de relações.

Com as opiniões recolhidas dos EE após a realização deste estudo é possível afirmar que foi conseguida, com as atividades realizadas, a chegada a casa das crianças através de elementos que se trabalham no JI. As atividades proporcionam curiosidade e as crianças, em casa, falavam, criticavam e questionavam os EE. Estas experiências oferecem a mudança de atitudes de mentalidades, onde os pais já não vêm o JI como um local de “guardar” crianças.

No final, foram compilados os trabalhos realizados enquanto “pequenos artistas” num álbum digital em CD para fornecer a todos os EE, servindo, de certa forma, para divulgar o trabalho das crianças, mostrando os elementos por elas realizados.

Analisando todo o trabalho desenvolvido foi possível verificar que todas as crianças participaram de uma forma livre em todas as atividades propostas. Deste modo, é possível afirmar que todas as atividades que se aproximam de um género lúdico, captam o envolvimento da criança, visto que ao realizá-las surgem vários comentários e vontade de aprender e voltar a repetir atividades. As crianças revelam-se mais criativas, motivadas e direcionadas para novas descobertas no âmbito das Artes Visuais.

Estas vivências proporcionadas às crianças são marcos importantes, são experiências positivas que vão permitir às crianças ao longo da sua vida poder tirar ensinamentos para aplicar em determinados momentos.

É importante referir a equipa de investigação, valorizando os conselhos fornecidos pela educadora, por quem as atividades foram consentidas, e o par de estágio, que apoiou o desenvolvimento das atividades. A preparação das tarefas implementadas ao serem consentidas e discutidas com a equipa conseguem ser mais assertivas para o grupo de crianças a que se destinam.

O espírito de entreatajuda entre a equipa de investigação na condução e na reflexão das atividades, permitiu uma maior assertividade para a implementação, para a escolha

dos materiais utilizados e para a temporização das implementações. Todo este processo, foi muito importante para aumentar o índice de motivação e a predisposição para a aprendizagem.

Deste modo, para motivar as crianças é necessário proporcionar atividades apelativas, bem enquadradas e, também, ouvir a equipa de investigação, de forma a obter diferentes visões das atividades, para que estas sejam mais assertivas e gerir o interesse e a motivação, assim como o entusiasmo das crianças.

Em suma, com o decorrer das tarefas propostas as crianças passaram a desenvolver mais o seu sentido de criatividade, fruto das aprendizagens e das experiências, que fizeram separadamente sessão após sessão, permitindo assim entrar no seu mundo imaginário e transcreve-lo, dando aso à imaginação e criatividade comentadas nos seus trabalhos plásticos. Tendo em conta os diferentes artistas plásticos e as diferentes técnicas que experienciaram, ao ver e ao vivenciar as diferentes técnicas que utilizaram ao estilo de cada pintor e, também, ao realizarem os seus trabalhos plásticos, as crianças iam beber, de um modo consciente ou inconsciente, a essas técnicas ou formas de representação para elaborar os seus próprios trabalhos. Daí, que o trabalho que faziam e os resultados finais, se não tivessem sido “contaminados” com aquelas vivências seriam muito mais pobres e menos criativos, porque não tinham aumentado o seu leque de vivências e experiências.

As atividades apelativas, bem ordenadas e diversificadas ajudaram as a manter os índices motivacionais das crianças para as tarefas. O conhecimento de diferentes artistas plásticos conceituados e técnicas suscitam a curiosidade das crianças, desta forma as crianças mostram-se motivadas e resolvem as tarefas de uma forma mais assertiva e interessada.

Com o termino deste estudo, é possível afirmar que este foi reconhecido e valorizado, pois ao trazer para o JI artistas plásticos conceituados, através da condução e planeamento efetuado, ficou provado que não só é possível trabalhar artistas conceituados como aumentar a motivação e o interesse das crianças. Este estudo permitiu, ainda, quebrar alguns estereótipos que existem em relação à abordagem de artistas plásticos conceituados, bem como as técnicas utilizadas na produção das obras artísticas, considerados de difícil abordagem nesta faixa etária. Ou seja, quando as atividades são previstas e balanceadas para uma faixa etária concreta e implementadas atividades ajustadas é possível

trabalhar de forma mais profunda determinados conceitos inerentes à Educação Pré-Escolar, não é suposto abordar os artistas plásticos no JI, mas ao verem estes exemplos quando realizarem os seus trabalhos plásticos vão associar uma técnica a um artista conceituado, consolidando assim os conceitos que a abordaram anteriormente.

5.2. Limitações do estudo e recomendações para investigações futuras

Como em qualquer relatório de investigação, no decorrer do mesmo, surgiram alguns obstáculos que nos dificultaram todo o processo investigativo.

Um constrangimento que acompanhou todo o estudo, foi o facto da investigadora ter assumido também o papel de educadora estagiária. Revelou-se difícil assumir estes dois papéis, dada as diferentes funções que lhes estão associadas. Se por um lado foi necessário ter sempre em consideração os objetivos do estudo, por outro foi crucial considerar os aspetos associados à prática de modo a corresponder às necessidades das crianças.

Como refere Sousa (2003a),

só o educador ou professor é que sabe quais são as necessidades desenvolvimentais específicas de cada uma das suas crianças em particular e do seu grupo em geral, daquelas crianças, naquela sala, com aquele material, com aquelas condições e naquele contexto. Só o educador ou professor, conhecendo todas estas variáveis, é que terá possibilidade, portanto, de criar as estratégias programáticas que melhor proporcionarão às suas crianças a melhor oportunidade de desenvolvimento da sua personalidade. (p. 231)

Também foi visível uma carência de liberdade criativa nas crianças. Não responsabilizando ninguém em particular, pois todos nós, sociedade, somos responsáveis por, sem nos apercebermos, limitarmos a liberdade criativa da criança. Esta característica foi observada no decorrer das sequências didáticas em que, embora existissem algumas indicações a criança teria de criar algo a imaginário, existia liberdade criativa para produzir o que desejassem. No entanto, foi sentido que o grupo esperava uma sugestão do que poderia desenhar. Essa necessidade de indicações, pode ser vista como um obstáculo que serviu como aprendizagem que nunca se deve limitar a imaginação e criatividade da criança, porque ela deve ter liberdade de pintar um elefante de cor de rosa se o entender.

Embora se tenham sentido algumas limitações, todas foram superadas e foram conseguidos recolher todos os dados necessários.

Após esta experiência enriquecedora, haverá sempre o cuidado de questionar a postura diante de uma criança, sendo sempre um modelo positivo para ela. É importante nunca limitar a liberdade criativa de uma criança, mas estimulá-la imaginativa e criativamente, para que esta consiga desenvolver capacidades como a resolução de problemas e o pensamento crítico, flexível e independente.

Apesar das limitações identificadas, tentou-se sempre ultrapassar estas dificuldades, tendo-se chegado a conclusões importantes. Salieta-se que os resultados deste estudo não podem ser generalizados, dado que se teve por base um contexto particular, com um grupo de crianças com características específicas. Assim, seria pertinente que este pudesse ser desenvolvido noutros contextos, com outras crianças e conduzido por investigadores diferentes, de modo a permitir o acesso a mais evidências relacionadas com a problemática em causa e comparar resultados.

Considera-se também pertinente que futuramente se possam realizar outros estudos tomando este como base. Seria interessante propor um estudo mais amplo para observar se as crianças são mais criativas individualmente ou em pequenos grupos, e justificar este fenómeno. Ainda relativamente à influencia da cooperação, seria prazeroso, para qualquer educadora, observar a importância de grupos heterogéneos relativos à idade no JI. Na mesma sequência, seria interessante verificar se o egocentrismo é característico de crianças em idade de Pré-Escolar e se este fenómeno corresponde a um padrão ou apenas provem de uma falta de estímulo por parte do adulto.

CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES

CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PES

Concluída a Prática de Ensino Supervisionada (PES) é pertinente realizar uma análise geral acerca de todo o trabalho desenvolvido e experiência com os grupos de crianças dos contextos onde estive inserida.

Na PES, foi-nos possibilitada a vivência em experiências facilitadoras num futuro na Educação Pré-Escolar e também em contexto de creche. Ainda antes de iniciarmos o estágio, os docentes da Unidade Curricular acharam por bem orientar-nos. Assim, numa sessão, distribuíram os grupos de estágio pelos Jardins de Infância e orientaram-nos relativamente a como trabalhar nestes contextos educativos, quais as informações que deveríamos recolher, quais os detalhes aos quais deveríamos estar atentos, quais as perguntas a fazer à educadora cooperante, entre outros pontos importantes.

A PES I decorreu duas vezes por semana, logo o trabalho desenvolvido foi diferente da PES II.

A PES I permitiu uma integração em dois contextos educativos, uma vez que no início foram efetuadas sessões de observação participante, possibilitando um conhecimento e uma integração com os grupos de crianças.

Foi muito importante conhecer e trabalhar com as crianças de Jardim de Infância e de creche, conhecer as suas rotinas, assumir o papel de educadora, observar o desenvolvimento das crianças e acompanhá-las nas aprendizagens e compreender como elas devem ser estimuladas e motivadas.

Ao longo das sessões de observação e intervenção, tanto no JI como na creche, pude contactar com um grupo homogéneo de crianças, tanto ao nível das idades (por ser constituído por crianças dos três no JI e crianças de 2 anos na creche) como ao nível do desenvolvimento.

Pude perceber que todas estas crianças, principalmente as da creche, se encontram numa fase de egocentrismo, não querendo partilhar brincadeiras ou jogos com nenhum outro colega embora tenham pedido muitas vezes a minha ajuda para construir puzzles e para lhes dar atenção aquando a tarefa.

Também pelo contacto com as crianças em todas as sessões e pelas conversas com elas e com as educadoras, adorei saber mais sobre cada uma delas, já que muitas parti-

lharam comigo vivências do fim de semana e vivências com os seus familiares. É fabuloso perceber como estas crianças são, as suas características e personalidades, o que as deixa felizes ou tristes, como são sinceras e afetuosas. Esta foi, sem dúvida alguma, uma experiência muito recompensadora.

Considero que as sessões de observações participante tenham facilitado uma adaptação essencial para a minha integração com os grupos de crianças. Nestas sessões, em cada um dos diferentes contextos, foi meu objetivo e do meu par de estágio, para além de querer conhecer cada criança e querer o mais rápido possível estabelecer uma boa ligação com todas elas e saber quais as necessidades de cada uma, perceber o ambiente pedagógico da sala, quais as áreas de trabalho, a variedade de materiais, a organização das mesas e espaços, quais e como funcionam as rotinas que a educadora realiza com as crianças, se estas são sempre as mesmas ou se são livres ou orientadas, se são individuais ou em grupo, a sua duração, qual a relação da educadora com as crianças, qual a sua postura, o ritmo da sessão, a gestão do tempo, a ocorrência de imprevistos, as ações das crianças em diversos contextos, as tarefas realizadas, entre outros aspetos.

Ao longo da PES I tanto eu como o meu par de estágio tivemos por parte da educadora cooperante e dos professores supervisores críticas construtivistas, o que permitiu melhores desempenhos e ultrapassar obstáculos.

A integração e o conhecimento que a PES I me deu acerca do grupo de crianças do JI foi essencial para toda a organização da PES II (sendo que o grupo de crianças do JI permaneceu o mesmo), desde o nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo, às preferências suas preferências, perceber quais as suas fragilidades e os fatores que inibiam as suas aprendizagens. Conhecer a metodologia, as estratégias e a postura utilizadas pela educadora cooperante foi sem dúvida uma mais-valia que este contexto me proporcionou, pois pude contemplar e interiorizar, através da observação que realizei, da análise e dos conselhos da educadora cooperante, informação e aprendizagens significativas para a fase seguinte a PES II. Desta forma, o planeamento das atividades tornou-se assim mais facilitado pois já detinha as fragilidades e os pontos fortes que o grupo possuía.

Desta forma, a PES II foi a continuação da prática pedagógica, o tempo estipulado para esta prática foi de cinco dias por semana, ao longo desta caminhada as aprendizagens foram muitas, tanto a nível profissional como pessoal. Tive oportunidade de refletir

sobre o papel de um educador, todas as vivências que passei foram inesquecíveis, os momentos com as crianças foram muito gratificantes, foi a retribuição que tive pelo trabalho que desenvolvi.

Nesta prática, o grau de exigência foi ascendendo, no entanto foi mais gratificante e recompensador, o facto de passarmos a implementar cinco vezes por semana, levou-nos a um trabalho mais rigoroso ao qual tivemos sempre em atenção corresponder às necessidades e interesses das crianças. Aqui, usufruí de um maior envolvimento com o grupo, onde também foi possível realizar uma abordagem mais ativa às áreas de conteúdo e domínios, comparativamente com a intervenção em PES I.

Como referido, para a realização das planificações foram sempre consideradas as necessidades das crianças e elaboradas sempre com um fio condutor, tornou-se mais fácil elaborar uma planificação escolhendo temas ou atividades que seguissem um propósito contínuo, que fossem interdisciplinares e que pudessem ser desenvolvidos. Segundo Silva et al. (2016), o educador deve planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança e apoiando-a para que chegue a níveis de realização. Ao longo das atividades colocadas ao grupo, pude refletir que por vezes haveria outras formas de abordar alguns conteúdos e formas por vezes mais corretas. Esta reflexão permitiu-me ter noção dos erros, fazendo parte do meu processo de aprendizagem e formação na área de Educação Pré-Escolar.

No que diz respeito às dificuldades sentidas, subsistiram no controlo do grupo e o receio de não conseguir adaptar-me às necessidades e interesses das crianças e de não ser reconhecida como elemento de ação educativa, foi colmatado com o passar do tempo e com a interação e ligação construída com as crianças e por isso durante as minhas implementações senti cada vez mais proximidade com as crianças que consegui corresponder às suas necessidades.

O grupo de crianças como qual pude trabalhar mostrava-se sempre predisposto para as atividades apresentadas, era um grupo sempre muito participativo, curioso e ambicionava sempre saber mais acerca da temática em questão. Foi assim uma mais-valia, pois considero que foi motivador lançar novos desafios para novas aprendizagens.

É muito importante que o educador seja sempre um marco na vida de uma criança. Será o meu objetivo enquanto educadora, instruir e ao mesmo tempo conseguir ter uma

relação próxima das crianças, para que cresçam de forma saudável e feliz. De acordo com Felgueiras (2008), “o educador tem de ter um grande respeito pela criança, tem que estar pronto para aceitar as ideias dela, as soluções que ela propõe” (p. 9).

No que diz respeito ao projeto intitulado “Artistas de Palmo e Meio”, este foi um trabalho importante para mim, no qual me dediquei e onde foi conseguida uma evolução no desenvolvimento das crianças, sendo este projeto um elemento de ligação entre as várias atividades que foram desenvolvidas, ou seja, havia um alinhamento lógico para as várias ações. Este estudo teve o apoio e o olhar crítico da educadora cooperante, responsável pelo grupo de participantes, do meu orientador de estágio bem como do meu par pedagógico.

O inquérito por questionário e as atividades realizadas que envolveram os EE permitiram-me verificar a sua disponibilidade em colaborar nos processos de ensino-aprendizagem, no sentido em que essa relação pode promover uma mudança de novas práticas bem como no envolvimento e aprendizagens das crianças.

A PES permitiu perceber a importância de incluir as famílias no processo educativo das crianças. É crucial garantir a articulação entre o JI e a família, sendo para isso necessário que esta se envolva no percurso educativo dos seus educandos, cabendo ao educador promover esse envolvimento. A inclusão da família no processo educativo revelou-se uma mais-valia pois constatei que as crianças reagiam positivamente ao interesse revelado pelos EE perante as suas atividades.

Relativamente às sessões de implementação, penso que tudo correu bem e como o planificado e, tanto eu como o meu par de estágio, pensamos ter atingido os objetivos que pretendíamos e conseguimos proporcionar momentos lúdicos e criativos às crianças.

Fiquei muito satisfeita com as minhas intervenções, pois as crianças mostraram-se constantemente interessadas e participativas, respondendo às questões colocadas e querendo participar nas tarefas que realizámos. E foram estes comportamentos que se evidenciaram ao longo das implementações e que ajudaram a que todos os objetivos fossem alcançados.

Se voltasse a implementar, é claro que teria em consideração alguns aspetos e faria pequenas modificações nas minhas intervenções. Contudo, foi muito bom poder ter um

grupo de crianças só para mim e poder desenvolver com elas as atividades que planejamos.

Foi essencial todo o apoio que a educadora cooperante nos deu ao longo de todas as sessões de estágio e principalmente quando a preparação destas sessões de intervenção, disponibilizando-se sempre para nos ajudar, dando a sua opinião e dicas, dizendo o que podia ser melhorado ou não, o que poderia correr melhor ou pior. No final, recebemos um *feedback* positivo por parte da educadora cooperante e disponibilizou-se para nos ajudar em qualquer ocasião.

Durante toda a prática, tive a oportunidade de ajudar e brincar constantemente com as crianças, vesti-lhes as batas, brinquei com elas nas áreas, fiz com que elas percebessem o que estava certo ou errado em algumas ocasiões, tivemos conversas ricas, distribuí os lanches e ajudei a que todas o terminassem, ajudei as crianças na sala de atividades quando apresentavam dificuldades na realização das suas tarefas, desta forma fui-me aproximando sempre mais de cada uma das crianças.

Foi muito bom quando as crianças me procuravam para as ajudar em tudo, para brincar nas diferentes áreas, para fazer puzzles e jogos com elas e para brincar no recreio. Apesar de o tempo de contacto com as crianças não ser muito extenso, foi importante para poder usufruir destas pequenas experiências para o nosso futuro profissional.

Durante as implementações, eu e o meu par de estágio pudemos contar sempre com o apoio uma da outra e, também, com a educadora cooperante. O que quero dizer é que nos ajudámos mutuamente, distribuindo fichas, organizando materiais entre as atividades e ajudando as crianças pelos lugares.

Quanto à minha prestação no decorrer de toda a PES, penso ter conseguido fazer um bom trabalho e estou muito satisfeita com a aprendizagem que trago comigo. Prontifiquei-me sempre a ajudar em tudo o que fosse necessário e mantive-me sempre atenta a tudo o que se passava, às atividades, aos comportamentos, ao como lidar com cada criança.

A PES permitiu-me obter conhecimentos indispensáveis para o meu futuro profissional, foi um contributo para o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto futura educadora. É de realçar todo o conhecimento transmitido pelos docentes desta Unidade Curricular que facilitaram o nosso desenvolvimento. Destaco, mais uma vez, o trabalho de

equipa de intervenção conquistado com o meu par de estágio, pois juntas conseguimos aprender e a ensinar. Faço ainda referência aos ensinamentos das crianças pois com toda a sua vontade de crescer foram a motivação para todos os dias realizar novas pesquisas e construir novos trabalhos para os cativar dia após dia.

Foi possível por em prática as aprendizagens e ensinamentos adquiridos nas em todas as Unidades Curriculares do Mestrado em Educação Pré-Escolar, de forma a observar melhor o contexto e o grupo de crianças, planejar implementações que fossem de encontro como as mesmas e, também, redigir reflexões acerca da prática, reflexões essas que se revelaram importantes no seguimento de próximas implementações. Considero fundamentais as reuniões semanais com os professores supervisores, visto conseguirmos ter uma visão mais aberta do caminho mais correto a seguir, aprofundar melhores conceitos e perceber o que devemos melhorar nas intervenções seguintes. Assim, esses encontros com os professores supervisores levaram a uma maturação mais profunda e sólida por parte das estagiárias.

Neste momento, tenho completa noção de que é preciso muita dedicação, que é importante ter em atenção o nível de desenvolvimento de cada criança, pois cada uma é única e tem as suas próprias necessidades. É importante, também, ter em conta que as atividades devem ser bem pensadas e planeadas, pensando-se sempre em imprevistos que podem ocorrer.

No final desta experiência posso dizer que adorei trabalhar com estas crianças, todas elas diferentes umas das outras, com diferentes necessidades e personalidades, todas muito amáveis e animadas e algumas delas muito conversadoras, conhecer as suas rotinas, como é ser educadora, como é desdobrarmo-nos para fazer várias tarefas ao mesmo tempo, como é ver uma criança crescer de dia para dia, como é ver a sua evolução, acompanhar as suas aprendizagens e desenvolvimento, como elas devem ser estimuladas e motivadas. Comigo levo ótimas experiências e recordações espetaculares.

“O Melhor do mundo são as crianças.”

Fernando Pessoa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abelheira, A. V. (2013). *Projeto Educativo Agrupamento Vertical de Escolas de Abelheira*. Viana do Castelo: Agrupamento Vertical de Escolas de Abelheira.
- Balancho, M. J., & Coelho, F. M. (1994). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Barbosa, A. M. (2005). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cohen, L., & Manion, L. (1990). *Métodos de investigación educativa*. Madrid: La Muralla.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humana: Teoria e Prática* (2ª ed.). Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). Introduction: Entering the field of qualitative research. Em *Handbook of qualitative research* (pp. 1-17). Thousand Oaks: CA: Sage Publications.
- Eisner, W. E. (1972). *Educating artistic vision*. New York: Macmillian. Educar la vision artistica, Ediciones Paidós Iberica, Barcelona (1995).
- Felgueiras, B. (2008). *O Livro das Brincadeiras*. Lisboa: Arte Plural Eduções.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Noesis*, 18, pp. 64-66.
- Flick, U. (2009). *An Introduction to Qualitative Research* (4ª ed.). London: Sage Publications Ltd.
- Formosinho, J., & Costa, H. (2011). *O trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Gallahue, D. (2002). Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância. Em B. Spodek, *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Gallahue, D., & Ozmun, J. (2001). *Compreendendo o Desenvolvimento Motor, Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos*. São Paulo: Porth Editora.
- Gardner, H. (1999). *Arte, mente e cérebro - Uma abordagem cognitiva da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médivas Sul.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito - teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Godinho, J. C., & Brito, M. N. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância*. Lisboa: ME - DGIDC.
- Golton, R., & Clero, C. (1976). *A Criatividade Criadora na Criança*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora.
- Hill, M., & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança* (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- INE. (2011). *Instituto Nacional de Estatística*. Obtido de INE 2011: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=CENSOS&xpgid=censos_quadros
- Katz, L., & Chard, S. (2009). *A Abordagem de Ptojecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ketele, J.-M., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados - Fundamentos dos Métodos e Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lancaster, J. (1991). *Las artes en la educación primaria*. Madrid: Ediciones Morata, S.A.
- Lino, D. M. (1998). *A transição entre os dois primeiros níveis de educação básica perspctivada através da utilização do espaço e dos materiais*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Lowenfeld, V. (1977). *A Criança e a sua Arte (um guia para os pais)*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A. V., . . . Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a Ciência Atividades dos 3 aos 6*. Lisboa: DGIDC.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita*. Lisboa: DGIDC.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-ação*. Porto: Porto Editora.
- McMillian, J., & Schumacher, S. (2001). *Research un education: a conceptual introduction* (5ª ed.). Nova Iorque: Longman.
- ME-DGIDC. (2010). *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Mertenes, D. M. (2010). *Research and evaluation in education and psychology: integrating diversity with quantitative, qualitative and mix methods*. Los Angeles: Sage Publications.
- Morgado, J. C. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. Santo Tirso : De Facto Editores .
- Nóvoa, A. (2007). *Vidas de professores* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Oliveira, M. (2007). *A expressão Plástica para a Compreensão da Cultura Visual*. Saber (e) Educar (12).
- Pacífico, S. M., & Araújo, E. S. (2013). *O estágio e a produção do conhecimento docente*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Pascal, C., & Bertram, T. (1999). *Desenvolvimento em percesias*. Porto: Porto Editora.
- Peixoto, A. (2008). *A criança e o conhecimento do mundo: actividades laboratoriais em ciências físicas*. Penafiel: Editora Novembro.
- Pillotto, S. S., & Mognol, L. C. (2007). A arte no contexto da educação infantil. Em M. O. Oliveira, *Arte, Educação e Cultura* (pp. 215-229). Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria.

- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em GTI (Ed.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Ramos, M. M., & Valente, A. C. (2011). Iniciação à Ciência através da Metodologia de Trabalho de Projeto - Um contexto privilegiado para o desenvolvimento da linguagem no pré-escolar. *Da Investigação às Práticas, I*, pp. 2-16.
- Read, H. (2001). *A Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robinson, K. (2010). *O elemento*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Santos, L. (s.d.). A investigação e os seus implícitos: contributos para uma discussão. Em J. Murillo, P. M. Arnal, R. Escolano, & J. M. Gairín, *Actas del VI Simposio de la SEIEM* (pp. 157-170). Logroño: SEIEM.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção - Geral da Educação (DGE).
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Lisboa: DGIDC.
- Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vols. 1 - Bases Psicopedagógicas). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vols. 2 - Drama e dança). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (2003c). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vols. 3 - Música e Artes Plásticas). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Spodek, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Spodek, B., & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.

- Sprintall, N. A., & Sprintall, R. C. (1993). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Stern, A. (s.d.). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vale, I. (2004). Algumas Notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática: O estudo de caso. Em *Revista da Escola Superior de Educação* (Vol. 5, pp. 171-199). Viana do Castelo: Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.
- Vasconcelos, T. (1998). Das perplexidades em torno de um hamster ao processo de pesquisa: Trabalho de projecto na educação pré-escolar em Portugal. Em Departamento da Educação Básica, *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar* (pp. 123-158). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: ME - DGIDC.
- Vygotski, L. (2003). *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Ediciones AKAL.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (4ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

Bibliografia Infantil

- Carle, E. (2010). *O artista que pintou um cavalo azul*. Matosinhos: Kalandraka.
- Dickins, R. (2007). *Tesouros de Arte*. Lisboa: EdiCare Editora.
- Reynolds, P. H. (2011). *O ponto* (3ª ed.). Figueira da Foz: Bruaá Editora.
- Verde, S. (2013). *O Museu*. Barcarena: Editorial Presença.

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de observação

GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

Data: _____

Tarefa: _____

Reações do grupo à tarefa/material:	Principais dificuldades das crianças:
Comentários das crianças:	Principais dificuldades da estagiária:
Estratégias utilizadas:	Episódios marcantes da sessão:

Anexo 2 – Pedido de autorização para filmagens ou fotografia

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ex.mo Encarregado de Educação

Somos alunas do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e durante este ano letivo vamos desenvolver a nossa Prática de Ensino Supervisionada na sala do seu educando. Para desenvolver a nossa prática necessitamos de recolher algumas informações em formatos de vídeo ou de fotografia, relativas ao modo como as crianças desenvolvem diferentes atividades. A nossa Prática de Ensino Supervisionada contará com a Supervisão da Orientadora Cooperante e da equipa de Supervisores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Com estes registos pretende-se, entre outros objetivos, proporcionar momentos privilegiados com diferentes atividades para o seu educando.

Como estas atividades estão integradas na nossa Prática de Ensino Supervisionada será importante que se efetue a filmagem ou se tire algumas fotografias das sessões com a finalidade de se proceder à análise, discussão e reflexão do processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, vimos pedir a V. Ex.^a autorização para se efetuarem filmagens ou fotos para uso exclusivo da Prática de Ensino Supervisionada em causa, com o compromisso de que todo o material recolhido será utilizado apenas para esse fim e será destruído quando não for necessário.

Viana do Castelo, 08 de outubro de 2016

As mestrandas

A Orientadora Cooperante

O encarregado de educação

Anexo 3 – Questionário aos pais

QUESTIONÁRIO

Eu, Renata Pinto Vasconcelos, educadora estagiária do seu educando, no âmbito do Prática de Ensino Supervisionada, foram implementadas várias atividades com o grupo do seu educando com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da criatividade e promoção de experiências de aprendizagem através das Artes Visuais. Para complementar a informação recolhida do projeto intitulado “**Artistas de Palmo e Meio: Artes Plásticas no Jardim de Infância**”, venho, por este meio, solicitar a sua colaboração para responder ao presente questionário.

A informação fornecida será posteriormente analisada, garantindo-se o anonimato.

Agradeço, desde já, a colaboração e estou à sua inteira disposição para mais informações ou esclarecimentos que possa considerar pertinentes. Poderá, a qualquer momento, contactar-me através do *email* renatapintovasconcelos@gmail.com para alguma informação adicional.

Encarregado de educação: _____

Nome do educando: _____

1. Como teve conhecimento do projeto *Artistas de Palmo e Meio*?

- Através da educadora? Através da exposição no Jardim de Infância?
Através do seu educando? Outro.
Através do CD com os trabalhos da criança Indique qual? _____

2. Qual a sua opinião sobre os seguintes aspetos:

(utilize a escala de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a um nível baixo e 5 a um nível elevado)

	1	2	3	4	5
Gostei do trabalho realizado no âmbito do projeto: <i>Artistas de Palmo e Meio</i>					
Este tipo de trabalho é importante para o desenvolvimento das crianças					
Importância da apresentação pública dos trabalhos realizados pelas crianças (Exposição)					

3. A criança falava em casa acerca deste projeto?

Sim Não

Se sim, que tipo de comentário fazia a criança?

4. Qual a sua opinião geral sobre o trabalho desenvolvido no âmbito deste projeto?

Obrigada pela sua participação
Renata Vasconcelos, educadora estagiária.

Anexo 4 – Planificação da tarefa 1

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Par pedagógico:

Identificação do Jardim de Infância:

Data: 2 de novembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades

Parceiros Educativos:

Grupo: (nº total de crianças): 24 crianças (4 anos de idade)

Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física • Domínio da expressão artística 	<p>1. Explorar conto e reconto de uma história</p> <p>1.1 Desenvolver o gosto pela leitura</p>	<p>1ª tarefa</p> <p><i>Quarta-feira</i></p> <p>09h00m</p> <p>A estagiária mostra às crianças uma folha em branco com um ponto preto no centro e questiona as crianças:</p> <p>- O que está nesta folha?</p>	<p>Espaco físico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livro “o ponto” 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta gosto pela audição de histórias - Demonstra um campo lexical alargado para a

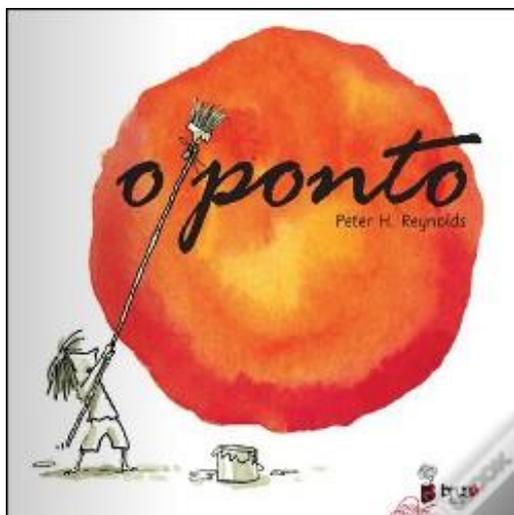
<p>- Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>1.2 Estimular o aumento do campo lexical</p> <p>1.3 Aumentar a capacidade de argumentação e exposição de ideias</p>	<p>- Qual é a sua cor? - Qual o lugar do ponto na folha?</p> <p>Depois, mostra o livro “O ponto”, de Peter H. Reynolds (anexo 1) e explora a capa, o título, contracapa e algumas ilustrações do interior, de forma a que as crianças a formulem hipóteses sobre o conteúdo do livro. Nesta exploração a estagiária coloca questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que observamos na capa? - Qual é a cor do ponto? -O que está a menina a fazer? - O que acham que vai acontecer na história? <p>Depois das hipóteses formuladas, inicia a leitura do mesmo.</p> <p>Este livro foi escolhido porque procura sensibilizar crianças, para a importância do estímulo à criação artística, o poder criativo, o espírito crítico e a sensibilidade estética.</p> <p>Após a leitura é realizada a exploração da história, com questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Porque é que a folha da Vera estava em bran- 		<p>faixa etária</p> <ul style="list-style-type: none"> - Argumenta e defende a sua opinião quando solicitado - Ordena dados e acontecimentos
--	--	---	--	--

	<p>2. Realçar que todos os trabalhos de artes visuais são valorizados</p> <p>3. Estimular a criatividade e imaginação</p> <p>4. Desenvolver o sentido estético</p>	<p>co?</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é que ela desenhou na folha? - A professora gostou do desenho da Vera? Porquê? - Quando a Vera viu o seu desenho num quadro, o que ela pensou? - O que é que a Vera pintou depois? <p style="text-align: center;">11h00m</p> <p>De seguida, a estagiária explica que as crianças vão realizar uma atividade elaborada de forma individual, onde cada criança terá a oportunidade de pintar algo a partir de um ponto preto no centro de uma folha branca.</p> <p>Esta característica vai ao encontro da história, pois a Vera, na sua primeira obra, apenas fez um ponto preto no centro de uma folha branca. O objetivo da atividade é que cada criança crie algo a partir do seu ponto preto.</p>	<p>- Folha branca com um ponto preto no centro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta criatividade e imaginação - Consegue criar algo através do material fornecido - Consegue explicar o que criou / desenhou
--	--	---	--	--

	<p>5. Apropriação gradual de instrumentos de artes visuais</p> <p>6. Desenvolver a motricidade fina</p>	<p style="text-align: center;">13h30m</p> <p>A estagiária esclarece que, como a Vera, todas as crianças podem realizar obras de arte e serem “pequenos artistas”.</p> <p>Acrescenta que a partir desse dia haverá um dia especial que irá ser dedicado a um artista plástico, onde será dado a conhecer um artista e reproduzir uma das suas obras de arte.</p> <p>De seguida, mostra às crianças a imagem de uma paleta de cores (anexo 2) e questiona:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sabem o que é este objeto? É uma paleta de cores. - Alguém sabe para que serve? - Quem é que costuma usar as paletas de cores? - O que sabem sobre os pintores? <p>E, explica que as crianças também irão colorir uma pequena paleta de cores, que servirá como um crachá (anexo 3), que será utilizado sempre que for o “Dia dos Artistas”.</p> <p>Depois de colorirem o seu crachá, as crianças colocam-no numa caixa e deixam-na num sítio a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem de uma paleta de cores - Crachá para colorir - Lápis de cor 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece os instrumentos de arte: paleta de cores e pincéis - Pinta dentro do desenho, cobrindo todo o espaço com cor
--	---	---	--	---

	<p>7. Desenvolver destrezas manipulativas, mediante diferentes técnicas e materiais</p> <p>8. Desenvolver a motricidade fina</p> <p>8.1 Utiliza corretamente o material</p>	<p>combinar para que no “Dia dos Artistas”, as crianças coloquem o seu crachá.</p> <p>Para terminar, a estagiária apresenta a paleta de cores presente nos crachás, em grande escala, e explica que todas as crianças a vão colorir, para que depois seja exposta no “Dia dos Artistas”, ao entrar na sala, as crianças identifiquem que é o dia especial de dicado às artes visuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Paleta de cores em grande escala - Tintas de várias cores 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstra interesse pela atividade - Consegue pegar corretamente no material
--	---	---	--	---

Anexo 5 – Livro “O ponto” de Peter H. Reynolds



A aula de desenho tinha terminado,
mas a Vera continuava colada à cadeira.

A sua folha estava vazia.



A professora da Vera debruçou-se
sobre a folha em branco e comentou:

– Já sei! Um urso polar no meio de uma
tempestade de neve.

– Muito engraçado – disse a Vera.
– Eu não sei desenhar!



A professora sorriu.
– Tenta fazer uma marca qualquer
e vê onde ela te leva.



A professora pegou na folha
e olhou-a com toda a atenção.
– Ummm...

Durante alguns segundos,
a Vera ficou pensativa.
“Bem... talvez não saiba desenhar,
mas assinar o meu nome, eu sei.”



A Vera agarrou num marcador e,
com toda a força,
cravou-o em cheio na folha.
– Pronto! Ai tem!

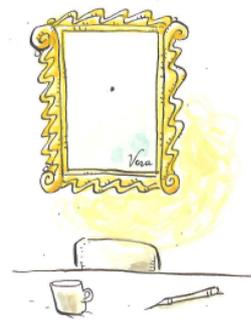


Em seguida, devolveu-a
à Vera e pediu-lhe:
– Agora, assina.



Na semana seguinte,
quando entrou na sala, a Vera não quis
acreditar no que viu pendurado
por cima da secretária da professora.

Era o ponto que tinha feito!
O seu ponto! Numa magnífica
moldura dourada!



- Pfff! Eu consigo fazer um ponto
melhor que aquele!



A Vera abriu a sua caixa de aguarelas
ainda por estrear e deitou mãos à obra.



A Vera pintou e pintou.
Um ponto encarnado.
Um ponto roxo.
Um ponto amarelo.
Um ponto azul.



Quando o azul se misturou com o amarelo
descobriu que podia fazer
um ponto verde.

A Vera continuou a experimentar
pontos e mais pontos de diferentes cores.



“Se consigo fazer pontos pequenos também sou capaz de fazer pontos grandes.”

A Vera começou então a espalhar as suas cores com um pincel maior num papel maior, de modo a fazer pontos ainda maiores.

A Vera até fez um ponto sem pintar um ponto.



Algumas semanas mais tarde, na exposição de arte da escola, os pontos da Vera foram um enorme sucesso.

Ali, a Vera reparou num rapaz que não tirava os olhos dela.

– Tu és uma artista incrível. Quem me dera saber desenhar – disse ele.

– Aposto que consegues – garantiu a Vera.

– Eu? Não. Eu nem sequer consigo fazer uma linha direita com uma régua.



A Vera sorriu.
Entregou ao rapaz
uma folha em branco e pediu-lhe:
– Mostra-me.
O lápis do rapaz tremia
enquanto traçava a sua linha.



A Vera olhou com atenção
para o rabisco do rapaz
e depois disse...

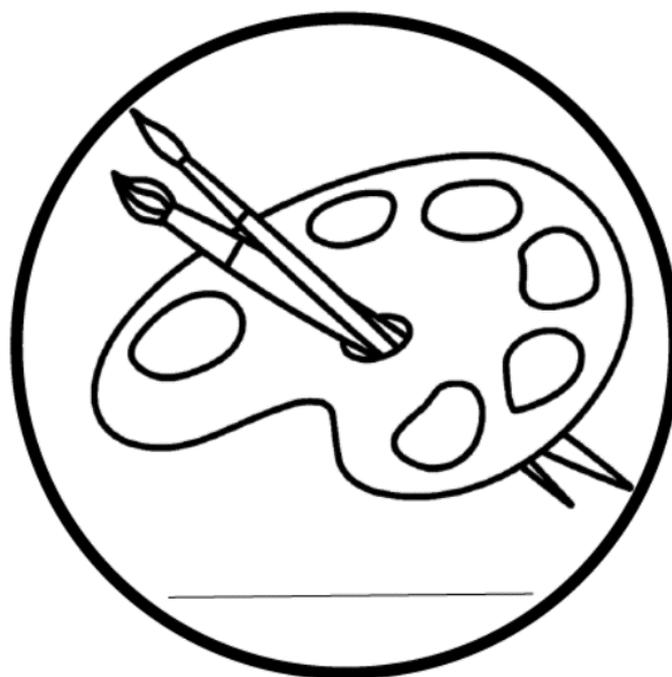
– Agora, assina.



Anexo 6 – Imagem da paleta de cores



Anexo 7 – Imagem crachás



Anexo 8 – Planificação da tarefa 2

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Data: 3 de novembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades e polivalente

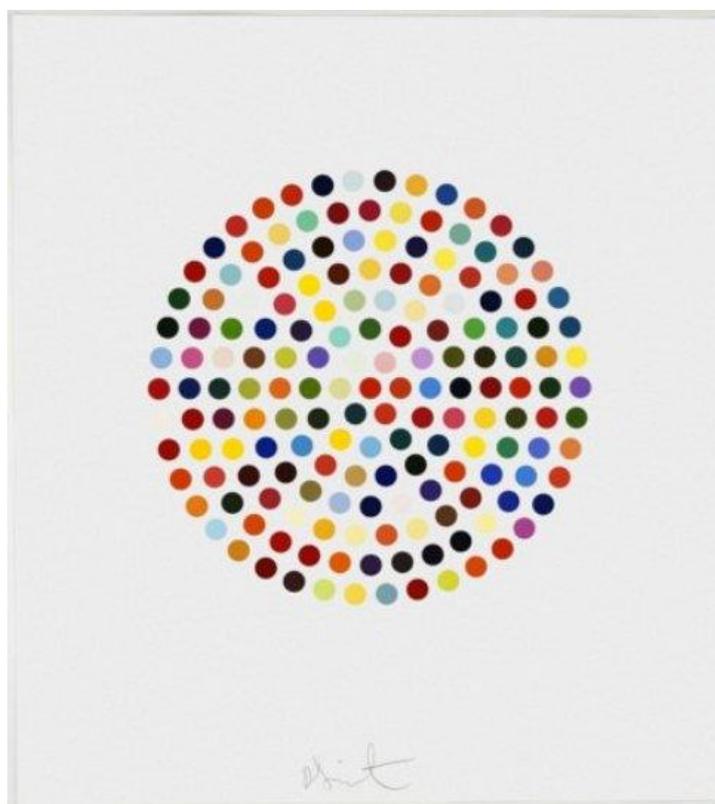
Grupo: (nº total de crianças): 24 crianças (4 anos de idade)

Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física • Domínio da expressão 	<p>1. Reconhecer o instrumento</p>	<p><u>2ª tarefa</u></p> <p><i>Quinta-feira</i></p> <p>11h00m</p> <p>A estagiária chama a atenção das crianças para o que está exposto na sala (a paleta de cores em grande escala que as crianças coloriram em</p>	<p>Espaco físico:</p> <p>- Sala de atividades</p> <p>Recursos materiais:</p>	<p>- Reconhece o objeto, paleta de cores</p>

<p>artística</p> <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 2. Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas 3. Explorar elementos expressivos de comunicação visual 4. Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê 	<p>conjunto), no caso de ao entrar na sala estas não o verificarem.</p> <p>Nesse momento questiona as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Porquê que a paleta está exposta? - Qual é o dia especial, na nossa sala, que nos indica a paleta? (“Dia dos Artistas”) <p>De seguida, relembra as crianças que devem colocar os seus crachás para serem “pequenos artistas”, neste dia especial.</p> <p>Depois das crianças colocarem os seus crachás, a estagiária mostra a fotografia de Damien Hirst (anexo 1), explicando que, o artista que está a apresentar se chama, Damien Hirst, sendo um artista de outro país. Refere, ainda, que este artista faz obras muito interessantes, apresentando várias imagens das suas obras e questionando as crianças sobre o que vêm na obra (levando as crianças a referenciar as formas, as cores, tonalidades, linhas, entre outros aspetos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Paleta de cores em grande escala - Imagem de Damien Hirst - Imagens de Grelhas de pontos - Imagens de Pinturas giratórias 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse por conhecer obras artísticas - Explora elementos expressivos de comunicação visual (cor, forma, tonalidade, linhas, etc.) - Fala sobre as imagens que observa
---	---	---	--	---

	<p>5. Desenvolver a criatividade e o sentido estético</p> <p>6. Mostrar interesse e curiosidade pela técnica</p> <p>7. Dar um novo uso aos materiais de uso diário</p>	<p>1ªs obras – Grelhas de pontos (anexo 2)</p> <p>2ªs obras – Pinturas giratória (anexo 3)</p> <p style="text-align: center;">13h30</p> <p>A estagiária questiona as crianças se se lembram das obras que observaram e explica às crianças que como “pequenos artistas” vão criar uma das obras ao estilo de Damien Hirst, a pintura giratória.</p> <p>De seguida, a estagiária apresenta o material que irá ser utilizado para realizar esta obra (pratos de papel, escorredor de saladas e tintas de várias cores), explicando a técnica de pintura que irá ser utilizada. ou seja, colocam o prato de papel dentro do escorredor de salada com umas pingas de tinta, depois giram o escorredor para a tinta espalhar, no final, as crianças obtêm uma pintura giratória.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pratos de papel - Escorredor de salada - Tintas de várias cores 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse e curiosidade pela técnica - Compreende que os materiais de uso diário podem ter várias utilidades
--	--	---	---	--

Anexo 9 – Grelhas de pontos de Damien Hirst



Anexo 10 – Pinturas giratórias de Damien Hirst



Anexo 11 – Planificação da tarefa 3

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Par pedagógico:

Identificação do Jardim de Infância:

Data: 17 novembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades e polivalente

Parceiros Educativos:

Grupo: (nº total de crianças): 24 crianças (4 anos de idade)

Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p>	<p>1. Reconhecer o instrumento</p>	<p><u>3ª tarefa</u></p> <p><i>Quinta-feira</i></p> <p>11h00m</p> <p>A estagiária chama a atenção das crianças para o que está exposto na sala (a paleta de cores em grande escala que as crianças coloriram em</p>	<p>Espaco físico:</p> <p>- Sala de atividades</p>	<p>- Reconhece o objeto – paleta de cores – “Dia dos</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física • Domínio da expressão artística <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 2. Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas 3. Explorar elementos expressivos de comunicação visual 	<p>conjunto), de forma a que as crianças identifiquem quem que é o “Dia dos artistas” e relembra-las que devem colocar os seus crachás para serem “pequenos artistas”, neste dia especial.</p> <p>Depois das crianças se prepararem para serem “pequenos artistas”, colocando os seus crachás, a estagiária provoca a reflexão nas crianças sobre o que irá ser realizado nesse dia, com questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que será que eu preparei hoje para o “Dia dos Artistas”? - O que acham que vamos fazer hoje como “pequenos artistas”? De certeza que não é outra pintura giratória. <p>Depois de ouvir as opiniões das crianças, a estagiária mostra a fotografia de um artista (anexo 4), explicando que, o artista que está a apresentar se chama, Pablo Picasso e é um artista de outro país, que, desde cedo, produziu obras</p>	<p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Paleta de cores – “Dia dos Artistas” - Imagem de Pablo Picasso - Imagens de quadros do artista 	<p>Artistas”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse por conhecer obras artísticas - Explora elementos expressivos de comunicação
---	--	---	---	---

	<p>4. Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê</p>	<p>muito criativas. Esclarece, ainda, que este realizou uma série de “construções” / colagens, utilizando vários materiais. Como por exemplo: papel, areia, cordas, cartão, madeira e mesmo metal. Picasso foi um criativo não só nos materiais como nas técnicas, chegou a usar penas de pombas em vez de pincel.</p> <p>Posto este momento de apresentação do artista, a estagiária mostra às crianças várias imagens das suas obras, questionando as crianças sobre o que vêm em cada uma das obras, com questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que objetos conseguimos observar na obra? - Que cores observamos? - As cores são claras? Escuras? - As linhas são todas iguais? <p><u>Obras a apresentar:</u></p> <p>1ªs obras: Pinturas (anexo 2)</p>	<p>- Imagens de colagens do artista</p>	<p>visual (cor, forma, tonalidade, linhas, etc.)</p> <p>- Fala sobre as imagens que observa</p>
--	--	---	---	---

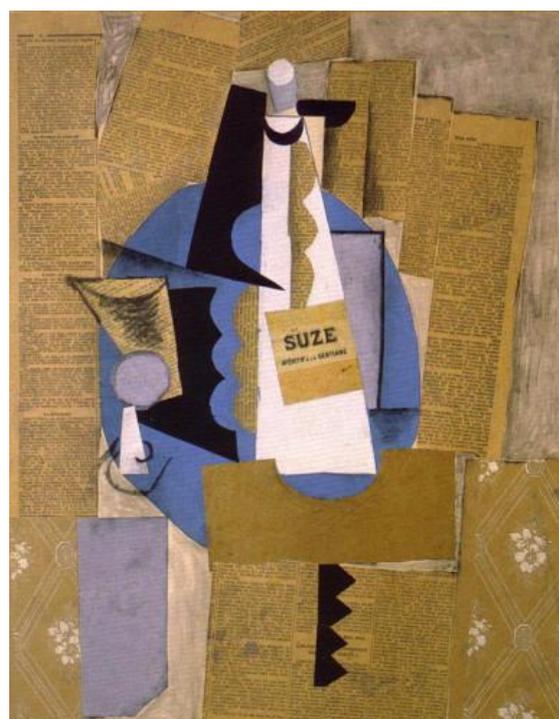
	<p>5. Mostrar interesse e curiosidade pela técnica</p> <p>6. Desenvolver a criatividade e o sentido estético</p> <p>7. Dar um novo uso aos materiais reciclados e elementos da natureza</p>	<p>2^{as} obras: Construções / colagens (anexo 3)</p> <p>13h00m</p> <p>A estagiária explica às crianças que, mais uma vez, como “pequenos artistas” vão criar uma obra ao estilo de Picasso, realizando uma colagem com diferentes materiais.</p> <p>Para isso, as crianças vão ao exterior (acompanhadas pelas estagiárias) para observarem a natureza e ver o que poderá ser recolhido para fazer “construções” / colagens com diversos materiais, como por exemplo folhas, areia, paucinhos e, ainda, materiais que podemos encontrar na sala de atividades, como tampas de garrafas, palhinhas, papel de jornal e revistas.</p> <p>De volta à sala de atividades, a estagiária reúne todas as crianças na roda para ver o que cada uma recolheu.</p> <p>Depois de cada criança ter a oportunidade de</p>	<p>Espaço físico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Materiais recolhidos pelas crianças - Folha de desenho - Cola 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse e curiosidade pela técnica - Apresenta criatividade e imaginação nos trabalhos que realiza - Compreende que os materiais reciclados e os elementos da natureza podem ter várias utilidades
--	---	--	---	---

		mostrar os materiais que recolheu, vão para os seus lugares na mesa de atividades para realizar a uma colagem.		
--	--	--	--	--

Anexo 12 - Pintura de Pablo Picasso



Anexo 13 – Construção de Pablo Picasso



Anexo 14 – Planificação tarefa 4

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Par Pedagógico:

Identificação do Jardim de Infância:

Data: 28 novembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades e polivalente

Parceiros Educativos:

Grupo: (nº total de crianças): 24 crianças (4 anos de idade)

Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p>	<p>1. Reconhecer o instrumento</p>	<p><u>4ª tarefa</u></p> <p><i>Segunda-feira</i></p> <p>11h00m</p> <p>A estagiária espera que as crianças ao chegarem, à sala de atividades, identifiquem que é o “Dia dos Artistas”. Se isso não acontecer, ques-</p>	<p>Espaço físico:</p> <p>- Sala de atividades</p>	<p>- Reconhece o objeto – paleta de cores “Dia dos</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física • Domínio da expressão artística <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>2.Explorar conto e reconto de uma história</p> <p>2.1 Desenvolver o gosto pela leitura</p> <p>2.2 Estimular o aumento do campo lexical</p>	<p>tiona as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não observam nada na sala? - Que dia será hoje? <p>A estagiária provoca a reflexão nas crianças sobre o que irá ser realizado nesse dia especial, colocando as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que será que eu preparei hoje para o “dia do artista”? - O que acham que vamos fazer hoje como “pequenos artistas”? <p>Após ouvir as opiniões das crianças, a estagiária apresenta o livro “O artista que pintou um cavalo azul” de Eric Carl (anexo 1).</p> <p>De seguida, explora a capa e o título, de forma a que as crianças a formulem hipóteses sobre o conteúdo do livro. Nesta exploração, a estagiária coloca questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que observamos na capa? 	<p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Paleta de cores do “Dia dos Artistas” - Crachás “Dia dos Artistas” <p>- Livro: “O artista que pintou um cavalo azul”</p>	<p>Artistas”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresenta gosto pela audição de histórias - Demonstra um campo lexical alargado para a faixa etária
---	---	--	--	---

	<p>2.3 Aumentar a capacidade de argumentação e exposição de ideias</p>	<p>- De que cor é o cavalo? - Existem cavalos azuis? - O que acham que vai acontecer na história?</p> <p>Depois das hipóteses formuladas, a estagiária inicia a leitura do mesmo.</p> <p>Este livro foi escolhido por entrar no imaginário das crianças com um pintor a pintar um cavalo azul, um leão verde e uma raposa roxa.</p> <p>Após a leitura é realizada a exploração da história, com questões como:</p> <p>- Que animais pintou este o artista da história? - Que cores tinham estes animais? - E os animais reais têm estas cores? - Já viram algum cavalo azul? - Quais são as cores dos cavalos?</p> <p>Posto o momento de exploração, a estagiária questiona as crianças:</p> <p>- Quem será que pintou o cavalo azul e todos os</p>	<p>- Argumenta e defende a sua opinião quando solicitado</p> <p>- Ordena dados e acontecimentos</p>
--	--	---	---

	<p>3. Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas</p> <p>4. Explorar elementos expressivos de comunicação visual</p> <p>5. Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê</p>	<p>outros animais com cores diferentes?</p> <p>- Este é um pintor mesmo criativo e com muita imaginação. Porquê?</p> <p>De seguida, dramatiza que foi procurar e descobriu qual foi o artista que o pintou, mostrando a fotografia do artista, explicando que, esse se chama Franz Marc (anexo-2) é um pintor de outro país e muito conhecido pelas suas pinturas de animais com cores brilhantes, fora do vulgar e irrealistas. Como as suas pinturas de cavalos azuis são especialmente famosas.</p> <p>Após apresentar o artista, a estagiária mostra às crianças várias imagens das suas obras (anexo-3), questionando as crianças sobre o que observam nas mesmas, com perguntas como:</p> <p>- Que animal está presente na obra?</p> <p>- O animal é desta cor?</p> <p>- Que cores observamos?</p> <p>- As cores são claras? Escuras?</p>	<p>- Imagem da fotografia de Franz Marc</p> <p>- Imagem das obras: cavalo azul, raposa roxa e vaca amarela</p>	<p>- Mostra interesse por conhecer obras artísticas</p> <p>- Explora elementos expressivos de comunicação visual (cor, forma, tonalidade, linhas, etc.)</p> <p>- Fala sobre as imagens que observa</p>
--	--	---	--	--

	<p>6. Desenvolver a criatividade e o sentido estético</p> <p>7. Mostrar interesse e curiosidade pela técnica</p>	<p>- O animal está de frente ou de lado?</p> <p>- Conseguimos ver os dois olhos (orelhas ou todos as patas)?</p> <p>13h30m</p> <p>A estagiária, esclarece as crianças que neste dia especial, em que são “pequenos artistas”, vão criar uma obra ao estilo de Franz Marc, realizando uma pintura criativa de um animal, segundo o seu imaginário.</p> <p>Para isso, é distribuído a cada criança um pequeno cavalete, elaborado em cartão (com tamanho suficiente para colocar uma folha A3) (anexo 4), para que desta forma a criança tenha a oportunidade de se imaginar como um pintor e criar a sua obra de arte.</p>	<p>- Cavalete em cartão</p> <p>- Folhas de desenho</p> <p>- Tintas guache de várias cores</p> <p>- Pincéis</p>	<p>- Mostra interesse e curiosidade pela técnica</p> <p>- Apresenta criatividade e imaginação nos trabalhos que realiza</p>
--	--	--	--	---

Anexo 15 – Livro “O artista que pintou um cavalo azul” de Eric Carle

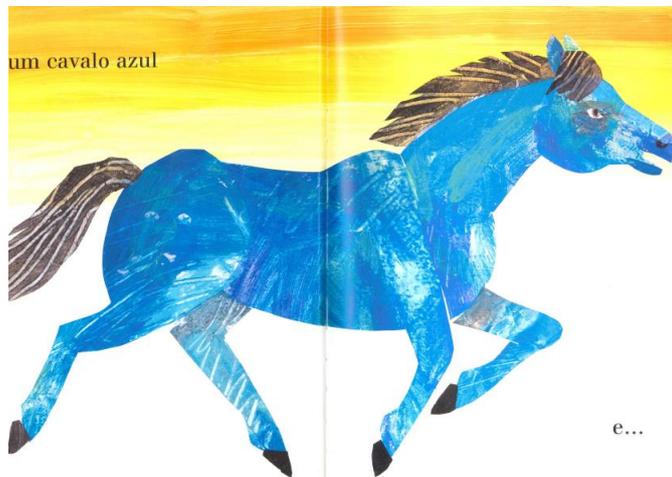


Sou um artista



e pinto...

um cavalo azul

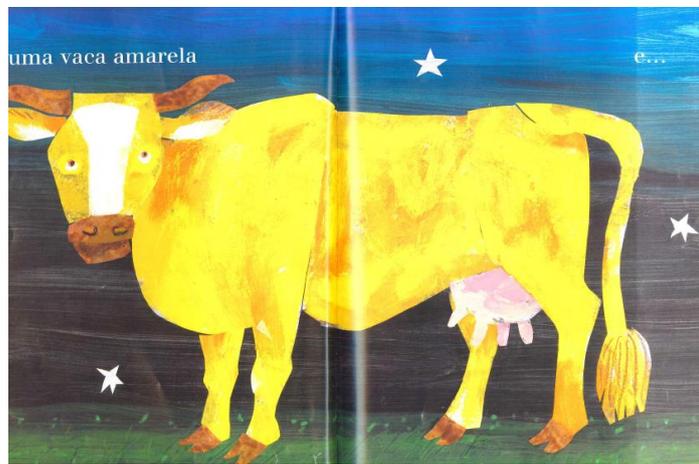


e...



um crocodilo vermelho

e...



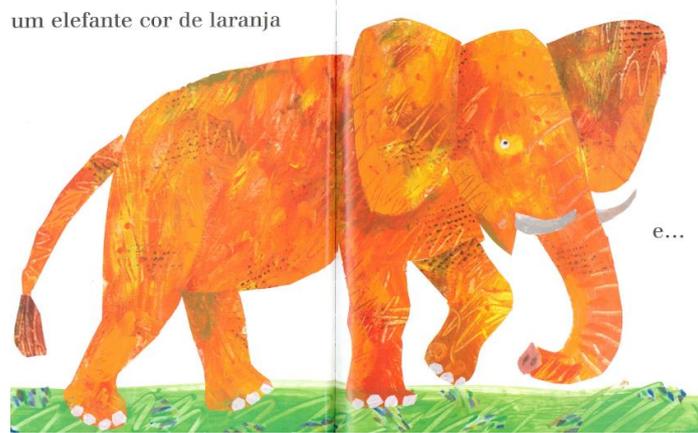
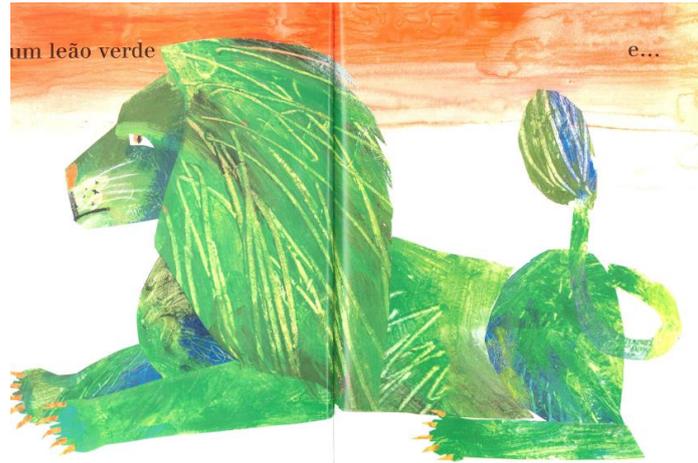
uma vaca amarela

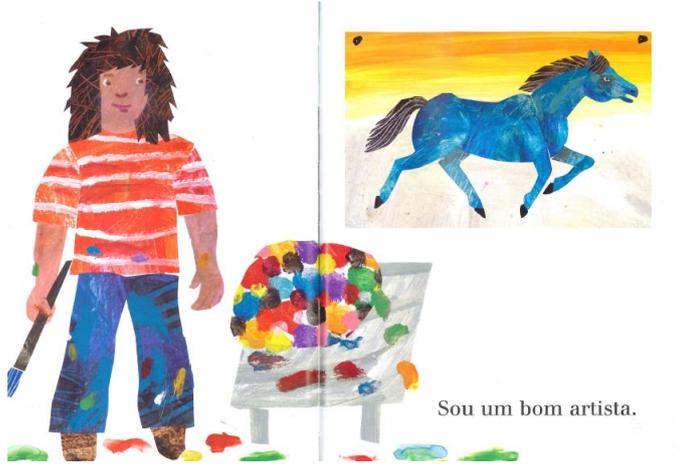
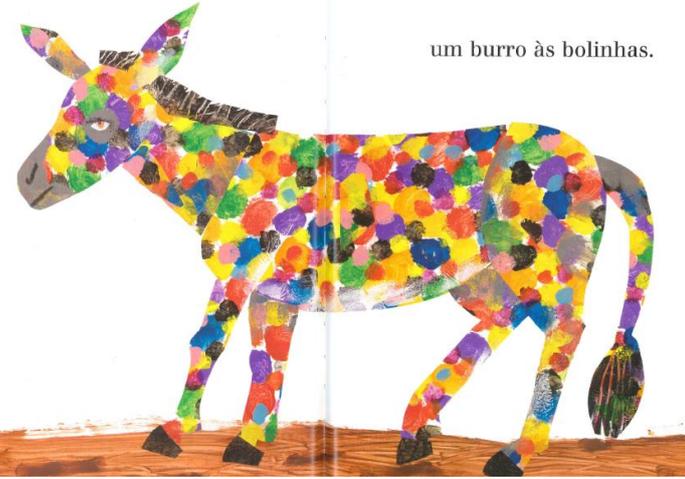
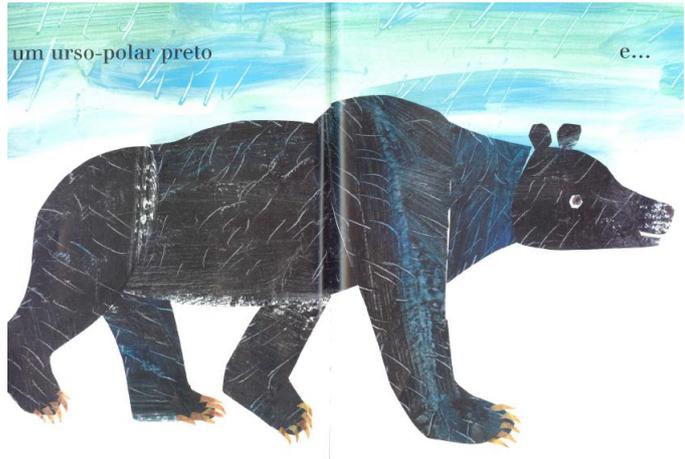
e...



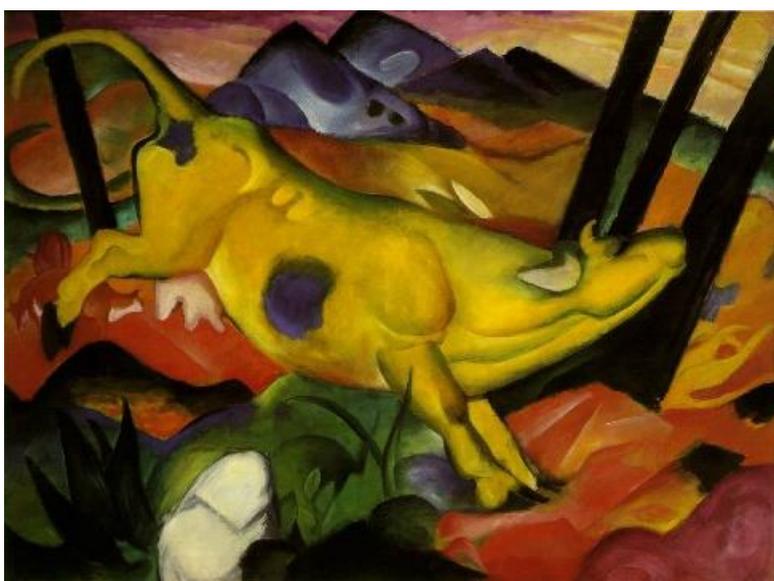
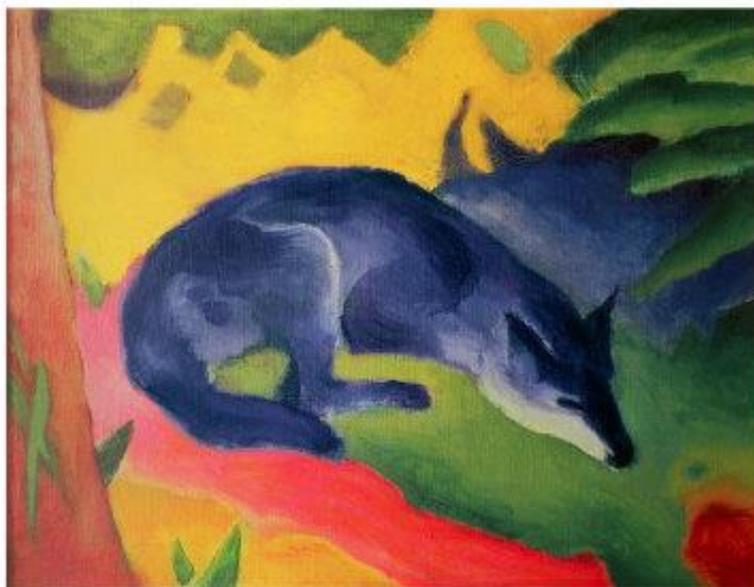
um coelho
cor-de-rosa

e...





Anexo 16 – Obras de Franz Marc (cavalo azul, raposa roxa e vaca amarela)



Anexo 17 – Planificação tarefa 5

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Par Pedagógico:

Identificação do Jardim de Infância:

Data: 12 de dezembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades e polivalente

Parceiros Educativos:

Grupo: (nº total de crianças): 25 crianças (4 anos de idade)

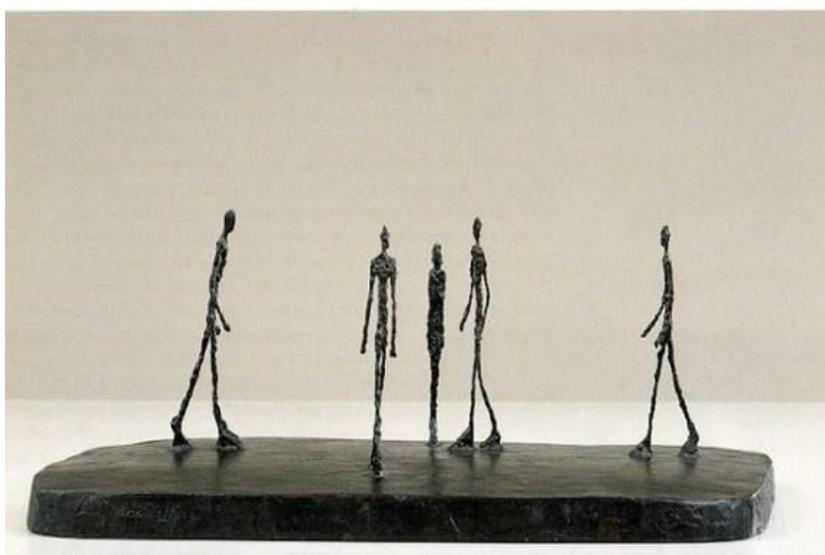
Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física 	<p>1. Reconhecer o instrumento</p>	<p><u>5ª tarefa</u></p> <p><i>Segunda-feira</i></p> <p>11h00</p> <p>A estagiária chama a atenção das crianças para o que está exposto na sala (a paleta de cores em grande escala que as crianças coloriram em</p>	<p>Espaco físico:</p> <p>- Sala de atividades</p>	<p>- Reconhece o objeto – paleta de cores “Dia dos</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da expressão artística <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p style="text-align: center;">Área do Conhecimento do Mundo</p>		<p>conjunto), no caso de ao entrar na sala estas não o verificarem. Nesse momento, questiona as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Porquê que a paleta está exposta? - Qual é este dia especial? - O que é que costumamos fazer neste dia? - O que acham que vamos fazer hoje? <p>Depois das crianças colocarem os seus crachás do “dia do artista”, a estagiária provoca a reflexão nas crianças sobre o que irá ser realizado nesse dia especial, colocando as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que será que eu preparei hoje para o “dia do artista”? - Já fizemos pinturas giratórias, colagem e, também, pintamos num cavalete. Hoje de certeza que não vamos repetir essas modalidades de artes visuais. O que acham que vamos fazer hoje como “pequenos artistas”? 	<p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Paleta de cores do “Dia dos Artistas” - Crachás “Dia dos Artistas” 	<p>Artistas”</p>
---	--	---	--	------------------

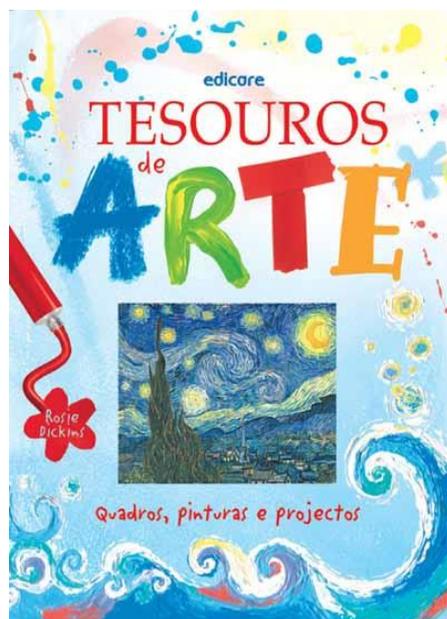
	<p>2. Estimular o acesso à arte e à cultura artísticas</p> <p>3. Explorar elementos expressivos de comunicação visual</p> <p>4. Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê</p>	<p>Após ouvir as opiniões das crianças, a estagiária mostra ao grupo o livro “Tesouros de Arte” (anexo 1), para apresentar um novo artista. Nesse momento, mostra uma imagem com a fotografia de Alberto Giacometti (anexo 2), muito conhecido pelas suas pinturas e, principalmente, pelas suas esculturas.</p> <p>Seguidamente a apresentação do artista, a estagiária mostra às crianças várias imagens das suas obras (anexo 3), questionando as crianças sobre o que vêm em cada uma das obras, com questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que figuras conseguimos observar nas esculturas de Alberto Giacometti? - Sabem como se chamam estas figurinhas? - Qual é a cor das suas esculturas? - Qual é a espessura das figuras? São grossas ou finas? 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro “tesouros de arte” - Imagem da fotografia de Alberto Giacometti - Imagem das obras 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse por conhecer obras artísticas - Explora elementos expressivos de comunicação visual (cor, forma, linhas, etc.) - Fala sobre as imagens que observa
--	--	--	--	---

	<p>5.Desenvolver a criatividade e o sentido estético</p> <p>6.Mostrar interesse e curiosidade pela técnica</p>	<p style="text-align: center;">13h30m</p> <p>A estagiária elucida as crianças que, neste dia especial, como “pequenos artistas” vão criar as suas próprias figuras ao estilo de Alberto Giacometti, realizando uma escultura de uma figura, segundo o seu imaginário, para isso, colocam os seus crachás.</p> <p>Para exemplificar, o livro “Tesouros de arte” lançava a proposta de construção de figuras, onde estão apresentadas imagens de figuras humana e um cão.</p> <p>Para a realização da escultura, são distribuídos a cada criança vários “limpa cachimbos”, para criar a forma e folhas de alumínio, para cobrir os “limpa-cachimbos”, para que desta forma a criança molde e crie a sua escultura.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Livro: “Tesouros de Arte” - Limpa-Cachimbos - Folhas de papel de alumínio 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra interesse e curiosidade pela técnica - Apresenta criatividade e imaginação nos trabalhos que realiza
--	--	--	---	--

Anexo 18 – Esculturas de Alberto Giacometti (o gato e a cidade)



Anexo 19 – Livro “Tesouros de Arte” de Rosie Dickins (“figuras em papel de alumínio”)



Anexo 20 – Planificação tarefa 6

Planificação das Atividades

Responsável pela implementação: Renata Vasconcelos

Par Pedagógico:

Identificação do Jardim de Infância:

Data: 13 de dezembro de 2016

Ambiente Educativo: Sala de atividades e polivalente

Parceiros Educativos:

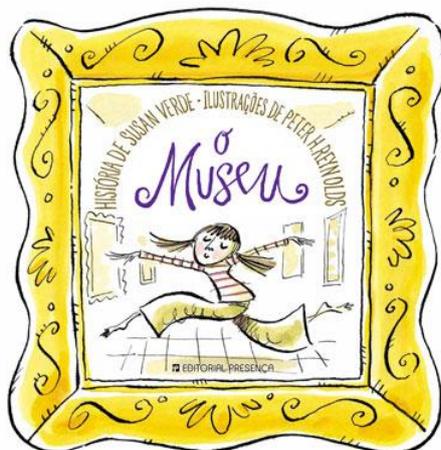
Grupo: (nº total de crianças): 24 crianças (4 anos de idade)

Área(s) e Domínio(s) de Ensino e aprendizagem	Competência/Objetivos	Atividades (Estratégia/ sequência/descrição da atividade/organização do grupo)	Recursos materiais/espacos físicos	Avaliação (O que se pretende que a criança aprenda)
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação física 	<p>1. Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficaz-</p>	<p><u>6ª tarefa</u></p> <p><i>Terça-feira</i></p> <p>09h00</p> <p>A estagiária provoca a reflexão nas crianças sobre o trabalho que têm realizado nos “dias do artista”. Colocando questões como por exem-</p>	<p>Espaço físico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala de atividades 	<ul style="list-style-type: none"> - Consegue transmitir as suas ideias ao grupo - Comunica com clareza

<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da expressão artística <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio de artes visuais - Subdomínio de da dramatização - Subdomínio da música - Subdomínio da dança • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Domínio da matemática <p style="text-align: center;">Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p>mente de modo adequado à situação</p> <p>2. Explorar conto e reconto de uma história</p> <p>2.1 Desenvolver o gosto pela leitura</p> <p>2.2 Estimular o aumento do campo lexical</p> <p>2.3 Aumentar a capacidade de argumentação e exposição de ideias</p>	<p>plo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ainda se lembram dos artistas que conhecemos no “Dia dos Artistas”? - Quais foram as obras de arte que nos conhecemos? <p>(A estagiária relembra e mostra as fotografias das obras de cada um dos artistas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com que materiais realizamos esta obra ao estio do artista? <p>Depois de ouvir as crianças, a estagiária apresenta às crianças o livro “O Museu” de Susan Verde (anexo 1), onde explora a capa e o título da história, de forma a que as crianças a formulem hipóteses sobre o seu conteúdo. Nesta exploração, a estagiária coloca questões como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que observamos na capa do livro? - O que estará a menina a fazer? - O que acham que vai acontecer na história? 	<p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imagens das obras dos artistas - Livro “O Museu” de Susan Verde 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta gosto pela audição de histórias - Demonstra um campo lexical alargado para a faixa etária - Argumenta e defende a sua opinião quando solicitado - Ordena dados e aconte-
---	--	--	---	---

		<p>Depois das hipóteses formuladas, a estagiária inicia o conto da história.</p> <p>Após a leitura é realizada a exploração da história, com questões como:</p> <p>Como é que a menina se sentia quando via uma obra de arte?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em cada obra a menina sentia-se de maneiras diferentes. Como se sentia? (mostra imagens do livro) - O que ela imaginou quando viu o quadro em branco? - A menina gostava de estar no museu? <p>A exploração desta leitura, servirá de mote para a estagiária esclarecer às crianças que como o museu da história, a estagiária também irá organizar um “museu” / exposição dos trabalhos realizados pelas crianças nos “dias dos artistas”.</p>		cimentos
--	--	---	--	----------

Anexo 21 – Livro “O museu” de Susan Verde



Quando vejo
uma obra de
arte, algo
acontece no
meu coração.



Não consigo
controlar a minha
reação. O meu corpo
entra logo em
movimento.



Este quadro leva-
me a querer fazer
uma pose e ficar
em ponta dos pés.



Agora apetece-me rodopiar,



e dar muitas reviravoltas.





Ufa!
Estov exausta.



Respiro fundo.
Mal posso esperar para ver
o que se segue!

Hummm... Acho que vou pensar



sobre quem, o quê, onde e porquê.



Agora sinto-me tão
triste e melancólica
— cada vez mais
infeliz e sozinha.



Apetece-me comer
alguma coisa.
Aquelas maçãs
parecem tão
saborosas!





Agora ando a saltitar num campo em flor.
Poderia andar assim durante horas.
O campo é perfumado,
macio e encantador.

De repente, tudo se torna assustador!



Faço caretas
a este rapaz.
Foi ele quem começou!



Não estou a mentir!

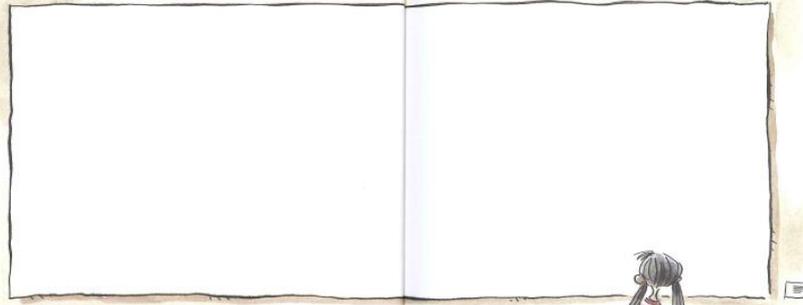
Estas linhas e rabiscos fazem-
me sentir um bocadinho tonta..
Até caio no chão a rir!



Esperem lá!
O que é isto?



Um quadro todo branco diante de mim!



Onde estão as cores?
O que significa isto?
É a obra de arte mais
estranha que eu já vi!



Será uma piada?
Fecho os olhos e,
para meu espanto,
algo começa a
acontecer.



Começo a ver coisas
na minha cabeça:
amarelo, azul, depois
vermelho e verde;
círculos, linhas, todo o
gênero de formas; caras,
flores e paisagens.



Abro os olhos
e observo de novo
a tela que tinha
visto antes...





O quadro já não está em
branco, é a minha criação...



E eu sinto-me tão inspirada!



Sinto energia da cabeça aos pés,



mesmo quando chega a hora de sair.

À noite, o museu
está fechado, mas
eu sei que está
tudo bem.



O seu ritmo está
em tudo o que vejo.
O museu vive
dentro de mim.





Anexo 22 – Convite para a exposição: Artistas de Palmo e Meio

Convite

Semana dos “Artistas de Palmo e Meio”

Inspiradas em diferentes artistas e técnicas e com muita criatividade, as crianças da Sala X do Jardim de Infância querem mostrar que são verdadeiras artistas. Vocês, pais e/ou Encarregados de Educação, não poderão deixar de observar a “arte” feita pelo(a) seu(sua) filho(a).

Período de exposição: de 16 a 20 de janeiro

Local: Corredores do Jardim de Infância

Horário: Nos momentos de entrada e saída das crianças

Esperamos sua visita!

A educadora estagiária Renata Vasconcelos

Anexo 23 – Cartazes dos artistas Damien Hirst, Pablo Picasso, Franz Marc e Alberto Giacometti

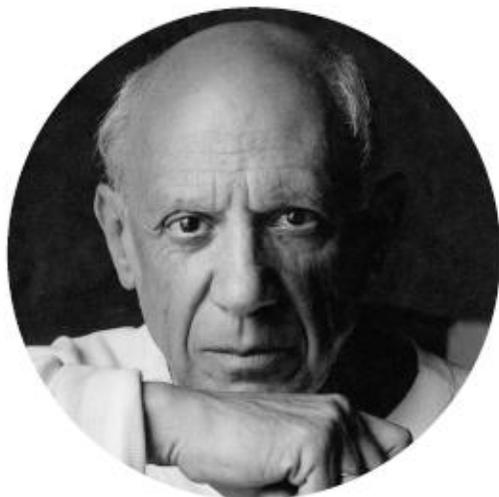


Damien Hirst nasceu na Inglaterra em 1965. Primeiro tinha más notas a arte, mas mais tarde, depois de duas tentativas, conseguiu entrar na escola superior de arte. Aí organizou exposições que tiveram um enorme êxito. As obras mais populares, deste artista, são as grelhas com pontos coloridos e as pinturas giratórias.

Este quadro foi feito vertendo tinta sobre uma tela giratória. O movimento rotativo empurrava a tinta para o extremo da tela criando um efeito riscado. Hirst disse que esta técnica se inspirava num programa de televisão para crianças que viu uns anos antes.



"Spin Paintings"

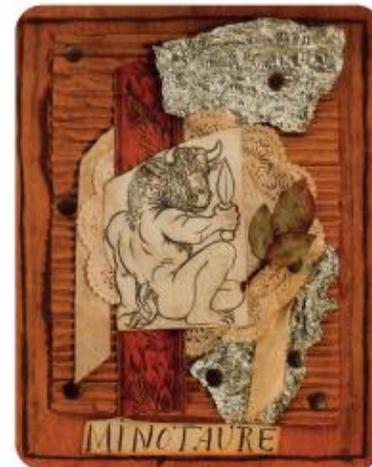


Pablo Picasso nasceu em Espanha em 1881. Começou a desenhar antes de aprender a falar e o pai, professor de arte, incentivou o seu talento natural. Picasso criou mais de 20.000 obras de arte e tornou-se um dos artistas mais famosos do mundo. Existem vários museus dedicados ao seu trabalho.

Pablo Picasso realizou uma série de “construções” (colagens), utilizando vários materiais. Como por exemplo: papel, areia, cordas, cartão, madeira e mesmo metal. Picasso foi um criativonão só nos materiais como nas técnicas, chegou a usar penas de pombas em vez de pincel.



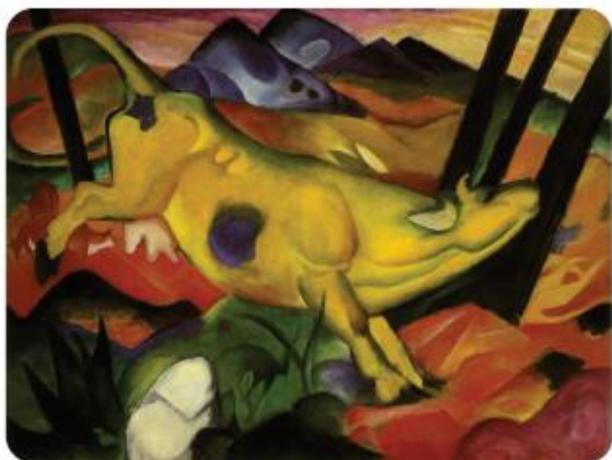
“Glass and bottle of Suze”



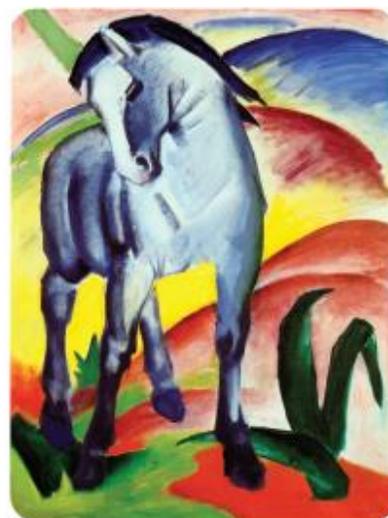
“Minotaur”



Franz Marc nasceu na Alemanha em 1800. Gostava de pintar animais com cores brilhantes e fora do vulgar. Na altura, alguns críticos mais tradicionais levantaram objeções às suas novas ideias e pinturas pouco convencionais, formalmente estilizadas e de cores irrealistas. As pinturas de cavalos azuis, de Marc, são particularmente famosas.



"Yellow Cow"



"Blue Horse"



Alberto Giacometti nasceu na Suíça em 1901. Não era o único artista da família – o pai pintava e o armazém esculpia. Durante algum tempo, Giacometti fez esculturas ínfimas. Tão pequenas, que todo o seu trabalho de quatro anos cabia em seis caixas de fósforos. Depois começou a fazer coisas maiores, com figuras finíssimas, que o tornaram famoso. As pessoas admiravam a forma como ele captava a dor e a incerteza da vida moderna.



"The City"



"The Cat"